



**Instituto
PIAGET**

Campus Universitário de Almada
Escola Superior de Educação Jean Piaget

Mafalda Maria da Silva Ferreira Meireles

**Qual o contributo das relações intergeracionais
para a aprendizagem de valores e atitudes em
crianças do 3 aos 10 anos: um estudo de caso.**

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Professora Doutora Ana Cristina Cruz Gonçalves

Almada 2017



**Instituto
PIAGET**

Campus Universitário de Almada
Escola Superior de Educação Jean Piaget

Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada

Relatório final de prática de ensino supervisionada apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (2.º ciclo de estudos), ao abrigo do Despacho n.º 1105/2010 (Diário da República, 2.ª série – n.º 10 - 15 de janeiro de 2010).

**Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino
Básico**

Orientador: Professora Doutora Ana Cristina Cruz Gonçalves
Discente: Mafalda Maria da Silva Ferreira Meireles

Almada 2017

Dedicatória

A todas as estrelas que iluminam a minha vida e que me ajudaram a acreditar
que era possível!

Agradecimentos

À Professora Doutora Ana Cristina Cruz Gonçalves, minha professora e orientadora, por ter instigado em mim, desde a entrevista dos maiores de 23, o espírito de luta, que me incita a acreditar que consigo sempre mais e melhor. Foi um prazer ser sua aluna, e ter podido contar com o seu rigor e disponibilidade na realização desta investigação

A todos os professores que acompanharam o meu percurso académico, por me terem transmitido as bases que farão de mim uma melhor profissional.

A todos os orientadores cooperantes, instituições e restante comunidade educativa, que se mostraram tão disponíveis para participar neste estudo partilhando as suas opiniões e perspetivas, contribuindo assim para a concretização desta investigação.

Às “mochas” por estarem sempre lá, por termos partilhado tantos momentos, por saber que posso e sempre pude contar com o seu apoio e amizade e por terem passado a fazer parte da minha família.

Às minhas filhas a quem faltei algumas vezes, para cumprir este objetivo e que embora sentindo a minha falta, sempre demonstraram o seu grande amor por mim. E ao meu filho por ter esperado o momento certo para nascer!

Aos meus pais que foram mais do que avós das minhas meninas especialmente à minha mãe, meu pilar, meu tudo e que sempre me apoiou compreendendo as minhas ausências e momentos de grande impaciência que me tornaram intragável. Só posso agradecer este amor incondicional.

Ao meu marido que mesmo ausente fisicamente, esteve sempre presente, demonstrando o grande sentimento que nos une e um grande orgulho em mim.

Às minhas irmãs por terem acreditado sempre que eu ia conseguir. Amo-vos como a mim própria.

Finalmente às minhas amigas, amigos e colegas de trabalho que me incentivaram a continuar e à minha entidade patronal que facilitou todo o meu percurso académico.

Resumo

O presente relatório ambiciona dar resposta a um estudo de caso, em que se pretende aferir qual o contributo das relações intergeracionais na aprendizagem de valores e atitudes em crianças dos 3 aos 10 anos.

Esta investigação surgiu no âmbito do estágio supervisionado onde, tanto da sala de educação pré-escolar como na sala de 1º ciclo do ensino Básico, desenvolvemos um projeto, em que os valores de cidadania eram o mote para a dinamização de atividades. Foi durante as práticas educativas e após duas visitas ao Centro de Dia, que surgiu o objeto do nosso estudo, pois percebemos que a interação entre as crianças e os idosos poderia ser muito benéfica, nomeadamente no âmbito dos valores e atitudes de cidadania.

Depois de definida a problemática a investigar, optámos por intentar na busca de referencial bibliográfico que nos permitisse dominar os conceitos envolvidos. Realizámos uma observação sistemática e inquirimos, através de entrevistas semiestruturadas, a comunidade educativa envolvida no estudo: docentes, técnica de animação sociocultural do centro de dia, crianças e idosos, com o objetivo de obter os seus pareceres e considerações sobre a temática abordada.

A análise e interpretação dos dados revelaram a necessidade de um maior investimento das famílias na educação das crianças. Os resultados obtidos apontam ainda para a urgência de relações de parceria entre as famílias e a escola pois o intercâmbio entre estas duas instituições é primordial para o desenvolvimento das crianças. Os resultados finais da nossa investigação evidenciam ainda que as relações intergeracionais devem acontecer sempre que possível pois para além de acarretarem benefícios sociais e culturais podem ainda contribuir significativamente para a aprendizagem de valores e de atitudes por parte das crianças.

Palavras-chave: Valores, atitudes, relações intergeracionais, educação para a cidadania, envelhecimento, infância.

Abstrat

This report aims to respond to a case study, which seeks to assess the contribution of intergenerational relations in the learning of values and attitudes in children from 3 to 10 years

This research arose within the scope of the supervised stage where, both in the pre-school room and in the first cycle of basic education, we developed a project in which values of citizenship were the motto for the dynamization of activities. It was during the educational practices and after a visit to the Day Center that the object of our study emerged, since we realized that the interaction between children and the elderly could be very beneficial, especially in the scope of values and attitudes.

After defining the problem to be investigated, we opted to try to search for a bibliographic reference that would allow us to master the concepts involved. We conducted a systematic observation and inquired, through semi-structured interviews, the educational community involved in the study: teachers, sociocultural animation technique of the day care center, children and the elderly, with the objective of obtaining their opinions and considerations on the subject addressed.

The analysis and interpretation of the data revealed the need for greater investment by families in the education of children. The results also point to the urgency of partnership relations between families and the school, since the exchange between these two institutions is essential for the development of children. The final results of our research also show that intergenerational relationships should occur whenever possible, as well as having social and cultural benefits that can contribute significantly to children's values and attitudes.

Keywords: Values, attitudes, intergenerational relations, education for citizenship, aging, childhood.

Índice

Agradecimentos	V
Resumo	VI
Abstrat	VII
Índice	VIII
Índice de Quadros	XI
Índice de figuras	XII
Índice de anexos	XIV
Introdução	1
Parte I- Prática Profissional em contexto de Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico	4
1.1.Contextualização da prática profissional	5
1.2.Caracterização da instituição de estágio	9
1.3.Caracterização do grupo de pré-escolar.....	11
1.4.Caracterização do grupo de 1º ciclo	13
1.5.Desenvolvimento da prática profissional e problematização da questão de partida	15
Parte II-Estudo Empírico.....	19
2.1.Enquadramento teórico.....	20
2.2.Objetivos da investigação	30
2.3.Abordagem Metodológica	30
2.4.Técnicas e instrumentos de recolha de dados	32
2.4.1.Observação.....	32
2.4.2.Entrevista	36
2.5.Caracterização dos participantes no estudo.....	42
2.6.Análise de conteúdo dos dados recolhidos	43
2.7.Análise das entrevistas	45

2.8.Perspetivas de Docentes e Animadora Sociocultural	45
2.8.1.Conceções, perspetivas, funções, desempenho e alterações na sociedade	47
2.8.1.1.Conceção de infância	48
2.8.1.2.Conceção de Valores e atitudes	49
2.8.1.3.Alteração dos valores e atitudes das crianças ao longo dos tempos	50
2.8.1.4.Alterações, na sociedade, que interferiram com os valores e atitudes das crianças de hoje	50
2.8.1.5.Responsáveis pela transmissão de valores às crianças.....	51
2.8.1.6.Alterações que deveriam haver na sociedade para que as atitudes das crianças pudessem ser alteradas.	52
2.8.2.Importância da escola, das atividades educativas, identificação de comportamentos, atitudes adotadas	53
2.8.2.1.Importância da Escola na aprendizagem de valores e atitudes.	54
2.8.2.2.As atividades educativas podem promover a aquisição de valores e atitudes	54
2.8.2.3.Identificação de comportamentos e atitudes desajustados na prática profissional.....	55
2.8.2.4.Atitudes adotadas perante comportamentos desajustados	55
2.8.2.5.Atividades promovidas que potenciam a aprendizagem de valores e atitudes e seu contributo.....	56
2.8.3.Conceções: Perspetivas sobre trabalho realizado	57
2.8.3.1.Envelhecimento	58
2.8.3.2.Envelhecimento versus envelhecimento ativo	58
2.8.3.3.Relações intergeracionais	59
2.8.3.4.Contributo que as relações intergeracionais podem ter na aprendizagem de valores e atitudes	60
2.8.3.5.Perspetiva sobre atividades realizadas com o grupo.....	61

2.8.3.6.Alterações e reações verificadas	61
2.9.Perspetivas de Crianças e idosos.....	62
2.9.1.Perspetivas sobre o trabalho realizado	63
2.9.1.1.Atividades realizadas.....	63
2.9.1.2.Perspetiva sobre as atividades realizadas.....	64
2.9.1.3.Valores e atitudes trabalhados nos encontros intergeracionais promovidos	66
2.10.Triangulação dos dados obtidos	67
2.10.1.Concepções, perspectivas, funções, desempenho e alterações na sociedade.....	68
2.10.2.Importância da escola, das atividades educativas, identificação de comportamentos, atitudes adotadas	70
2.10.3.Concepções; Perspetivas sobre trabalho realizado	73
2.10.4.Atividades realizadas	77
2.10.5.Perspetivas sobre as atividades realizadas	78
2.10.6.Valores e atitudes trabalhados nos encontros intergeracionais promovidos.....	79
Parte III-Considerações finais	80
3.1.Conclusão.....	81
Bibliografia.....	89
Webgrafia	93
Legislação consultada.....	94
Anexos	95

Índice de Quadros

Quadro 1:Idades das crianças de pré-escolar.....	12
Quadro 2:Idades das crianças do 1º ano do ensino básico.....	13
Quadro 3:Temas e objetivos do guião de entrevista efetuado a educadora de pré-escolar e professora do 1º ciclo do ensino básico.....	39
Quadro 4:Temas e objetivos do guião de entrevista efetuada a animadora sociocultural do Centro de dia.....	40
Quadro 5:Temas e objetivos do guião de entrevista efetuada as crianças	41
Quadro 6:Temas e objetivos do guião de entrevista efetuada os idosos	41
Quadro 7:Idosos entrevistados, por género	43
Quadro 8:Crianças entrevistadas, por género e por valência	43
Quadro 9:Percentagem de respostas das crranças e idosos à questão "Qual a palavra que exprime o que sentiram durante as atividades?"	65

Índice de figuras

Figura 1:Preparação do cartaz com a receita de bolachas de limão para oferecer aos idosos, feito pelas crianças do pré-escolar.....	121
Figura 2:Cartaz com a receita das bolachas de limão.....	121
Figuras 3 e 4:Confeção das bolachas de limão para levar aos idosos,.....	122
Figura 5:Convívio com os idosos e distribuição das bolachas de limão pelos idosos.....	123
Figura 6:Grupo de cantares a atuar para as crianças do pré-escolar	123
Figura 7:Oferta da boneca de trapos construída pelos idosos, às crianças do pré-escolar.....	123
Figura 8:Visita das crianças do pré-escolar, aos animais da quinta, no Centro de Dia.....	124
Figura 9: Visita das crianças do pré-escolar, à horta do Centro de dia.....	124
Figura 10:Preparação das crianças do pré-escolar para a dramatização da história "Os três Reis Magos".....	125
Figura 11:Preparação das crianças do pré-escolar para a dramatização da história " Os três Reis Magos".....	125
Figura 12:Dramatização da história "Os Três Reis Magos" com as crianças do pré-escolar e os idosos	126
Figura 13:Dramatização da história "Os Três Reis Magos" com as crianças do pré-escolar e os idosos	126
Figura 14:Dramatização da história "Os Três Reis Magos" com as crianças do pré-escolar e os idosos	126
Figura 15:Dramatização da História "O nabo gigante" para os idosos, apresentada pelas crianças do 1º ciclo do ensino básico	127

Figura 16:Apresentação das personagens interpretadas pelas crianças do 1º ciclo do ensino básico e convívio com os idosos	127
Figura 17:Atuação do grupo de cantares do Centro de Dia, para as crianças do 1º ciclo do ensino básico	128
Figura 18:Visita das crianças do 1º ciclo do ensino básico, à horta do Centro de Dia.....	128
Figura 19:Visita das crianças do 1º ciclo do ensino básico, aos animais da quinta do Centro de Dia.....	128

Índice de anexos

Anexo I: Licença de distribuição não exclusiva- Repositório comum	96
Anexo II: Declaração de Autorização de depósito no repositório comum.....	97
Anexo III: Guiões de Entrevista	98
A. Guião de entrevista da Educadora de Infância e Professora de 1º Ciclo do Ensino Básico	99
B. Guião de entrevista da animadora sociocultural do Centro de dia.....	102
C. Guião de entrevista das crianças.....	105
D. Guião de entrevista dos idosos.....	107
Anexo IV: Quadro síntese de análise de conteúdo das entrevistas.....	110
A. Quadro síntese de análise de conteúdo da entrevista da professora cooperante do 1º ciclo	111
B. Quadro síntese de análise de conteúdo da entrevista da educadora do grupo de pré-escolar.....	114
C. Quadro síntese de análise de conteúdo da entrevista à Animadora sociocultural do Centro de Dia.....	116
D. Exemplo de quadro síntese da entrevista a um dos idosos.....	118
E. Exemplo de quadro síntese da entrevista a uma das crianças.....	119
Anexo V: Registos fotográficos das atividades intergeracionais.....	120
A. Preparativos da primeira visita das crianças do pré-escolar, aos idosos	121
B. Primeira visita das crianças do pré-escolar aos idosos do Centro Dia	123
C. Segunda visita das crianças de pré-escolar aos idosos do Centro de Dia	125

D. Visita das crianças do 1º ciclo do ensino básico aos idosos do Centro de
Dia 127

Introdução

De acordo com Azevedo (citado em Tedesco,1999) “vivemos tempos de uma acelerada transição cultural” (p.9). Esta situação deve fazer-nos repensar quais as atitudes que podemos mudar para, e ainda segundo o mesmo autor “vivermos juntos, vivermos solidariamente, construirmos uma Terra habitável, onde cada ser humano seja respeitado e estimulado a viver em paz e em dignidade” (p.10).

Segundo Santos (2005a) “aprender pela cidadania é desenvolver um espírito de cidadania através de experiências concretas de participação crítica. É equacionar o conceito de cidadania através de contextos locais nomeadamente, através de contextos públicos, familiares, escolares, de trabalho e de lazer” (p.112).

O fenómeno do envelhecimento, assumido como uma tendência global do século XXI, segundo dados do INE (2002), é em Portugal, uma realidade que nos intima a otimizar recursos e atuar junto dos idosos, para que estes possam participar ativamente na sociedade onde estão integrados.

O envelhecimento não pode ser encarado como um problema, mas sim como uma etapa natural do ciclo de vida. Este é um desafio que as sociedades enfrentam, e para o qual é premente direcionar um olhar positivo e empreender em ações consertadas e coletivas, que objetivem a participação das diferentes gerações em atos de partilha e solidariedade.

Segundo Beltrão e Nascimento (2000) é consensual que o papel central da educação passa por preparar cidadão para o futuro, visando fazer a ligação com as comunidades envolventes. É ainda corroborado pelas mesmas autoras que a escola deverá ter como meta a promoção de uma cidadania ativa para que se consiga quebrar estereótipos e preconceitos promovendo o convívio de gerações distintas com vista à partilha de conhecimentos e saberes.

O presente trabalho consiste na apresentação de um estudo que se insere no âmbito metodológico da investigação qualitativa e que tem como objetivo aferir qual o contributo que os projetos intergeracionais podem ter na educação das crianças, tentando assim responder à questão “Qual o contributo das relações

intergeracionais para a aprendizagem de valores e atitudes em crianças dos 3 aos 10 anos”.

Deve evidenciar-se que este projeto de investigação não ambiciona a obtenção de certezas absolutas. Pretende-se sim, refletir sobre a temática proposta e perceber de que forma a relação entre diferentes gerações pode contribuir para a aprendizagem dos valores e atitudes necessários à preparação de cidadãos conscientes e civicamente bem formados.

Com base na observação direta das ações desenvolvidas, bem como em entrevistas realizadas à comunidade educativa envolvida no projeto: à educadora de infância, à professora de 1º ciclo do ensino básico, aos idosos, às crianças e também à técnica responsável pela animação sociocultural do Centro de Dia onde decorreram as atividades, esta investigação enquadra-se, como já foi referido, no paradigma do modelo qualitativo, que pelo seu cariz interpretativo e suas especificidades tem as características de um estudo de caso.

Fundamentado na interpretação dos dados recolhidos e também num referencial teórico bibliográfico, pretende-se encontrar respostas fidedignas que nos ajudem a responder à questão de partida.

Em termos de estrutura o presente relatório está dividido em três partes, precedidas de uma introdução onde, para além de explicitarmos as intencionalidades e motivações que nos levaram a realizá-lo, fizemos também uma descrição estrutural do mesmo.

Na primeira parte, contextualizamos a prática profissional em pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico, refletindo sobre os pressupostos que nos guiaram na dinamização das atividades realizadas durante o estágio, caracterizámos a entidade cooperante onde realizámos as nossas investigações e apresentamos a problematização que deu mote ao nosso estudo.

Na segunda parte focamos a nossa atenção na apresentação do estudo empírico. É neste momento que procedemos ao enquadramento teórico, definindo os conceitos subjacentes à temática abordada e indicámos o nosso objeto de estudo. Descrevemos também os métodos e procedimentos utilizados na realização da investigação. Finalmente apresentámos a análise dos

resultados, que nos permitiu, suportados pelo referencial bibliográfico consultado, cruzar os dados recolhidos e efetuar a triangulação dos mesmos.

Na terceira parte figuram as considerações finais onde nos permitimos refletir sobre o contributo do estágio e também da construção do relatório final para o nosso desenvolvimento profissional. Acrescentámos ainda alguns aspetos que considerámos relevantes, nomeadamente a descrição, algumas limitações sentidas e as conclusões essenciais deste trabalho de investigação. Finalmente propusemos também algumas sugestões de trabalho/intervenção que gostaríamos que fossem implementadas pela comunidade educativa para que, na formação das nossas crianças, fosse cada vez mais contemplada a aprendizagem de valores e atitudes.

Parece-nos ainda pertinente referir, que por último apresentamos a bibliografia consultada, esta que nos permitiu fundamentar todo o trabalho realizado, seguida dos anexos que consideramos necessários para uma melhor compreensão do estudo empírico.

Parte I- Prática Profissional em contexto de Pré-Escolar e 1º Ciclo
do Ensino Básico

1.1.Contextualização da prática profissional

Segundo Bertrand (2001) a educação tem por base diferentes teorias pedagógicas que se entendem como *“toda e qualquer reflexão sobre educação que inclua uma análise dos problemas e das propostas de mudança”* e estas reflexões por sua vez, deverão ser as bases que sustentam a prática dos docentes.

O autor supracitado afirma ainda que *“a educação centrada na pessoa nasceu em reação contra sistemas de formação demasiadamente baseados no ensino de conteúdos através de métodos de transmissão”* (p.41).

Rogers (1969, citado por Bertrand, 2001) é um dos autores que defende, que a participação dos alunos no processo de ensino aprendizagem é fundamental e como tal deve entender-se que *“dando maior ênfase ao aluno que às instituições [se] valoriza a gradual autonomia do discente e a sua responsabilização quanto ao seu processo de aprendizagem, não tendo portanto atitudes passivas face aos saberes e valores”* (p.36).

Os educadores/professores devem conhecer as diversas teorias educacionais que vigoravam em anos anteriores, e as que estão mais presentes no período histórico atual, para que seja possível prosseguir com as metas propostas pela educação atual, que constam na Lei de Bases do Sistema Educativo. Desta forma conseguirão aperfeiçoar-se e poderão oferecer melhores e mais estimulantes perspectivas, aos seus alunos e a si mesmos.

“Uma teoria de educação fundamenta-se na representação da realidade educativa que um teórico tem e é, por consequência, sujeita a interpretação” (Bertrand, 2001, p. 11).

Segundo Oliveira-Formosinho (2013)

o que se ambiciona é que a teoria inspire as práticas e não que estabeleça as práticas. Pretende-se uma prática suportada pela teoria e não uma prática resultante diretamente da teoria. A prática educa o educador a gerir a teoria, pois a teoria pode ser recomendável, mas só no momento

de ação é que se pode verificar se esta é possível de concretizar, dependendo do grupo. (p.67)

Tendo em conta as teorias contemporâneas da educação que são conhecidas, iremos agora abordar aquelas com as quais nos identificamos e que nos fazem mais sentido enquanto suporte à prática profissional.

É nas teorias Personalistas, também denominadas de humanistas, libertadoras, não diretivas, orgânicas, pulsionais, livres ou abertas, que se insere o modelo não diretivo, a que pertence o movimento de escola aberta.

Este modelo preconiza que o principal objetivo da educação é o desenvolvimento do sujeito.

De acordo com esta afirmação, Marques (1998) assevera que “o processo educativo deve centrar-se no desenvolvimento da pessoa; os conteúdos disciplinares e os resultados de aprendizagem não podem confundir-se com as finalidades da educação” (p.77).

Um dos grandes preconizadores desta corrente, que defendeu os direitos humanos, a individualidade e características únicas do sujeito, olhando o aluno como alguém diferente, foi Carl Rogers.

Marques (1998) afirma que “Carl Rogers acredita que ninguém ensina ninguém. O importante não é o ensino, mas a aprendizagem. O professor não ensina, facilita a aprendizagem e ajuda ao crescimento da pessoa”(p.78).

Neste modelo, o professor é só mais um dos recursos que os alunos tem ao seu dispor. Ao auxilia-lo na exploração das suas emoções, consegue conduzi-lo a um processo de autoconhecimento. O importante é o sujeito enquanto construtor do seu projeto de aprendizagem pois “ é a pessoa em situação de aprendizagem que deve dominar a sua educação utilizando as suas energias interiores” (Bertrand, 2001, p. 16).

O modelo não diretivo dá mais importância ao domínio emocional do que ao domínio cognitivo. Marques (1998) assevera que “o professor é o “alter-ego” do aluno e funciona como o recurso que o ajuda a tomar consciência das emoções e dos sentimentos numa atmosfera segura, confiante e livre” (p.80).

Assim sendo o principal objetivo da educação, neste paradigma é o desenvolvimento emocional dos alunos, a quem cabe a identificação dos problemas e a procura de soluções que preencham as suas necessidades pois as aprendizagens verdadeiras e duradouras são aquelas que os alunos fazem por si próprios.

Ainda segundo Marques (1998) “A função da educação é essencialmente preparar o aluno para se aceitar tal como é, para ser feliz consigo próprio e para realizar todo o seu potencial” (p. 81).

Por outro lado, as teorias psicocognitivas são mais práticas e sustentam a importância do desenvolvimento cognitivo do sujeito. O professor tem um papel de desafiador e é fundamental que organize o ambiente educativo propício à exploração e à estimulação da criança, com a finalidade de promover o seu desenvolvimento cognitivo.

Marques, (1999) defende que “O professor é visto, em primeiro lugar, como organizador do ambiente ...orienta, facilita e coloca ao dispor da criança os materiais necessários para o desenvolvimento de experiências e a resolução de problemas” (p. 37).

Nas teorias psicocognitivas acredita-se que o sujeito é único, e que a aprendizagem e o raciocínio dependem unicamente de fatores internos e das suas estruturas mentais. São também conhecidas como teorias construtivistas da educação já que “colocam a tónica na elaboração do conhecimento” (Bertrand, 2001, p. 16).

Segundo Marques (1999),

O modelo construtivista de Piaget pode caracterizar-se da seguinte forma: na interação sujeito/objeto, ocorrem dois processos, a assimilação e a acomodação, que correspondem à função passiva e à função activa da inteligência. Para Piaget, a inteligência humana é um factor de resolução de problemas que o ambiente coloca ao sujeito e mediante a qual o sujeito trata de superar as suas dificuldades concretas. (p.34)

Um dos princípios desta abordagem pedagógica é a valorização do indivíduo.

Tudo aquilo que este aprende sozinho é superior ao que aprende através da transmissão de conhecimentos feita pelo professor. Os seus interesses e necessidades devem ser sublimados e impulsionadores da atividade educativa uma vez que é princípio básico da educação preparar os indivíduos para uma sociedade que está em constante mudança. Só desta forma se consegue acompanhar o progresso.

Arenilla, Gossot, Rolland, & Roussel (2013) afirmam que “os construtivistas insistem na capacidade de auto-organização do ser vivo. Nada é dado, tudo se constrói na interação entre o indivíduo e o objeto que se definem e se autonomizam mutuamente” (p. 137).

Nestas duas teorias podem observar-se algumas diferenças, pois enquanto uma valoriza as emoções, a outra dá ênfase ao ser cognitivo, no entanto é subjacente às duas que a construção do conhecimento seja feita pela criança, de acordo com os seus interesses e necessidades.

Tivemos oportunidade de aprofundar o conhecimento em relação à pedagogia que Carl Rogers defende, e percebemos que era esta, a filosofia que gostaríamos que nos orientasse uma vez que, tal como Bertrand (2001), defendemos que “o ideal ... é que o estudante se auto-ensine em liberdade” (p.49).

Bertrand (2001) citando Rogers, refere ainda que a criança não é uma tábua rasa e todos os conhecimentos que adquiriu resultantes das suas vivências, não devem ser desvalorizados. Ainda que tenha uma retaguarda que lhe ajude a construir os alicerces do seu conhecimento, deve ser-lhe dada liberdade para que continue a fazer o seu autoensino.

Observando tudo o que foi exposto anteriormente, foi nossa intenção elaborar uma prática suportada nesta teoria, tendo em conta que nos parece a mais válida já que “é, com frequência, ao fazer as coisas que se compreende e aprende [pois] a aprendizagem é facilitada quando o estudante tem parte da responsabilidade no processo de aprendizagem” (Bertrand, 2001, p. 48).

Tentando ser um pilar educativo o nosso objetivo é partir dos interesses das crianças, para que elas aprendam a aprender. Pretendemos ainda ser um

elemento ativo nas suas vidas, estimulando a autonomia e promovendo interações pedagógicas de qualidade.

1.2. Caracterização da instituição de estágio

A Escola Básica e Jardim de Infância onde realizámos o nosso projeto pertence à rede pública, está integrada num agrupamento de escolas e situada num contexto urbano. Pelo facto de se encontrar localizada num meio predisposto à evolução demográfica, a localidade onde está inserida tem vindo a demonstrar um acentuado crescimento populacional.

Geograficamente a instituição de ensino está bem situada, uma vez que as acessibilidades rodoviárias e de transporte facilitam o acesso a esta. Os alunos que frequentam esta instituição são, na sua maioria, residentes na sede de concelho e os restantes habitam em áreas adjacentes a este. A população a quem este estabelecimento de ensino serve, é de diferentes nacionalidades e também de diferentes estratos sociais.

Esta escola foi construída de raiz para proporcionar todas as condições aos seus alunos e professores e está localizada, na parte mais moderna da localidade. As habitações que a rodeiam são constituídas por prédios altos na sua maioria, onde não existem muitos espaços verdes e de lazer, já que este meio tem sobretudo a função de dormitório para a população ativa que trabalha em Lisboa.

A construção deste equipamento foi uma prioridade no âmbito da carta educativa tendo em conta a desadequação dos espaços e valências existentes bem como da sobrelotação desses mesmos espaços.

As salas de Jardim-de-infância são bem equipadas e servidas de uma excelente luminosidade natural, o que permite que os grupos de crianças possam sentir-se motivados e com vontade de ficar na escola. Em todas as salas existe material diversificado e em excelentes condições físicas e de higiene para que as crianças possam ter variedade e qualidade de aprendizagens, adequadas à sua faixa etária.

As salas de 1º ciclo são um pouco mais pequenas e dada a quantidade de crianças de cada grupo, a movimentação do mobiliário é bastante condicionada. As instalações são, no geral, arejadas e repletas de luz natural.

É importante referir que este equipamento tem uma biblioteca escolar que foi pensada como estrutura capaz de acompanhar e impulsionar as mudanças nas práticas educativas que são necessárias, para proporcionar o acesso à informação e ao conhecimento, cada vez mais exigidos nas sociedades atuais.

A escola tem ainda inserida uma unidade de multideficiência que tem como objetivo primordial assegurar os apoios específicos ao nível das terapias, da psicologia, da orientação e mobilidade, promover a participação dos alunos nas atividades curriculares e aplicar metodologias e estratégias de intervenção interdisciplinares visando o desenvolvimento e a integração social e escolar dos alunos e organizar o processo de transição para a vida pós-escolar.

Todas estas estratégias visam apoiar a inclusão dos alunos com multideficiências, concentrando os meios humanos e materiais que lhes permitam obter uma resposta educativa de qualidade.

A escola funciona das 9.00h às 17.00h e os 18 docentes e 10 assistentes operacionais dão resposta a 293 alunos, sendo 198 do 1º ciclo e 95 do jardim-de infância.

A coordenação da escola é assegurada por um docente do quadro de escola que é eleito por quatro anos.

O projeto educativo do estabelecimento é o mesmo do agrupamento e “surge como um instrumento, por excelência, da construção da autonomia do estabelecimento de ensino, e institui-se como um processo capaz de articular as tendências referidas: Investigação (produção de conhecimento), Inovação (mudança organizacional) e Formação (mudança de representações e práticas dos indivíduos” (Canário, 1992, p. 12).

Este documento que tem como linhas orientadoras o tema «Uma escola para o sucesso»,

apresenta-se como um documento fundamental da política interna do agrupamento, cuja finalidade é definir as linhas orientadoras do mesmo e da sua autonomia, dentro do quadro das políticas nacionais e mostrar em que medida o Agrupamento de Escolas ... se propõe assegurar a continuidade das suas boas práticas, dos seus projetos e intervenções e estabelecer novas metas de desenvolvimento. (Projeto Educativo, 2014-2017, p. 4)

Os organismos públicos existentes no concelho estabelecem parcerias com esta instituição de ensino, promovendo atividades que possibilitam a integração da comunidade escolar com o meio envolvente, uma vez que a proposta pedagógica do agrupamento, visa a busca da efetivação dos objetivos a que se propõe, através de um currículo que valorize a interação de todos os membros da comunidade educativa e meio que a rodeia.

Promover o desenvolvimento das crianças que lhes são entregues num ambiente que transmita segurança, que estimule e potencie o seu desenvolvimento global, em colaboração com a família e comunidade são os objetivos primordiais desta instituição.

Na tentativa de pôr em prática estes objetivos, os pais são sempre convidados a participar nas atividades realizadas, e as crianças são também, como já referido, acolhidas pelos organismos locais que regularmente visitam. Para que se consigam atingir estes objetivos é necessário que exista uma parceria entre família, comunidade e escola, e esta relação como pudemos comprovar e amplamente conseguida.

Só trabalhando desta forma, os alunos tem condições para aprimorarem as suas capacidades de acordo com as suas necessidades, permitindo-lhes assim exercer a sua cidadania com base no seu sentido crítico, dentro e fora da instituição escolar.

1.3.Caracterização do grupo de pré-escolar

Na sala de Jardim-de-infância onde desenvolvemos o estudo apresentado neste relatório, tivemos a oportunidade de partilhar momentos de aprendizagem com

um grupo vertical de 20 crianças, com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos, organizado da seguinte forma:

Quadro 1: Idades das crianças de pré-escolar

	4 Anos	5 Anos	6 Anos
Rapazes	1	6	5
Raparigas	1	3	4

Seis das crianças pertenciam ao grupo do ano letivo anterior e não transitaram para o primeiro ciclo por completarem os 6 anos apenas, depois de 15 de setembro.

Verificámos que apesar de estarem presentes três idades neste grupo, os meninos de 4 anos estavam em minoria em relação aos outros. Esta situação acontece porque cada vez mais, os pais optam por colocar os seus filhos no pré-escolar do ensino oficial e geralmente as vagas são preenchidas pelas crianças com mais idade, no entanto esta situação tem vindo a alterar-se com a criação de novas salas de jardim-de-infância, que vem dar uma maior resposta aos encarregados de educação.

Costa (2015) refere que “a família é o meio natural da criança, apoio e estímulo indispensável ao seu desenvolvimento. Proporciona o clima afetivo e a base de estabilidade necessária a um processo de crescimento que se deseja pleno” (p. 27).

Para melhor compreender e conhecer as especificidades de cada criança, procedeu-se à recolha de dados relativos aos contextos do agregado familiar de cada uma e através dos elementos recolhidos pudemos constatar que as crianças deste grupo, apesar de terem características socioeconómicas diferentes, pertenciam a famílias de classe média.

Em termos de oralidade e verbalização de ideias, opiniões e sentimentos, algumas crianças expressavam-se com fluência e grande facilidade levando os que tinham alguma dificuldade a fazê-lo com mais confiança. Globalmente as crianças deste grupo estabeleciam diálogos bem estruturados tanto com os

pares, como com os adultos. As conversas eram coerentes, com sentido e estas conseguiam manter diálogos referentes a situações do presente e também do passado. Algumas crianças destacavam-se, inclusive, pelo vocabulário mais rico que utilizam e também pela capacidade de raciocínio.

Em termos de desenvolvimento cognitivo era uma turma muito heterogénea com algumas crianças que revelavam alguma imaturidade, mas com desenvolvimento cognitivo dentro da norma do grupo etário a que pertenciam.

Neste grupo estavam integradas duas crianças com necessidades educativas especiais que estavam devidamente sinalizadas e acompanhadas pela docente de ensino especial.

Devido às parcerias que a instituição estabelece com as organizações públicas do meio envolvente, o grupo tinha a possibilidade de visitar equipamentos e património local com regularidade. Esta parceria é extraordinariamente importante tanto a nível cultural como na vertente da promoção da cidadania.

1.4. Caracterização do grupo de 1º ciclo

No estágio em 1º ciclo tivemos oportunidade de partilhar momentos de aprendizagem com um grupo vertical de 27 crianças, com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos, organizado da seguinte forma:

Quadro 2: Idades das crianças do 1º ano do ensino básico

	6 Anos	7 Anos	10 Anos
Rapazes	12	3	2
Raparigas	7	3	0

Dois dos alunos eram condicionais uma vez que apenas fizeram os seis anos depois de 15 de setembro, no entanto os encarregados de educação consideraram que estes estavam preparados para ingressar nesta valência. Ambas as crianças acompanhavam cognitivamente o grupo, no entanto eram por vezes verificados alguns comportamentos que revelavam alguma imaturidade.

O grupo de crianças era bastante interessado e desperto para novas aprendizagens especialmente quando adotados diferentes métodos de ensino.

Durante as observações que tivemos oportunidade de realizar, constatámos que a relação família escola era muito positiva.

Para melhor compreender e conhecer as especificidades de cada criança, procedeu-se á recolha de dados relativos aos contextos do agregado familiar de cada uma e depois de os analisar pudemos concluir que apesar de terem características socioeconómicas diferentes, pertenciam a famílias de classe média.

Em termos de oralidade, as crianças deste grupo estabeleciam diálogos bem estruturados tanto com os pares, como com os adultos.

No que se refere ao desenvolvimento cognitivo era uma turma muito heterogénea com algumas crianças que revelavam alguma imaturidade própria da idade, mas com desenvolvimento cognitivo dentro da norma do grupo etário ao qual pertenciam.

Neste grupo estavam integradas duas crianças com necessidades educativas especiais que apenas iam à sala por um período de 30 minutos diários. Nasceram ambas com paralisia cerebral mas uma delas apresentava um quadro mais profundo desta patologia.

Parece-nos significativo referir que nos períodos de intervalo as crianças iam frequentemente à sala de unidade de multideficiência para interagir com estes dois colegas nesse espaço, denotando assim o cuidado e atenção que tinham para com eles.

Urge referir que a experiência com estas crianças foi muito gratificante e de grande crescimento pessoal. Compreendemos a importância da necessidade de inclusão das crianças com deficiência e constatámos que nesta instituição era posto em prática o princípio da declaração de Salamanca que defende que,

as escolas se devem ajustar a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras. Neste conceito, terão de incluir-se crianças com deficiência ou sobredotadas, crianças da

rua ou que trabalham, crianças de populações remotas ou nómadas, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais. As escolas devem encontrar formas de educar com sucesso estas crianças, incluindo aquelas que apresentam incapacidades graves. (Unesco, 1994, p. 6)

O grupo evoluiu significativamente e para isso também contribuiu o reforço positivo e a exaltação das suas vitórias por parte da professora pois “a comunicação e o discurso positivo são, talvez, a variável única mais importante para construir os grupos e os ambientes de aprendizagem produtivos [pois] ... é através do discurso que os aspectos cognitivos e sociais da aprendizagem se unem” (Arends, 1995, p. 129).

Eram crianças muito comunicativas que se conseguiam exprimir de diferentes formas. Sempre dispostas a abraçar diferentes projetos este era um grupo muito dócil e que facilmente conseguia cativar qualquer adulto que com ele interagisse.

1.5. Desenvolvimento da prática profissional e problematização da questão de partida

“A educação escolar deve intervir sistemática e intencionalmente no processo de valores dos alunos porque este processo está, de facto, ligado à vida escolar, quer ao nível das exortações, exemplos, expectativas e atividades, quer a nível dos próprios programas (conteúdos, metodologias) e, também, ao nível da própria organização da escola” (Santos L. F., 2000, p. 58).

Uma das componentes da prática supervisionada foi a implementação de um projeto de intervenção junto do grupo onde realizámos o estágio.

Tendo em conta que o título do Projeto Educativo do agrupamento é «Uma escola para o sucesso» e que este preconiza a importância de uma educação para a cidadania visando o desenvolvimento e aprendizagem dos valores morais e atitudes cívicas por parte dos seus alunos, pareceu-nos importante dinamizar atividades relacionadas com esta temática e que iam de encontro às necessidades do grupo.

Numa conversa de grupo depois da leitura de uma história que falava sobre os avós, e uma vez que nem todas as crianças tinham contato com estas figuras familiares, propusemos às crianças do grupo de pré-escolar, que visitássemos o Centro de Dia local com vista à partilha de saberes entre elas e os idosos, utentes desta instituição. As crianças mostraram desde logo uma grande motivação para esta visita. Prontamente entrámos em contato com a referida instituição intentando perceber quais as possibilidades de agendar estes momentos de partilha. Esta proposta foi prestemente aceite e de imediato agendada. Empreendemos então, nos preparativos da atividade planeada.

Foi a partir deste momento que começamos a perceber o quão envolvidas, as crianças estavam e, como se sentiram importantes por mostrarem os seus saberes e as aprendizagens que fizeram.

Depois desta primeira visita, que se revelou muito positiva para ambas as partes envolvidas, fomos contactados para perceber qual a nossa disponibilidade e interesse de dinamizar uma outra atividade na mesma instituição. Aceitámos prontamente, embora estivéssemos limitados dentro de um curto espaço de tempo, para empreender nos preparativos. Mais uma vez, e com a ajuda das famílias, que tiveram um papel preponderante, conseguimos realizar o que nos tinham proposto com grande sucesso. Foi a partir deste momento que considerámos realmente pertinente iniciar a investigação em epígrafe neste relatório.

Terminado o estágio de pré-escolar e uma vez que os resultados tinham sido tão produtivos, pareceu-nos pertinente dar continuidade a esta partilha, agora com o grupo de primeiro ciclo do ensino básico.

Foi proposta a dinamização de outras atividades, de acordo com a faixa etária das crianças da turma do primeiro ciclo do ensino básico, e estas foram prontamente aceites, quer pela professora cooperante, quer pelas crianças. Contactámos de imediato a animadora sociocultural do Centro de Dia que já havíamos visitado, e esta acedeu prontamente e agradeceu este contato que se revelou muito produtivo para ambas as partes.

De acordo com Fortin (1999) “qualquer investigação tem por ponto de partida uma situação considerada como problemática, isto é, que causa ... uma inquietação, e que, por consequência, exige uma explicação ou pelo menos uma melhor compreensão do fenómeno observado” (p.48).

Quivy e Campenhoudt, (1992) afirmam então que “por conseguinte, o investigador deve obrigar-se a escolher rapidamente um primeiro fio condutor tão claro quanto possível, de forma a que o seu trabalho possa iniciar-se sem demora e estruturar-se com coerência” (p. 29).

Tendo em conta a experiência vivida, começamos por fazer um estudo exploratório que nos permitiu seleccionar a problemática que pretendíamos investigar. Para tal recorreremos às observações que havíamos realizado na prática e com base na conceptualização das ideias que tínhamos, apoiados em quadros de referência teóricos, chegámos “a uma concepção clara e organizada do objeto de estudo” (Fortin, 1999, p. 39).

Segundo Quivy & Campenhoudt (1992) “A melhor forma de começar um trabalho de investigação social consiste em nos esforçarmos por enunciar o projeto sob a forma de uma pergunta de partida” (p. 41).

Tendo em conta as declarações dos referidos autores e uma vez que as atividades postas em prática nos pareceram consideravelmente pertinentes e de grande produtividade no que se refere às aprendizagens, buscando exprimir de uma forma concisa o que pretendíamos escutar, enunciamos o nosso projeto de investigação com a pergunta de partida “Qual o contributo das relações intergeracionais para a aprendizagem de valores e atitudes em crianças dos 3 aos 10 anos”.

Segundo a Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (2016) “a colaboração...de outros membros da comunidade, o contributo dos seus saberes e competências para o trabalho educativo a desenvolver com as crianças, é um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem” (OCEPE, p. 32).

Também a Lei de Bases do Sistema Educativo nos indica que são objetivos do ensino básico “proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a

formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária”.¹

Enquanto educadores/ professores deverá ser nossa intenção perceber quanto os benefícios que o contato e partilha de histórias de vida, entre gerações diferentes, podem ser relevantes para a formação pessoal e social dos indivíduos e é exatamente esta a questão que pretendemos responder com a realização deste projeto de investigação.

¹ Decreto- Lei nº 46/86 de 14 de outubro-Capítulo II, Secção II, Subsecção I, Artigo 7º, alínea i)

Parte II-Estudo Empírico

2.1. Enquadramento teórico

De modo a que possamos fazer o enquadramento teórico desta investigação, parece-nos pertinente procurar definir os conceitos subjacentes ao objeto do nosso estudo. Para tal foi necessário realizar uma pesquisa bibliográfica que nos permitisse sustentar as diferentes conceções, em diferentes autores.

A questão de partida “Qual o contributo das relações intergeracionais para a aprendizagem de valores e atitudes em crianças dos 3 aos 10 anos” sugere que procuremos perceber primeiramente o aceção do termo educação pois só desta forma poderemos compreender o sentido da expressão “educação para a cidadania” que por sua vez, está intrinsecamente ligada à aprendizagem de valores e atitudes. Uma vez que o projeto visa perceber o contributo das relações entre diferentes gerações urge também definir o conceito de intergeracionalidade. Procurando compreender a base de sustentação deste trabalho consideramos ainda pertinente, definir os conceitos de envelhecimento, envelhecimento ativo e de infância.

O termo educação tem origem nos verbos “educere” (conduzir, extrair...) e “educare” (criar, alimentar), pelo que recolhe a dupla significação por eles sugerida. “Educere” sugere um fluxo educativo de dentro para fora ... por sua vez, “educare” sugere um influxo educativo de fora para dentro. (Santos, 2005b, p. 15)

Segundo Berger e Luckman (citados in Tedesco, 1999) e também Bolívar, et al., (2000), muito embora a educação seja considerada, primeiramente, uma competência da família, os professores/educadores, enquanto agentes educativos, tem hoje em dia um papel fundamental no enriquecimento cultural e educacional das crianças, uma vez que estas passam a maior parte do seu tempo diário, nas salas de aula.

A educação é um direito de todos. Através das suas vivências, e interação com o meio que os rodeia, que os indivíduos vão aprimorando as suas competências físicas, sociais, intelectuais e culturais.

Segundo Arenilla, Gossot, Rolland, e Roussell (2013)

Educação designa o conjunto das influências do ambiente, as dos homens ou as das coisas, chegando a transformar o comportamento do indivíduo ... educação designa a influência de uma geração sobre as crianças, os jovens ou os adultos para deles fazer seres inseridos numa dada sociedade. (p.187)

De acordo com Beltrão e Nascimento (2000) é necessário “repensar a educação como um processo permanente de desenvolvimento e formação” (p.28) e é nesse sentido que é cada vez mais premente criar condições para que a escola seja um espaço global onde os alunos possam adquirir competências, não só no âmbito dos conteúdos mas também no que se refere à sua preparação para serem livres, responsáveis, autônomos, solidários e plenos de valores morais que condicionem as suas atitudes enquanto cidadãos.

As teorias construtivistas assentam no “princípio fundamental de que a aprendizagem é uma atividade construtiva que os próprios alunos têm de realizar ... onde a tarefa do educador é a de proporcionar aos alunos oportunidades e incentivos para o construir” (Fosnot, 1996, p. 20).

Se o desenvolvimento pessoal e social da criança for feito, tendo em conta o paradigma construtivista que defende a autonomia e a liberdade, na construção do conhecimento do aprendiz, este irá conseguir construir a sua personalidade que, determinará a sua postura na sociedade atual.

Educar é cada vez mais, uma tarefa difícil e desafiante. Todas as crianças tem as suas particularidades e por isso a sua resposta aos diferentes estímulos é diferente. A sociedade em que vivemos coloca-nos cada vez mais novos desafios e perigos mas também nos apresenta uma maior fonte de informação que bem utilizada pode ser uma ferramenta importante para abrir caminhos e construir uma cidadania responsável.

A educação para a cidadania segundo Beltrão e Nascimento (2000) é um instrumento fundamental para a formação de indivíduos ativos e responsáveis que demonstrem autonomia e atitudes de solidariedade, respeito e responsabilidade social.

A educação para a cidadania compreende a educação em cidadania e a educação pela cidadania. É uma abordagem em sentido lato que envolve equipar os alunos com um conjunto de ferramentas (conhecimento e compreensão, competências e atitudes, valores e disposições) que os habilitem a participar, activa e sensivelmente, nos papéis e responsabilidades que irão encontrar na sua vida adulta. (Santos, 2005a, p. 115)

A escola, enquanto instituição de ensino, tem cada vez mais um papel preponderante no que se refere a “(re) pensar estratégias e caminhos para o exercício da cidadania” (Medeiros, 2010, p. 125).

Reconhecendo a importância da educação para a cidadania, o Ministério da Educação e Ciência em conjunto com diversos parceiros da sociedade, tem vindo a produzir documentos que se constituem como referenciais no âmbito desta área curricular. Urge referir que estes documentos orientadores são instrumentos de apoio e que cada instituição de ensino deve adaptá-los em função das práticas que pretende desenvolver.

Na educação pré-escolar a educação para a cidadania está enquadrada na área da Formação Pessoal e Social e segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar esta

É considerada uma área transversal, porque embora tenha uma intencionalidade e conteúdos próprios, se insere em todo o trabalho educativo realizado no jardim-de-infância, uma vez que tem a ver com a forma como as crianças se relacionam consigo próprias, com os outros e com o mundo, num processo de desenvolvimento de atitudes, valores e disposições que constituem as bases de uma aprendizagem bem-sucedida ao longo da vida e de uma cidadania autónoma, consciente e solidária. (OCEPE, 2016, p.37)

No 1º ciclo do Ensino Básico a educação para a cidadania está também presente e citada na lei 139/2012 de 5 de julho. Esta refere que “as escolas...devem desenvolver projetos e atividades que contribuam para a formação pessoal e

social dos alunos, designadamente educação cívica...”². Também podemos constatar que na Lei de Bases do Sistema Educativo um dos objetivos do Ensino Básico é “proporcionar, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica e moral.”³

Este é um tema transversal às várias disciplinas e segundo Santos (2005a) “educar pela cidadania em contextos escolares requer ações-projeto com intencionalidades claras radicadas em currículos deliberativos” a autora defende ainda que “um currículo deliberativo obedece a três importantes facetas - conteúdo, pedagogia e clima de aprendizagem” (p.114).

Considerando

cidadania como pertença e a participação nas atividades da comunidade ou dos grupos de comunidades... num mundo cada vez mais interdependente, educar para a cidadania implica fomentar o espírito de solidariedade, assente no respeito pela diversidade cultural e na consciência de que é a sobrevivência comum que está em causa. (Beltrão & Nascimento, 2000, p. 47)

Na educação para a cidadania está implicada uma participação democrática e ativa dos indivíduos. Sendo que as finalidades educativas assentam nos pilares dos valores e atitudes, da responsabilidade, autonomia, ética e participação/cooperação, urge perceber que cada vez mais a educação deve obedecer a uma prática democrática em que a liberdade e a participação nas atividades pedagógicas dependa do sujeito, de modo a que este seja responsabilizado enquanto cidadão ativo.

Este é um “novo consenso relativamente à necessidade de a escola voltar a ensinar saberes fundamentais sem afastar das suas funções a formação cívica e moral e a construção da cidadania quer esta seja circunscrita ao Estado-nação, quer aos novos espaços supranacionais” (Afonso, 1999, p. 60).

² Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho- secção II artigo 15º

³ Decreto- Lei nº 46/86 de 14 de outubro-Capítulo II, Secção II, Subsecção I, Artigo 7º, alínea n)

Também Costa (2015) corrobora desta opinião quando refere que

“educar para a cidadania, deverá ter na sua prática, na sua génese, alguns pilares, tais como ensinar para os valores e para a ética da responsabilidade, instruir para a autonomia e formar para a participação e a cooperação. Sem isso não se pode incrementar futuros pais e cidadãos, construtores de sentidos, plenos de valores humanos e democráticos” (p.49).

Tendo em conta o exposto e direccionando a nossa atenção para a questão de partida deste projeto, parece-nos significativo refletir sobre o que são atitudes e valores.

De acordo com Morissette e Gingras (1999)

Atitude é uma disposição interior da pessoa que se traduz em reacções emotivas moderadas que são assimiladas e, depois experimentadas sempre que a pessoa é posta perante um objecto (ideia ou atividade). Estas reacções emotivas levam-na a aproximar-se desse objecto (a ser favorável) ou a afastar-se dele (a ser desfavorável). (p.65)

Beltrão e Nascimento (2000) também definem “atitude como a predisposição permanente do indivíduo para reagir de uma determinada forma, face a uma determinada situação ou a um determinado objeto” (p.71).

Qualquer indivíduo, tendo em conta as aprendizagens que realizou ao longo da sua vida, responde de uma forma específica a um determinado objeto social. Geralmente a atitude que advém em grande parte da sua personalidade, todavia os seus comportamentos podem ser moldados e lapidados de forma a que este, consiga saber estar em sociedade, adaptando a sua postura a cada situação.

Segundo Zabalza (2000, citado por Bolívar, Pinto, Caride, Rubal, Trillo & Zabalza, 2000)

O processo de aquisição das atitudes e valores inicia-se desde logo, muito antes dos meninos/as irem para a escola. O ambiente cultural da família é o primeiro grande nutriente das atitudes e valores infantis. Influência

essa que prosseguirá e se completará posteriormente através de outros agentes educativos ... os mecanismos básicos de aquisição de atitudes são a imitação e o reforço. As crianças pequenas vão imitando os comportamentos que observam à sua volta e, desta forma, esses comportamentos vão-se fixando ou desaparecendo, como consequência do reforço positivo ou negativo que recebem. (p.35)

Como referem Bolívar et al (2000) “As atitudes projetam-se numa grande diversidade de objetos. No fundo, definem o tipo de relação que uma pessoa mantém com algo, quer seja uma coisa ... uma pessoa, uma ideia, uma situação, etc.” (p.23).

Pode então afirmar-se que as atitudes são o produto das interações sociais, processos de identificação e diferenciação social e também de comparação, que permitem que os indivíduos se situem em determinada posição face a um determinado momento.

“As atitudes refletem a escala de valores que o indivíduo possui... formam-se ao longo da vida, especialmente na infância, tendendo a estabilizar no adulto. Os factores que as condicionam são, grosso modo, as influências sociais e a experiência existencial” (Beltrão & Nascimento, 2000, p. 71).

Bolívar et al (2000) afirmam que “Estes valores referem-se à forma particular de se relacionar com pessoas, ideias e/ou acontecimentos: o respeito mútuo, a atitude crítica, a valorização da diversidade, a ideia da solidariedade e da colaboração mútua, a ideia da paz, etc.” (p. 33) servindo pois, como critério de orientação da ação e de avaliação de escolhas e atitudes.

A escola não tem, neste âmbito o papel central, pois este deverá ser desempenhado pelas famílias primeiramente, no entanto cumpre-lhe incorporar as atitudes e valores no currículo, apresentando propostas formativas onde os conteúdos sejam vinculados às atitudes e valores uma vez que relativamente aos outros agentes educativos tem “a vantagem de um trabalho mais sistemático e continuado no domínio da formação” (Bolívar et al., 2000, p. 30).

Uma vez que a sociedade contemporânea exige tarefas globais e cada vez mais complexas aos educadores/professores, é essencial que tal como asseveram

Beltrão e Nascimento (2000) a educação comece a ser encarada como o aperfeiçoamento das atitudes e da escala de valores que as sustentam.

Se pensarmos em partilha dos valores sociais, podemos referir que as práticas educacionais não devem cingir-se exclusivamente às salas de aula.

A comunidade envolvente poderá participar ativamente na formação das crianças partilhando saberes e conhecimentos. Deve então previlgiar-se as relações entre a escola e o meio em redor.

De acordo com Morissette e Gingras (1999)

as atitudes duma pessoa, a sua reserva de emoções e motivações desenvolvem-se ... através de interacções adequadas com o meio, sobretudo o meio social... [estas] desempenham um papel importantíssimo, tanto na aquisição, como na transformação destas reservas de emoções e motivações.(p.76)

É neste momento que nos parece pertinente introduzir o conceito de intergeracionalidade. Este termo surge por aglutinação da palavra «inter» que significa “elemento de formação de palavras que exprime a ideia de entre, dentro de , no meio”⁴ e da palavra «geracional» que significa “próprio de uma geração, relativo a uma geração, entre duas ou mais gerações, relativo a ou próprio de gerações diferentes”⁵.

Assim sendo, a junção destes dois termos exprime a ideia de relação entre pessoas, de diferentes gerações. Esta relação não se restringe apenas a idades cronológicas opostas, pode acontecer entre intervenientes de outras gerações.

Evidenciando a questão de partida do presente trabalho permitimo-nos fazer uma breve reflexão sobre os conceitos de envelhecimento, envelhecimento ativo e também de infância, uma vez que são estas as duas gerações envolvidas na investigação que deu mote à construção deste relatório.

⁴in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017.

⁵ in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017.

Segundo Osório e Pinto (2007) “uma das transformações sociais mais importantes que ocorreram nos últimos cinquenta anos está relacionada com o aumento demográfico das pessoas de idade” (p. 11).

Esta verifica-se devido à conjugação entre uma diminuição da fertilidade e conseqüente decréscimo de nascimentos, e o aumento da esperança média de vida.

Pode constatar-se que o envelhecimento gera uma incapacidade funcional à medida que o tempo vai passando, no entanto as limitações que vão surgindo não impedem, na grande parte dos casos, que os sujeitos desenvolvam uma vida plena e consciente.

O processo de envelhecimento poderá ter uma conotação negativa, contudo Osório e Pinto (2007) referem também que “o envelhecimento é um «*processo vital*» que tem vindo a ganhar vitalidade nos últimos anos ”(p.13).

Deve partir de nós, enquanto cidadãos, otimizar oportunidades de bem estar mental, social e físico que permitam aumentar a esperança de vida saudável da população mais idosa.

O envelhecimento pode ser considerado um fenómeno positivo se olharmos para ele como sinónimo de experiência e testemunho dos progressos realizados aos vários níveis da sociedade.

Parece-nos pertinente afirmar que a população idosa de qualquer comunidade pode ser veículo de transmissão e partilha de saberes assim sendo “a velhice pode considerar-se um privilégio ... sobretudo pela riqueza da experiência social que se atinge” (Fernandes, 2000, p. 24).

Enquanto comunidade devemos privilegiar e usufruir de saberes dos cidadãos envelhecidos e que estão ávidos para partilhar experiências, uma vez que ainda se sentem capazes e embora, em muitos casos se sintam desvalorizados, devemos considerá-los como seres ativos e conscientes pois, “«ativo» não se refere unicamente à capacidade de estar fisicamente ativo; refere-se também ao desenvolvimento contínuo dos idosos nas questões sociais, económicas, espirituais, culturais e cívicas” (Osório & Pinto, 2007, p. 241).

O paradigma do envelhecimento ativo, deve por isso fazer parte da sociedade. Devem fomentar-se ações que coloquem os idosos na cúpula da sociedade para que se sintam integrados. Só desta forma se irá conseguir preservar a sua autoconfiança e contribuir para a prosperidade das sociedades, a longo prazo.

Se olharmos em direção ao futuro, percebemos desde logo que um dia mais tarde seremos também idosos. Nessa perspetiva, é imperioso, preparar as nossas crianças e sensibiliza-las para um futuro próximo, criando uma visão positiva da velhice e mostrando que a população mais idosa, por ser detentora de mais experiência e sabedoria, poderá contribuir de uma forma positiva para as suas aprendizagens.

Urge, nesta conjuntura de aceções, a necessidade de refletir sobre o conceito de infância.

Ao longo da história a conceção de infância foi sofrendo alterações, de acordo com as mudanças culturais pelas quais fomos passando ao longo dos tempos. As crianças passaram a ser vistas como um ser social, apenas na idade moderna. Só nesta altura começaram a assumir um papel central, na família e na sociedade, e lhes foram reconhecidas necessidades e características próprias.

Sarmiento refere em (in Alarcão & Miguéns, 2008) que em Portugal, relativamente à legislação que salvaguarda, promove e protege as crianças, só se verificou uma evolução favorável, nas últimas décadas.

Segundo a Convenção Sobre os Direitos da Criança, “criança é todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo.”⁶

Desde que nasce, a criança vive em pleno processo de desenvolvimento. Friedrich Froebel (2001) foi um dos primeiros a considerar que a fase de maior importância na formação dos indivíduos é o início da infância.

⁶ A Convenção sobre os Direitos da Criança Adoptada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990- Unicef

De acordo com Portugal (in Alarcão e Miguéns, 2008) “ao relacionarem-se com quem cuida delas, e com todos os que as circundam, as crianças estão expostas a formas de pensamento, sentimentos e comportamentos que contêm todo o tipo de ideias implícitas sobre o que significa ser-se “gente” numa determinada cultura” (p.39).

Tendo em conta este e outros aspetos, é fundamental que, durante o processo de aquisição do conhecimento, se reconheça as diferenças e necessidades de cada criança, de modo a poder adaptar as práticas didáticas.

As crianças constroem o conhecimento do mundo que as rodeia, ajustando as suas estruturas mentais e cognitivas com base na organização das aprendizagens que realizaram. A sua forma de estar no mundo é determinada pelas experiências que realiza. Neste âmbito a escola na figura do professor/educador, deverá fornecer, e citando Vigotsky, os «andaimos» que as ajudem a construir o seu conhecimento.

As metodologias ativas têm um papel único neste contexto, uma vez que caso a prática de sala de aula seja castradora, “a vontade de aprender das crianças pode ser inconscientemente esmagada pela experiência educativa” (Smith, Cowie, & Blades, 2001, p. 497)

Se queremos maior proatividade por parte dos alunos, será necessário adotar metodologias ativas, que os envolvam nas atividades, e que estas vão aumentando o grau de complexidade. Só desta forma irão conseguir tomar decisões e avaliar o resultado do que construíram.

Deve promover-se a criatividade, fomentar o espírito de iniciativa e de solidariedade e ainda prepará-las para serem cidadãos coerentes na demonstração de valores e atitudes que lhe permitam viver em comunidade.

As relações intergeracionais permitem, segundo Fernandes (2000), “que crianças encontrem referências aos valores universais na fase de construção da personalidade e de modelação de carácter” (p.54), por esta razão considera-se que este tipo de dinâmica é fulcral para a evolução de uma sociedade que se pretende interventiva, crítica e solidária.

2.2. Objetivos da investigação

Os objetivos desta investigação tem como ponto de partida a questão “Qual o contributo das relações intergeracionais para a aprendizagem de valores e atitudes em crianças dos 3 aos 10 anos”. Assim sendo, parece-nos pertinente enumerar alguns objetivos que nos propusemos concretizar para procedermos ao início deste estudo de caso:

- Aferir de que forma a escola e os agentes educativos podem intervir junto das crianças para que lhes sejam transmitidos valores e demonstradas atitudes que lhes permitam crescer como cidadãos conscientes, responsáveis e plenos de valores humanos;
- Analisar se a relação entre gerações mais idosas, e que por sua vez tem mais experiência social, e as gerações de crianças pode ser benéfica e promotora de aprendizagem de valores e atitudes de cidadania.

Planeámos então diferentes ações, que pretendíamos por em prática no período de estágio e que foram fundamentais para conseguirmos responder à questão sob investigação.

- Promover ações de partilha entre gerações fomentando a inserção da criança em diversos grupos sociais;
- Envolver os pais e comunidade escolar na partilha intergeracional;
- Promover atividades de participação cívica e social entre gerações.

Desta forma pretendemos aprofundar esta temática, começando por ajudar as nossas crianças a interiorizarem que necessitam de alterar as suas atitudes e comportamentos para que possam transformar-se em cidadãos plenos e capazes de agir em consciência numa sociedade que se pretende responsável e democrática.

2.3. Abordagem Metodológica

No âmbito deste estudo, emerge a metodologia da investigação qualitativa como sendo a mais adequada. Esta metodologia de investigação é especialmente descritiva e pormenorizada uma vez que o investigador pode utilizar várias

técnicas e instrumentos de recolha de dados que lhe permitem melhor compreender o produto das suas pesquisas.

Segundo Flick (2005) “a investigação qualitativa não se baseia numa concepção teórica e metodológica unitária. A sua prática e as suas análises são caracterizadas por diversas abordagens teóricas e respectivos métodos” (p.6).

Bogdan e Biklen (1994) afirmam que “a abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (p.49).

Stake (2009) refere que este processo investigativo é composto por um conjunto de etapas que permitem estrutura e organizar a investigação.

De acordo com Bardin (1977) “a análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais. Pode funcionar sobre corpus reduzidos e estabelecer categorias mais discriminante”(p. 115).

Para dar resposta à questão inicial deste trabalho, optámos por desenvolver um estudo de caso que segundo Merriam (1988 citado por Bogdan & Biklen, 1994) “consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico” (p. 89).

Como ponto de partida para a interpretação dos dados, o investigador pode utilizar as diferentes técnicas empíricas de recolha de dados, de que dispõe. Segundo Fortin (1999) “os principais métodos de colheita de dados em investigação qualitativa são a entrevista, a observação participante, o diário, a gravação, o vídeo” (p. 158).

As entrevistas e a observações realizadas fornecem os princípios que orientam as restantes etapas. Para tal procede-se, posteriormente, à análise de conteúdo dos vários instrumentos de recolha de dados sendo que a complementaridade dos vários métodos “permite, com efeito, efetuar um trabalho de investigação,

que, quando conduzido com a lucidez e as precauções necessárias, apresenta um grau de validade satisfatório” (Quivy & Campenhoudt, 1992, p. 200).

As técnicas seleccionadas para a realização da nossa investigação, foram na nossa perspectiva as mais adequadas e apropriadas para a sustentação do projeto de investigação uma vez que as “entrevistas ou observações-produzem dados que são transformados em textos, por meio da sua transcrição e registo” e a “investigação qualitativa trabalha sobre textos” (Flick, 2005, p. 11).

2.4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Para desenvolver este estudo, utilizámos diferentes instrumentos de recolha de dados, que nos permitiram elaborar o trabalho empírico.

Na primeira fase da investigação, começámos por utilizar a técnica de observação que nos permitiu tomar consciência e anotar informações e comportamentos essenciais, para a realização de uma análise cuidada, e com resultados mais fidedignos para responder a questão de partida.

Numa segunda fase, realizámos as entrevistas semiestruturadas, à amostra que havíamos seleccionado previamente, procedendo para isso à sua concretização de acordo com a disponibilidade dos intervenientes.

2.4.1. Observação

Segundo Aires (2011) “A observação consiste na recolha de informação, de modo sistemático, através do contacto directo com situações específicas” (p. 24).

Quivy e Campenhoudt (1992) completam a afirmação do anterior autor, referindo que “a observação é, portanto, uma etapa intermédia entre a construção dos conceitos e das hipóteses, por um lado, e o exame dos dados utilizados para testar, por outro”(p.157).

Uma vez que de acordo com Deshaies (1992) “a observação constitui a espinha dorsal dos trabalhos de pesquisa” (p.295) de modo a que consiga registar comportamentos, acontecimento e relações, o investigador deve estar inserido no contexto que pretende estudar.

Fortin (1999) afirma-nos que “o estudo de observação é utilizado quando o objeto do estudo a empreender requer dados que dificilmente podem ser obtidos de outra forma para além da observação... como é o caso da investigação junto de crianças, de pessoas idosas” (p.242).

Embora possa considerar-se membro do grupo, o principal objetivo do investigador é observar para posteriormente poder analisar os registos que recolheu. Através da experiência direta na ação conseguirá observar aspetos relevantes e aperceber-se de elementos significativos para os intervenientes no estudo.

Segundo Quivy e Campenhoudt (1992) existem dois tipos de observação, a direta “em que o próprio investigador procede diretamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados” (p.165) e a indireta em que o investigador se dirige “ao sujeito para obter a informação procurada...[neste caso] o instrumento de observação é ou um questionário, ou um guião de entrevista”(p.166).

Para realizarmos a investigação que deu mote a este relatório, optámos por realizar os dois tipos de observação expostos.

Flick (2005) afere que, para que a observação tenha um carácter efetivo “primeiro, o investigador tem de se ir tornando um participante e de ir ganhando acesso às pessoas e ao terreno” por outro lado “ a observação também... [deverá seguir] o processo de se tornar cada vez mais concreta e concentrada nos aspetos essenciais para a problemática da investigação” (p.142).

Não obstante, os primeiros dias no campo de investigação são os mais difíceis pois “como em qualquer papel que se desempenha, no papel de investigador, vai-se desenvolvendo uma confiança crescente à medida que se ganha prática. Ser-se investigador é algo que se desenvolve... embora a princípio possa ser extremamente difícil”. (Bogdan & Bilken, 1994, p. 122)

Segundo os autores Adler e Adler, Denzin e Spradley (1980,1989b,1998 citados por Flick,2015) as fases da observação são:

- Escolha do enquadramento, isto é, onde e quando podem ser observados os processos e as pessoas que interessam;
- Definição do que em cada caso deve ficar registado na observação;
- Treino do observador, para padronizar os processos;
- Observações descritivas que fornecem uma visão geral inicial do campo;
- Observações dirigidas, que se vão concentrando nos aspectos relevantes para a investigação;
- Observações flectivas que visam intencionalmente captar apenas aspectos nucleares;
- O fecho da observação, após ter sido atingida a saturação teórica ... quando novas observações não acrescentam mais conhecimentos.
(p.139)

A observação, enquanto técnica qualitativa, permite ao investigador ouvir e registar os discursos que ocorrem naturalmente no campo que se pretende estudar, possibilitando uma maior compreensão e descodificação da sua interação social.

Esta técnica prevê um grande dispêndio de tempo pois o investigador deve aguardar pelos acontecimentos e não provocá-los, mas a principal limitação desta técnica é sem dúvida “a influência que o observador exerce sobre os observados” (Barañano, 2004, p. 108).

A observação, seja direta ou indireta, é uma técnica fundamental para qualquer investigação qualitativa no entanto e segundo Quivy e Campenhoudt (1992), o investigador deve limitar-se a observar os indicadores relacionados com as hipóteses formuladas inicialmente, para não correr o risco de ser submerso por uma quantidade volumosa de dados que podem facilmente tornar-se incontroláveis.

Durante todo o processo o investigador utiliza diferentes formas para fazer o registo das observações realizadas. A estes registos escritos, damos o nome de notas de campo que não são mais que “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha” (Bogdan & Bilken, 1994, p. 150).

Ainda segundo Bogdan e Biklen (1994) “as observações, tal como as notas de qualquer observação participante, deverão ser descritas de uma forma detalhada” (p. 300).

Ao longo de todo o processo de investigação, tivemos o cuidado de registar diariamente todas as notas de campo das várias atitudes e comportamentos observados que nos pareceram relevantes, inferências ocasionais e também as reflexões dos diversos momentos vividos e que evidenciaram alguma importância, para o estudo em questão.

As notas de campo registadas, originaram um diário de bordo que segundo Bogdan e Biklen (1994) ajudam “o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como é que o plano de investigação foi afetado pelos dados recolhidos, e a tornar-se consciente de como ele ou ela foram influenciados pelos dados” (p.150).

Urge referir que as notas recolhidas foram, essencialmente baseadas no que se observou e ouviu durante todo o processo de investigação e tiveram tanto um carácter descritivo, uma vez que foi nossa preocupação captar as conversas observadas e ações dos intervenientes, registando-as, como reflexivo uma vez que no final das observações procedíamos de imediato à reflexão pessoal das situações vividas.

Os registos fotográficos foram também uma constante e complementaram as notas de campo recolhidas durante todo o processo realizado.(Anexo V)

De acordo com Bogdan e Biklen (2005) “se o estudo tiver como preocupação central as ocorrências típicas, terá de encontrar uma forma de minimizar a distorção das rotinas causada pela presença do fotógrafo” (p.141).

Inicialmente, sempre que usávamos a máquina fotográfica, conseguíamos perceber que os intervenientes na investigação, alteravam ligeiramente a sua postura, no entanto com o passar do tempo, conseguimos minimizar o efeito da presença desta ferramenta principalmente porque nos tornámos familiares ao grupo e este passou a não ser um momento de distração

2.4.2. Entrevista

Uma das ferramentas utilizadas na metodologia qualitativa é a técnica da entrevista: “utilizando um guião de entrevista que inclua perguntas específicas e estímulos narrativos é possível colher dados biográficos, tendo em atenção um problema determinado” (Flick, 2005, p. 89).

Segundo Morgan (1988, citado por Bogdan & Bilken, 1994), a entrevista “é dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a outra”. (p.134) Esta técnica pressupõe o diálogo entre mais que uma pessoa (o entrevistador e o seu (s) interlocutor (es), em que as questões colocadas têm intenção de obter informações significativas, explícitas e concisas em relação ao objeto de estudo.

Também Quivy e Campenhoudt (1992) defendem que:

os métodos da entrevista distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais da comunicação e interação humana...estes processos permitem ao investigador retirar das suas entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados...o interlocutor do investigador exprime as suas percepções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências ao passo que, através das suas perguntas abertas e das suas reacções o investigador facilita essa expressão. (p.193)

Assim sendo e ainda, tal como assevera Fortin (1999) “a entrevista é um modo particular de comunicação verbal, que se estabelece entre o investigador e os participantes com o objetivo de colher dados relativos às questões de investigação formuladas” (p.245).

Existem entrevistas de dois tipos: as formais e as informais. Distinguidas pela estrutura, na primeira é necessário preparar um guião para obter as informações que de outra forma não seria possível recolher em relação ao objeto de estudo e a segunda assemelha-se a uma conversa mais banal onde se pretende obter respostas mais específicas.

No âmbito das entrevistas formais, podemos ainda encontrar as diretivas e semidiretivas.

Em ambas é necessário um guião mas este só é seguido à risca no primeiro contexto referido uma vez que na entrevista semidiretiva de acordo com as afirmações de Barañano (2004)

o entrevistador apresenta o tema e as diferentes áreas que o entrevistado deve abordar e este tem liberdade quanto à ordem e à forma como irá introduzir as diferentes áreas do tema. O entrevistador só pode intervir para re-orientar a entrevista no caso do entrevistado se desviar do tema, ou para lhe lembrar que esqueceu alguma das áreas a abordar. (p.93)

São então este tipo de entrevistas onde “se utiliza um guião... [que] oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo” (Bogdan & Bilken, 1994, p. 135).

Por outro lado nas entrevistas não estruturadas, ainda segundo os mesmos autores,

o entrevistador encoraja o sujeito a falar sobre uma área de interesse e, em seguida, explora mais aprofundadamente, retomando os tópicos e os temas que o respondente iniciou ... o sujeito desempenha um papel crucial na definição do conteúdo da entrevista e na condução do estudo. (p.135)

Esta técnica é uma ferramenta fundamental para a recolha de dados qualitativos, pois encontra-se ao serviço dos objetivos que o investigador tem, para perspetivar o conhecimento e a conceção teórica que o interlocutor faz de um determinado tema, todavia como todas as técnicas tem vantagens e desvantagens.

Uma das vantagens é o facto de ser flexível, ou seja, a pergunta colocada pelo investigador pode não seguir o guião padronizado que respeita o referencial temático. Ao não seguir a ordem sequencial das questões elaboradas é

estimulada a participação ativa do interlocutor no que se refere à construção da informação que pretende transmitir.

Mas a grande vantagem desta técnica é a sua adaptabilidade pois “um entrevistador habilidoso consegue explorar determinadas ideias, testar respostas, investigar motivos e sentimentos ... [e] a forma como determinada resposta é dada pode fornecer informações que uma resposta escrita nunca revelaria” (Bell, 1997, p. 118).

No que se refere às desvantagens, consideramos que uma das limitações desta técnica, é a subjetividade dos dados uma vez nem sempre se consegue obter respostas concretas e específicas para o tema proposto.

Quivy e Campenhoudt (1992) também atestam esta limitação, uma vez que defendem que muitos dos entrevistadores têm algumas dificuldades em orientar a entrevista. O facto de não terem diretrizes que os possam guiar acaba por permitir uma maior dispersão por parte dos interlocutores e como consequência, os dados que recolhem são inúteis para a investigação.

Tendo em conta o aspeto referido, parece-nos que a construção de um guião, referindo-nos a uma entrevista semiestruturada, pode simplificar o registo das respostas direcionando-as para o tema em questão contudo Hopf (1978, citado por Flick, 2005) “adverte contra as aplicações excessivamente burocráticas do guião de entrevista, que podem limitar as vantagens da abertura e da informação sobre o contexto, por prenderem demasiadamente o entrevistador” (p.94).

O entrevistador deve apresentar um discurso coerente e com a linguagem adaptada ao contexto. É fundamental que tente abster-se de comentários às ações do interlocutor, tentando manter a imparcialidade sobre a investigação que está a realizar mesmo considerando que “os entrevistadores [são] seres humanos e não máquinas e de [que] a sua maneira de ser... [pode] influenciar os entrevistados” (Bell, 1997, p. 122).

Importa referir, que embora esta técnica de recolha de dados, apresente algumas desvantagens, poderá traduzir-se em resultados significativos para o estudo efetuado baseando-se “numa concepção dialógica (interna e externa) [que] supõe a existência de uma relação dinâmica entre o «eu», o «outro», o

«contexto» e o «tema da comunicação» ” (Bakhtin, 1995, citado por Aires, 2011, p. 32).

Para concretizar a investigação e tendo em conta todos os aspetos referidos sentimos a necessidade de elaborar um guião de entrevista para cada grupo de investigação que pretendíamos investigar e que passamos a apresentar.

Quadro 3: Temas e objetivos do guião de entrevista efetuado a educadora de pré-escolar e professora do 1º ciclo do ensino básico

Temas		Objetivos
C	Conceções; Perspetivas, funções e desempenho; Alterações na sociedade.	Saber qual a conceção de infância do entrevistado; Saber qual a conceção de valores e atitudes do entrevistado; Saber, na perspetiva do entrevistado, se considera que houve alteração dos valores e atitudes das crianças ao longo dos tempos; Saber quais foram as alterações, na sociedade, que interferiram com as atitudes e valores das crianças de hoje; Saber quem é responsável por transmitir valores às crianças; Que alterações deveriam haver na sociedade para que as atitudes das crianças pudessem ser alteradas.
D	Importância da escola, das atividades educativas; Identificação de comportamentos; Atitudes adotadas.	Perceber qual a importância da Escola para a aprendizagem de valores; Saber se a promoção de atividades educativas podem promover a aquisição de atitudes e valores; Saber se no seu grupo de trabalho existem comportamentos e atitudes desajustados; Saber que atitudes adota perante estas atitudes; Saber que atividades promove para potenciar a aprendizagem de atitudes e valores e seu contributo.
E	Conceções, perspetivas sobre trabalho realizado.	Saber qual a conceção sobre envelhecimento na perspetiva do entrevistado. Saber qual a perspetiva de envelhecimento ativo do entrevistado. Saber qual a conceção de relações intergeracionais do entrevistado; Saber qual o contributo que as relações intergeracionais podem ter na aprendizagem de atitudes e valores; Saber o que pensa das atividades realizadas com o grupo; Saber que alterações verificou e que reações as crianças demonstraram.
F	Agradecimento	Perguntar se têm alguma coisa a acrescentar ou se gostariam de salientar algum aspeto que não foi contemplado nas questões;

	Agradecer a disponibilidade.
--	------------------------------

Quadro 4: Temas e objetivos do guião de entrevista efetuada a animadora sociocultural do Centro de dia

	Temas	Objetivos
C	Conceções; Perspetivas, funções e desempenho; Alterações na sociedade.	Saber qual a conceção de infância do entrevistado; Saber qual a conceção de valores do entrevistado; Saber a conceção de atitudes do entrevistado; Saber, na perspetiva do entrevistado, se considera que houve alteração das atitudes e valores das crianças ao longo dos tempos. Saber quais foram as alterações, na sociedade, que interferiram com as atitudes e valores das crianças de hoje. Saber quem é responsável por transmitir valores às crianças; Que alterações deveriam haver na sociedade para que as atitudes das crianças pudessem ser alteradas.
D	Importância da escola, das atividades educativas; Identificação de comportamentos; Atitudes adotadas.	Perceber qual a importância da Escola para a aprendizagem de valores;
E	Conceções, perspetivas sobre trabalho realizado.	Saber qual a conceção sobre envelhecimento na perspetiva do entrevistado. Saber qual a perspetiva de envelhecimento ativo do entrevistado. Saber qual a conceção de relações intergeracionais do entrevistado; Saber qual o contributo que as relações intergeracionais podem ter na aprendizagem de atitudes e valores Saber o que pensa das atividades realizadas com o grupo. Saber que alterações verificou e que reações as crianças demonstraram.
F	Agradecimento	Perguntar se têm alguma coisa a acrescentar ou se gostariam de salientar algum aspeto que não foi contemplado nas questões. Agradecer a disponibilidade

Quadro 5: Temas e objetivos do guião de entrevista efetuada as crianças

	Temas	Objetivos
C	Perspetivas.	Saber qual a atividade realizada.
	Perspetivas sobre trabalho realizado.	Saber qual a perspetiva das crianças sobre as atividades realizadas.
D	Agradecimento	Perguntar se têm alguma coisa a acrescentar ou se gostariam de salientar algum aspeto que não foi contemplado nas questões. Agradecer a disponibilidade

Quadro 6: Temas e objetivos do guião de entrevista efetuada os idosos

	Temas	Objetivos
C	Perspetivas.	Saber qual a atividade realizada;
	Perspetivas sobre trabalho realizado; Perspetiva dos entrevistados.	Saber qual a perspetiva do entrevistado sobre as atividades realizadas. Saber quais os valores e atitudes trabalhados nos encontros intergeracionais
D	Agradecimento	Perguntar se têm alguma coisa a acrescentar ou se gostariam de salientar algum aspeto que não foi contemplado nas questões. Agradecer a disponibilidade

Nestes guiões de entrevistas (Anexo III), descrevemos as linhas orientadoras bem como os objetivos das questões a colocar aos entrevistados tendo em conta que estas “devem incidir diretamente no objetivo e nas questões da investigação empreendida” (Fortin, 1999, p. 250).

Tivemos ainda o cuidado de organizá-los seguindo uma lógica que permitisse aos interlocutores perceber o conteúdo das questões pois estas “devem ser compreensíveis para todos os sujeitos, independentemente da capacidade de leitura de cada um, isto é, claras e não enviesadas” (Fortin, 1999, p. 251).

As entrevistas decorreram num ambiente descontraído pois de acordo com Bogdan e Bilken, (1994) é importante “criar uma atmosfera onde os entrevistados se possam sentir à vontade para expressarem as suas opiniões” (138).

Procedemos à sua gravação, depois de termos pedido autorização aos entrevistados, uma vez que não conseguiríamos tirar todas as notas importantes devido à sua extensão. Depois de registar as perguntas e respostas, na íntegra,

de todas as entrevistas, procedemos à realização de uma síntese onde identificámos os aspetos com maior relevância (Anexo IV).

Os dados recolhidos assumiram depois a forma de indicadores, que organizados em unidades de registo, nos levaram a identificar com mais precisão a informação que considerávamos pertinente.

2.5. Caracterização dos participantes no estudo

Como referido anteriormente, a questão inicial deste projeto de investigação, surgiu durante a prática do estágio supervisionado, depois de termos realizado algumas atividades intergeracionais e de termos percebido que as relações entre as crianças e os idosos poderiam ter inúmeros benefícios.

Fortin (1999) refere que o investigador deve recorrer

a participantes que representem tantas realidades quantas o fenómeno compreende. Por meio de entrevista e observação, o investigador seleciona pessoas e situações características de experiências ou de situações típicas, de maneira tal que as amostras representem o universo que se quer descrever. (p.151)

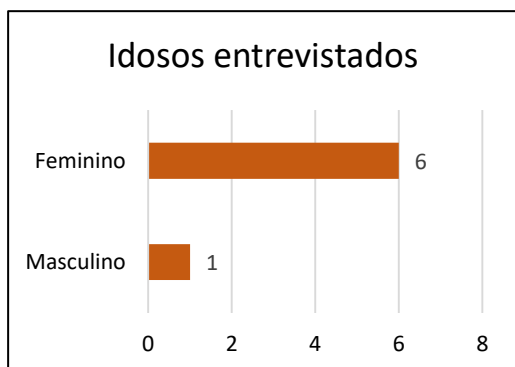
Quivy e Campenhoudt (1992) defendem que os interlocutores recomendados para a realização de entrevistas “são pessoas que, pela sua posição, pela sua acção ou pelas suas responsabilidades, têm um bom conhecimento do problema. Essas testemunhas podem pertencer ao público sobre que incide o estudo ou ser-lhes exterior, mas muito relacionadas com esse público”(p.69).

Tomando como válida a afirmação dos autores citados, e com o objetivo de analisar as perspetivas dos intervenientes no estudo em questão, optámos por realizar as nossas observações no local onde realizámos o estágio, e também no Centro de Dia local, onde tivemos a oportunidade de por em prática algumas atividades.

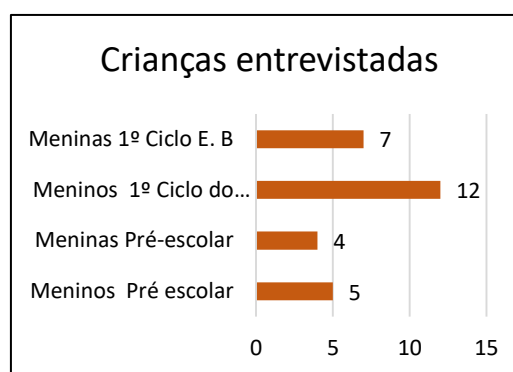
Procedemos depois à escolha dos intervenientes a entrevistar e constituímos participantes as crianças do Pré-escolar e do Primeiro Ciclo do Ensino Básico, as docentes das duas valências, os idosos, e também a animadora sociocultural do centro de dia, que esteve envolvida em todo o processo.

Considerámos que seria importante estabelecer um critério para a realização das entrevistas uma vez que, tanto o grupo de crianças, como o grupo dos idosos, era manifestamente grande. Optámos então por utilizar esta técnica apenas com as crianças de seis anos das duas valências, e com os idosos que tinham participado ativamente, nomeadamente no grupo de cantares, aquando das atividades no Centro de dia.

Quadro 7: Idosos entrevistados, por género



Quadro 8: Crianças entrevistadas, por género e por valência



Desta forma acreditamos ter conseguido representar a população alvo do nosso estudo, tentando conferir o rigor e objetividade científica pretendidos nesta investigação.

2.6. Análise de conteúdo dos dados recolhidos

Após a recolha dos dados necessários para o projeto que nos propusemos realizar, procedemos à análise dos mesmos uma vez que segundo Fortin (1999) em investigação qualitativa esta

é uma fase integrada no processo de investigação, presente de cada vez que o investigador se remete a um período de colheita de dados e em que ele deve situar-se em relação ao que já emergiu dos dados e ao que resta para descobrir. (p.306)

Também Quivy & Campenhoudt (1992) asseveram que "o lugar ocupado pela análise de conteúdo na investigação social é cada vez maior, nomeadamente porque oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e

testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade”(p.224).

Depois da análise de documentos e do referencial bibliográfico consultado que nos permitiu, de acordo com Bell (1997) “constituir uma explicação do contexto em que a pesquisa se integra” (p. 190), procedemos à recolha de dados por entrevista semiestruturada, à amostra escolhida criteriosamente, com vista a recolher a sua perspetiva sobre a importância das relações intergeracionais para a aprendizagem de valores e atitudes.

As entrevistas realizadas durante o mês de junho de 2017, foram gravadas com recurso ao registo de áudio e subseqüentemente transcritas na íntegra. Após a análise das mesmas, foram elaborados os respetivos quadros síntese (Anexo IV), que nos permitiram fazer uma leitura mais específica de cada discurso e comparar as perspetivas dos interlocutores, visando encontrar os aspetos convergentes e divergentes das suas conceções.

Para finalizar todo este processo de análise procedemos à interpretação dos resultados e para tal recorreremos aos procedimentos de triangulação de dados.

A triangulação de dados poderá ser a forma mais válida de assegurar a fiabilidade de um estudo. Esta técnica consiste na combinação de dois ou mais pontos de vista, de teorias, entrevistas ou qualquer outro método de recolha de dados na mesma investigação. Esta combinação tem como objetivo obter um resultado mais fidedigno da realidade estudada e conseqüentemente uma maior compreensão do fenómeno analisado.

Denzin (1989, citado por Fortin 1999) refere a existência de quatro tipos de triangulação.

- “ a triangulação dos dados [que] consiste numa colheita de dados junto de diversas fontes de informação (grupos, meios, períodos de tempo), a fim de estudar um mesmo fenómeno” (Fortin, 1999,p.323).
- “a triangulação dos investigadores [que] implica a participação de dois ou mais investigadores no estudo do mesmo fenómeno e no exame dos dados com vista a assegurar uma maior fidelidade dos resultados” (Fortin, 1999,p.323).

- “a triangulação das teorias [que se] caracteriza pela avaliação da pertinência e da perspectiva das hipóteses ou das teorias concorrentes” Denzin (1989 citado por Fortin 1999, p.324).
- “a triangulação de métodos[que] consiste em utilizar vários métodos de investigação num mesmo estudo” (Fortin, 1999,p.324).

Vários autores consideram que quanto maior for a diversidade de métodos maior será a confiança nos resultados que se produzem. Isto acontece porque pode sempre tirar-se o melhor de cada método utilizado e este melhor colmatar as fraquezas de cada um.

Segundo Banik, Kimchi e Col. (1993,1991 citados em Fortin 1999) “com efeito, a triangulação pode realçar os laços entre a teoria, a investigação e a prática, dado que esta consiste em examinar as questões nos diversos contextos e através de múltiplas conceptualizações” (p.325).

2.7.Análise das entrevistas

Como foi referido anteriormente, as entrevistas semiestruturadas foram, numa primeira fase, realizadas às docentes titulares das duas valências da prática supervisionada, bem como à responsável pela animação sociocultural do centro de dia, uma vez que todas estiveram, desde o início, implicadas diretamente em todo o processo de investigação.

Para complementar o nosso estudo, considerámos pertinente inquirir também as crianças e idosos que participaram nas atividades e assim perceber quais as perspetivas dos intervenientes diretos na prática.

2.8.Perspetivas de Docentes e Animadora Sociocultural

Adotando o princípio da confidencialidade que propusemos a quando da realização das entrevistas, optamos por identificar as entrevistadas com as siglas (E1), (E2) e (E3). Não podemos contudo deixar de referir, para melhor enquadramento das suas respostas que (E1) é licenciada no curso de professores de 1º ciclo do ensino básico e tem 46 anos; (E2) é bacharel do curso de educadores de infância e tem 54 anos e (E3) é psicóloga de formação e tem 42 anos.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas em locais calmos e de conveniência para ambas as partes. Urge referir que a disponibilidade destas foi visível durante todo o processo e que no final, todas reviram os textos das entrevistas transcritos, para eliminar qualquer dúvida que pudesse ter surgido.

Para uma melhor compreensão dos resultados foram criadas três dimensões de análise que nos ajudaram a perceber a informação recolhida e que foram as seguintes: a) *Conceções: perspetivas, funções e desempenho, alterações na sociedade*; b) *Importância da escola, das atividades educativas, identificação de comportamentos, atitudes adotadas*, c) *Conceções; Perspetivas sobre trabalho realizado*.

- a) Na dimensão “*Conceções, perspetivas, funções, desempenho e alterações na sociedade*” pretende-se que as entrevistadas explicitem algumas conceções que nos levem a compreender as suas perspetivas sobre as questões colocadas. Para tal dividimos esta dimensão em categorias que nos permitiram realizar o guião de entrevista semiestruturada e analisá-lo de uma forma mais eficaz. São elas: *Conceção de infância; Conceção de valores e de atitudes; Alteração dos valores e atitudes das crianças ao longo dos tempos; Alterações, na sociedade, que interferiram com os valores e atitudes das crianças de hoje e Responsáveis pela transmissão de valores às crianças*.

- b) No tópico “*Importância da escola, das atividades educativas, identificação de comportamentos, atitudes adotadas*” analisa-se a perspetiva das entrevistadas tendo em conta as suas vivências profissionais. Este ponto foi igualmente dividido em categorias para que fosse possível uma melhor compreensão do mesmo. As categorias são: *Importância da Escola na aprendizagem de valores e atitudes; As atividades educativas podem promover a aquisição de valores e atitudes; Identificação de comportamentos e atitudes desajustados na prática profissional; Atitudes adotadas perante comportamentos desajustados; Atividades promovidas que potenciam a aprendizagem de valores e atitudes e seu contributo*.

Devemos referir que algumas das questões não foram colocadas à (E3) uma vez que, dizem apenas respeito às práticas em sala de jardim-de-infância e de primeiro ciclo.

- c) No último bloco com o tema “*Conceções; Perspetivas sobre trabalho realizado*” pretendemos mais uma vez auscultar as entrevistadas sobre algumas conceções importantes para o nosso estudo. Era nosso propósito perceber ainda as suas perspetivas sobre as atividades realizadas e os benefícios que proporcionaram aos intervenientes. Categorizamos então este tópico da seguinte forma: Envelhecimento; Envelhecimento versus envelhecimento ativo; Relações intergeracionais; Contributo que as relações intergeracionais podem ter na aprendizagem de atitudes e valores; Perspetiva sobre atividades realizadas com o grupo; Alterações e reações verificadas

Optámos por não apresentar subcategorias dos tópicos referidos, uma vez que o número de entrevistados é manifestamente pequeno. Assim sendo, procederemos de imediato, à análise de cada categoria das diferentes dimensões, ressaltando as convergências e divergências das perspetivas de cada entrevistada, salientando os resultados significativos e relevantes para a problemática estudada.

2.8.1. Conceções, perspetivas, funções, desempenho e alterações na sociedade

Com as categorias apresentadas pretendemos aferir:

Conceção de infância- Nesta categoria pretende-se entender qual a conceção das interlocutoras sobre infância.

Conceção de valores e de atitudes- Com as questões colocadas nesta categoria, pretende-se perceber quais as conceções de valores e atitudes e as suas diferenças.

Alteração dos valores e atitudes das crianças ao longo dos tempos- Nesta categoria pretende-se considerar a perspetiva das entrevistadas no que se refere

às alterações dos valores e atitudes do ser humano e principalmente das crianças ao longo dos tempos.

Alterações, na sociedade, que interferiram com os valores e atitudes das crianças de hoje- nesta categoria, as entrevistadas identificam as alterações na sociedade que provocaram a mudança de valores e atitudes das crianças.

Responsáveis pela transmissão de valores às crianças- esta categoria remete-nos para a percepção das entrevistadas, sobre que é responsável pela transmissão de valores às crianças tendo como objetivo primordial que estas cresçam conscientes do seu dever cívico e democrático enquanto membros da sociedade.

Alterações que deveriam haver na sociedade para que as atitudes das crianças pudessem ser alteradas- nesta categoria pretende-se que as entrevistadas indiquem algumas sugestões que visem alterar a sociedade, e que permitam mudar as mentalidades atuais, no sentido de promover a aprendizagem de valores essenciais para a mudança de atitudes das crianças.

Apresentaremos de seguida as inferências obtidas nas entrevistas.

2.8.1.1. Conceção de infância

No que diz respeito a este tópico, depois da análise que fizemos, pudemos constatar que duas das entrevistadas tem uma opinião semelhante, quando referem que infância é uma fase de aprendizagem. Estas acrescentam ainda que

É a idade entre ser bebé e adolescente...é uma idade de crescimento e aprendizagem.(E1)

É uma fase de partilha de muita coisa. (E3)

Relativamente a esta questão, a terceira inquirida não tem uma opinião convergente e salienta que a infância depende de cada criança.

Se observarmos o conceito de infância no dicionário de língua portuguesa logo percebemos que é “o período de vida humana desde o nascimento até à puberdade.”⁷

Segundo esta linha de pensamento, Portugal (in Alarcão e Miguéns, 2008) refere ainda que

Na infância lançam-se as bases do desenvolvimento nos seus diversos aspectos físicos, motores, sociais, emocionais, cognitivos, linguísticos, comunicacionais, etc. sendo a autonomia o sinal de desenvolvimento que se vai construindo em todos os instantes, num todo que é “a pessoa” e que junta diferentes dimensões desenvolvimentais. (p.33)

Os dados recolhidos levam-nos a encontrar semelhanças com as opiniões de duas das entrevistadas uma vez que estas entendem o conceito de infância como um processo de aprendizagem no entanto a (E2) apenas considera que esta fase depende de cada criança.

2.8.1.2. Conceção de Valores e atitudes

Podemos afirmar que nesta categoria todas as entrevistadas estão de acordo no que se refere aos conceitos abordados uma vez que mencionam que os valores são conhecimentos que se adquirem e que por seu lado se revelam nas atitudes tomadas. Vejamos:

O valor é a base, é digamos o conceito, a atitude é a ação é aquilo que eu depois vou fazer. (E1)

Os valores são aquilo que nós transmitimos, as atitudes são aquilo que as pessoas fazem na realidade.(E2)

Os valores são coisas que se aprendem...as atitudes tem a ver com os valores. As atitudes são tomadas de acordo com os valores. (E3)

⁷in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/inf%C3%A2ncia> [consultado em 20-09-2017].

Nas conceções das entrevistadas podemos encontrar semelhanças com a noção que Bolívar, et al. (2000) nos apresentam, uma vez que os autores defendem “que valores são entendidos como um tipo de crenças, crenças firmes, perspectivas que se referem a estados finais da existência (valores morais) ou a modos específicos de conduta ou estados desejáveis de conduta (valores instrumentais) ” e referem ainda que “os valores são um dos referentes necessários para a conformação das atitudes” (p.103).

2.8.1.3. Alteração dos valores e atitudes das crianças ao longo dos tempos

As entrevistadas consideram que houve uma alteração nos valores e atitudes das crianças ao longo dos anos e referem que

Infelizmente muitos valores e atitudes que eu considero que são importantes, nem sempre estão presentes e alguns pais estão a desvalorizá-los.(E1)

Eu acho que sim...acho que há muitos valores que já não são passados.(E3)

Estas perspectivas vão de encontro ao que Beltrão e Nascimento (2000) defendem uma vez que as autoras afirmam que nas “sociedades altamente estruturadas, onde cada indivíduo sabia onde se situar, as referências indiscutíveis esfumam-se. O poder de escolha faz tomar dolorosamente consciência de que *poder* escolher não implica *saber* escolher”(p.23).

2.8.1.4. Alterações, na sociedade, que interferiram com os valores e atitudes das crianças de hoje

Nesta categoria também se verifica um consenso nas respostas às questões, por parte das entrevistadas. Todas consideram que a falta de tempo dos pais é um fator determinante para as alterações que se tem verificado. Referem ainda que

O facto de as crianças terem acesso a tudo, de acharem que tudo é permitido, de não terem às vezes noção do limite... ou seja acham que

é permitido fazer tudo...perde-se um bocadinho a noção de família, de respeito, de limite, de regra. Isso depois influencia o relacionamento com os outros e o nosso trabalho no dia-a-dia na escola. (E1)

As novas tecnologias influenciaram muito...Os pais perderam muitos valores que não transmitem aos filhos porque acham que...acham que tem que lhes dar tudo menos o que é importante: atenção. (E2)

Os pais estão muito focados no trabalho e acabam por não conseguir fazer um acompanhamento tão perto às crianças... e também o facto de os avós não estarem presentes. (E3)

Este consenso é partilhado por Tedesco (1999) que assevera que estamos a viver numa fase em que as famílias se demitiram de transmitir a formação cultural básica às suas crianças, isto porque os adultos que tem um papel de destaque nesta missão são diferentes, o ingresso nas instituições de ensino são cada vez mais precoces e “os adultos perderam a segurança e a capacidade de definir aquilo que querem oferecer, como modelo, às novas gerações” (p.40).

2.8.1.5.Responsáveis pela transmissão de valores às crianças

Segundo as entrevistadas a família é a principal responsável pela transmissão de valores às crianças. Na análise das respostas pudemos ainda perceber que as entrevistadas acreditam que a escola, hoje em dia, tem um papel muito importante neste âmbito devido à inércia dos pais.

...será a família e as pessoas que trabalham com elas...acho que o facto de em casa não haver, porque os pais já não tem, ou não haver porque consideram que não é importante, as outras pessoas devem incutir esses valores porque eles são essenciais para nós vivermos em sociedade.(E1)

É função dos pais, só que os pais não o fazem demitem-se e entregam isso à escola. (E2)

Primeiramente os pais...acho que os educadores e professores também tem um papel fundamental porque passam o dia todo com eles...mas tem que partir de casa. (E3)

Podemos assim deduzir que todos estes pareceres estão de acordo com Costa, (2015) uma vez que este assevera que a família é a primeira entidade responsável, com direitos e deveres na formação das suas crianças, o autor sublinha ainda que “a escola aparece, então, como um prolongamento da família” (p.28).

2.8.1.6. Alterações que deveriam haver na sociedade para que as atitudes das crianças pudessem ser alteradas.

Nesta categoria encontramos também, pareceres semelhantes nas respostas das entrevistadas. Todas referiram que primeiramente é preciso educar para os valores. Reiteraram a ideia de que, essa é uma função dos pais. A ideia de que os pais deveriam disponibilizar mais tempo para os filhos também foi defendida. No entanto ainda acrescentaram outras opções que consideram válidas para que estas alterações se pudessem verificar.

...partindo muitas vezes de situações deles, aquilo que tem significado para eles, e que eles podem sentir que devem mudar, e se partir da escola ou se na escola também se trabalharem esses valores, eles depois irão falar em casa e aos poucos as mentalidades irão mudando. Por outro lado acho que a escola também tem ou deverá ter um papel ativo junto dos pais...deverá fazer formação... deverá inculcar aquilo que é realmente importante. (E1)

Todos tentamos mudar mentalidades. Isto é tudo uma questão de educação. Teríamos que educar estes (crianças) de tal maneira com valores, de tal maneira bem inculcados para que eles (crianças) pudessem mudar a sociedade...terão que ser as novas gerações que as terão que mudar. (E2)

...por exemplo haver uma maior partilha entre os idosos e as crianças como nós fizemos... se houvesse mais essa partilha também iria ajudar porque os nossos idosos tem muita experiência e muita coisa que podia ser passada acaba por não ser. (E3)

Parece-nos pertinente referir que as inferências retiradas dos textos de entrevista estão de acordo com as autoras Beltrão e Nascimento (2000) pois estas consideram que as atitudes se formam na infância e estabilizam quando adultos. Os fatores que as influenciam são existenciais e sociais. Uma vez que a criança aprende por condicionamento e modelagem todas as influências a que é exposta são marcantes e por isso estas devem ser positivas.

2.8.2.Importância da escola, das atividades educativas, identificação de comportamentos, atitudes adotadas

Com as categorias apresentadas pretendemos aferir:

Importância da escola na aprendizagem de valores e atitudes- Nesta categoria pretendemos aferir as considerações das entrevistadas sobre os deveres da escola enquanto transmissora de valores e atitudes às crianças, com o objetivo de alterar comportamentos;

As atividades educativas podem promover a aquisição de valores e atitudes- Esta categoria pretende esclarecer se as atividades educativas promovidas são, nas perspetivas das entrevistadas, um recurso eficaz para a aquisição de valores que potenciem atitudes conscientes e cívicas;

Identificação de comportamentos e atitudes desajustados na prática profissional- Identifica comportamentos desajustados e com atitudes desadequadas no seu grupo de trabalho das entrevistadas;

Atitudes adotadas perante comportamentos desajustados- Aferir quais as atitudes adotadas pelas entrevistadas, perante os comportamentos desajustados.

Atividades promovidas que potenciam a aprendizagem de valores e atitudes e seu contributo- Nesta categoria pretende-se saber quais as atividades que as entrevistadas promovem que potenciam a aprendizagem de valores e atitudes e quais as reações verificadas após a realização das mesmas.

2.8.2.1.Importância da Escola na aprendizagem de valores e atitudes

Ao reunir as afirmações das entrevistadas pudemos aferir que estas consideram que a escola tem um papel significativo na aprendizagem de valores e atitudes embora não seja consensual que este é o seu dever. Afirmam ainda que:

Qualquer situação que se trabalhe com as crianças fica lá sempre uma sementinha, depois pode crescer mais rapidamente se houver a parceria em casa...o ideal é estarmos todos em sintonia, daí que a relação família-escola seja fundamental. O ideal é a educação ser dada em casa e ser depois reforçada na escola...se assim não for, também pode partir da escola e tentar a colaboração dos pais para ter influência na criança. (E1)

...a maior parte do dia é passada na escola. Portanto a escola deve trabalhar e fomentar esses valores mas eles tem de vir de casa. Se calhar devia haver um trabalho com os pais também. Os pais tinham que voltar à escola. (E3)

Acaba por ter [esse papel] mas não é papel da escola. (E2)

Seguindo a linha de pensamento das entrevistadas percebemos que Costa (2015) também defende que a relação família-escola é de suma importância, quando assevera que “... as funções da escola e da família não se sobrepõem, antes se completam. A família «não é um anexo da escola» e a escola «não é uma sucursal da família» ” (p.29).

2.8.2.2.As atividades educativas podem promover a aquisição de valores e atitudes

As afirmações recolhidas levam-nos a perceber que as atividades educativas podem ser de grande valia para a aquisição de valores e atitudes.

Qualquer atividade que seja feita com um determinado propósito também reflete valores e pode levar à mudança de atitudes. (E1)

Quanto mais atividades relacionadas com este tema houver, com determinados temas que nós achamos fundamentais, melhor porque as crianças tudo o que é mais lúdico acabam por aprender de forma mais rápida. (E3)

As escolas devem adaptar-se, de modo a conseguirem alcançar o sucesso dentro da sociedade. Observando os dados obtidos, percebemos que estes são consensuais com esta afirmação. Hargreaves (2003) por sua vez também sustenta esta ideia quando refere para que isto resulte espera-se que “os professores construam comunidades de aprendizagem, criem a sociedade do conhecimento e desenvolvam as capacidades que permitem a inovação, a flexibilidade e o empenhamento na mudança” (p. 23).

2.8.2.3. Identificação de comportamentos e atitudes desajustados na prática profissional

As afirmações reunidas levam-nos a concluir que existem comportamentos desajustados dentro dos grupos das docentes entrevistadas

Não serão todos, mas em alguns alunos verifico a falta de reconhecimento da autoridade no adulto, a falta de limites, a falta de entenderem que o não é para cumprir, o saber esperar, porque muitos alunos são egocêntricos e nós não somos um «eu» numa turma somos um «nós» e portanto essas questões tem que ser alteradas. (E1)

2.8.2.4. Atitudes adotadas perante comportamentos desajustados

Depois de identificarem os comportamentos desajustados dentro dos seus grupos as entrevistadas referem que adotam determinadas atitudes que levam as crianças a pensar nas suas ações.

chamo a atenção, digo que não é assim, tento exemplificar com alguma situação que tenha acontecido ou uma situação pessoal que surja com eles, ou então tento reforçar com a leitura de uma história ou com um vídeo. Qualquer situação que lhes capte a atenção para eles refletirem sobre aquela ação e também se reverem nelas e perceberem se estão a agir da melhor forma. (E1)

tenta-se alterar. Tem-se conversas com as crianças e tenta-se alterar e mostrar que não são as atitudes corretas. (E2)

Os dados recolhidos vão de encontro à ideia defendida por Bolívar, et al. (2000) quando estes referem que

“os processos de transmissão de atitudes não se esgotam nas iniciativas educativas adoptadas de forma intencional... Muitos outros mecanismos de influência põe-se em marcha e actuam sem que nos dêmos conta, por meio dos processos relacionais e instrutivos que se produzem na escola”(p.38).

2.8.2.5. Atividades promovidas que potenciam a aprendizagem de valores e atitudes e seu contributo

Ambas as docentes entrevistadas referem que dinamizam diferentes atividades que potenciam a aprendizagem de atitudes e valores e afirmam,

Na sala de aula pode ser através do diálogo, da exploração de uma história, ver um vídeo, através de uma pessoa que seja da área da psicologia, da área do apoio à família que venha falar. A vinda dos próprios pais que por vezes tem formação na área. (E1)

A partilha é uma delas...as conversas em grande grupo, a partilha com os outros e tentar que eles partilhem com os colegas as próprias ideias e experiências... histórias, muitas histórias que transmitem isso e que dão ênfase a determinadas atitudes corretas. (E2)

Segundo os dados recolhidos verifica-se que embora as interlocutoras desta entrevista, tenham o cuidado de diversificar atividades nem sempre conseguem observar os resultados pretendidos.

Produz alguns, mas não aqueles que deveriam produzir porque cai em «saco roto», porque depois de chegar a casa nada disso funciona. (E2)

Era bom que atingissem todos mas isso não acontece. Algumas se calhar porque depois voltam para a realidade deles em casa e há determinados valores, ou que não são reforçados, ou que não são valorizados ou que

às vezes é a própria criança que não os escuta...mas acho que se ficar lá qualquer coisa, um dia mais tarde, ou pelo menos numa situação eles poderão pensar duas vezes em vez de terem aquela atitude incorreta. (E1)

Curwin e Curwin (1993) asseveram que o professor “ deve ocasionar a fase em que se desenvolverão as atividades de clarificação de valores: fornecer materiais, organizar e distribuir tempo, dar instruções facilitar a interação” (p.13).

Esmiuçando as inferências recolhidas nas entrevistas realizadas, mais uma vez constatamos que embora sejam promovidas práticas educativas diversificadas nos contextos profissionais das docentes inquiridas, que remetem para a área da formação pessoal e cívica, nem sempre se conseguem obter resultados positivos e em grande parte, mais uma vez a família tem uma grande parcela de culpa.

Nestas circunstâncias, não podemos nunca esquecer que a relação família-escola é fundamental para conseguir atingir os objetivos propostos, uma vez que, de acordo com Costa (2015) embora o professor deva ter um papel ativo nesta área, “a família continua a ser a instância basilar em matéria educativa” (p.23).

2.8.3. Conceções: Perspetivas sobre trabalho realizado

Com as categorias apresentadas pretendemos aferir:

Envelhecimento- Esta categoria pretende considerar qual a conceção de envelhecimento na perspetiva das interlocutoras;

Envelhecimento versus envelhecimento ativo- nesta categoria são identificadas as diferenças entre envelhecimento e envelhecimento ativo;

Relações intergeracionais- Pretende-se aferir qual o conceito de relações intergeracionais;

Contributo que as relações intergeracionais podem ter na aprendizagem de valores e atitudes - nesta categoria é nosso propósito que as entrevistadas revelem as suas inferências no que se refere ao contributo das relações intergeracionais para a aprendizagem de valores de cidadania;

Perspetiva sobre atividades realizadas com o grupo- esta categoria remete para a avaliação que as entrevistadas fazem das atividades realizadas durante o estágio;

Alterações e reações verificadas- diz respeito às alterações de comportamento e reações descritas pelas crianças que as entrevistadas observaram após a realização das atividades

2.8.3.1. Envelhecimento

Depreende-se que as considerações das entrevistadas vão de encontro ao estudo de Cerqueira (2010) pois esta sugere que “o processo de envelhecimento caracteriza-se por ser contínuo, irreversível e universal, e implica a ocorrência de várias alterações no organismo que se repercutem nas dimensões biológica, psicológica, social e psicossocial do indivíduo” (p. 78).

Pois nós temos o envelhecimento físico. Esse é inevitável e temos o envelhecimento psicológico e das atitudes... contra o físico podemos tentar mas com o tempo ele acaba por acontecer. O mental, o psicológico acho que tem muito a ver com a personalidade das pessoas e com o meio onde las estão envolvidas.(E1)

O envelhecimento é mais fisiológico do que propriamente físico. (E2)

Nós temos aqui tantas pessoas envelhecidas. Existe não só a perda de muitas capacidades mas também é um acumular de conhecimentos. (E3)

2.8.3.2. Envelhecimento versus envelhecimento ativo

As entrevistadas (E1) e (E3) tem uma opinião consensual no que se refere à diferença entre envelhecimento e envelhecimento ativo quando referem que,

envelhecimento é quando as pessoas envelhecem fisicamente e psicologicamente...envelhecimento ativo é quando as pessoas realmente aceitam que o físico vai envelhecendo... mas em termos de atitude tentam estar ativos e tentam participar...e estar um bocadinho a contrariar o envelhecimento que naturalmente acontece.(E1)

envelhecer só por envelhecer é perdermos as capacidades e não aproveitarmos nada do que aprendemos ao longo da vida e um envelhecimento ativo, não. Todos os conhecimentos adquiridos durante a vida podem ser partilhados com alguém. (E3)

Por sua vez a entrevistada (E2) refere que embora não tenha uma ideia muito definida em relação a este conceito considera que

envelhecimento ativo deve ser quando as pessoas se sentem mesmo velhas.(E2)

A fundamentação teórica consultada leva-nos então a perceber que as perspetivas de (E1) e (E3) estão de acordo com as políticas defendidas pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico que define o envelhecimento ativo como a capacidade das pessoas levarem uma vida ativa e produtiva na sociedade, à medida que envelhecem.

2.8.3.3. Relações intergeracionais

As apreciações sobre este conceito são consensuais, uma vez que todas as entrevistadas afirmam que as relações intergeracionais são aquelas que se processam entre diferentes gerações. Referem ainda que:

há sempre um choque de gerações mas não tem que ser mau. Pode ser uma partilha...pode ser construtivo. É uma aprendizagem para todos.
(E1)

É o que eu gostava que houvesse mais...é a partilha entre as nossas crianças, os nossos jovens e os nossos idosos. (E3)

Eu tenho uma idade que já poderia ser avó da maior parte dos meus meninos...e transmito-lhes, pelo menos tento transmitir os meus valores e ensinamentos. (E2)

Perante o discurso de (E2) parece-nos pertinente referir que esta considera que as relações que mantém com as crianças da sua sala, podem ser consideradas intergeracionais.

Mencionam também que estas relações são muito benéficas para as gerações envolvidas, afirmações estas que estão de acordo com Cabral, Ferreira, Silva, Jerónimo e Marques, (2013) uma vez que os autores defendem que a solidariedade e interdependência entre diferentes gerações são princípios importantes quando se pretende manter as gerações mais idosas, ativas. As crianças de hoje serão os idosos de amanhã e é importante que vão aprendendo com as vivências dos mais velhos para que, já adultos as possam passar aos mais novos.

2.8.3.4. Contributo que as relações intergeracionais podem ter na aprendizagem de valores e atitudes

De acordo com Morissette & Gingras (1999) “as atitudes duma pessoa... desenvolvem-se...gradualmente, por um processo hierárquico e cumulativo, através de interações adequadas com o meio, sobretudo o meio social. As interações sociais desempenham, pois, um papel importantíssimo” (p.76).

Se entendermos que as interações sociais que as autoras citadas referem são as relações com a comunidade, e uma vez que os idosos são parte integrante dessa mesma comunidade, as relações intergeracionais serão com certeza uma mais-valia para as aprendizagens das crianças no âmbito dos valores e atitudes.

Neste contexto, ao analisarmos os dados das entrevistas, percebemos que as respostas das interlocutoras vão de encontro ao exposto, pois estas acreditam que as relações intergeracionais podem contribuir significativamente para a aprendizagem de valores e atitudes.

podem aprender o respeito pelos mais velho e ver no adulto, realmente uma referência e um foco de aprendizagem. A saber respeitar o processo de envelhecer porque às vezes eles pedem coisas aos avós e às pessoas mais velhas, elas não conseguem responder da mesma maneira...por outro lado os idosos acabam por reviver a sua infância através das crianças, através do carinho que elas dão, através da sua verdade...portanto acho que só temos todos a beneficiar com este encontro de gerações. (E1)

É fundamental. Por isso os avós tinham um papel tão importante, não é. É que hoje em dia acaba por não haver tantos avós com os netos e por isso perde-se um bocadinho. Os idosos tem tanto conhecimento, tem tantas coisas que aprenderam que podem passar aos nossos meninos...(E3)

2.8.3.5.Perspetiva sobre atividades realizadas com o grupo

Nesta dimensão, foi nosso propósito obter informação que nos levasse a compreender quais as perspetivas das entrevistadas sobre as atividades realizadas no Centro de Dia, que tiveram como objetivo primordial promover as relações entre as crianças e os idosos.

Constatámos que tanto as docentes, como a animadora sociocultural do centro de dia, responsável pela dinamização das atividades nesse local, referem que esta partilha foi muito benéfica para ambas as partes envolvidas.

Foram muito benéficas...Foi muito bom em termos do processo. Eles (as crianças) fizeram a preparação do teatro...desde os fatos à encenação. Depois a própria apresentação e depois o convívio e no fundo também o mimosinho que os idosos tinham preparado com as canções. Ou seja, foi uma troca entre as crianças e os idosos. (E1)

Acho que foi muito bom, não só para as crianças como para os idosos também porque eles sentem que estão a dar alguma coisa deles e as crianças ao verem os idosos felizes também, ficam felizes. (E3)

2.8.3.6.Alterações e reações verificadas

Nesta categoria de análise recolhemos os registos de entrevistas, que nos levam a constatar que se verificaram algumas alterações, tanto no comportamento das crianças, apontados pelas docentes, como nas atitudes dos idosos, sublinhadas pela animadora sociocultural do centro de dia.

Eles (as crianças) falam muito dos idosos e lembram-se deles (dos idosos) com carinho. Quando falamos das atividades demonstram ter percebido a importância que tiveram para os idosos e que aprenderam muitas coisas

com eles. As reações foram muito positivas, ficaram muito contentes, ficaram felizes e alguns emocionaram-se pois sentiram-se úteis e sentiram que levaram alegria. (E1)

Para eles (as crianças), as pessoas idosas são todos avós. Perceberam a fragilidade de muitas dessas pessoas, e as capacidades de uns e de outros dentro da mesma faixa etária. Foi muito bom para eles (as crianças). Descreveram reações muito positivas. (E2)

Enquanto as atividades estão a ser realizadas e nos dias a seguir, falam muito nos meninos e recordam o que se passou comentando a forma como as crianças se portaram. Gostam muito de ter as crianças perto deles. Em relação às crianças sentem-se mais mudanças porque as crianças acabam por mudar um bocadinho mais os comportamentos e se calhar tem outra perspetiva. Os nossos idosos não há tanta mudança em termos de perspetiva das coisas, mas há um encher um bocadinho o coração. Sentiram-se mais aconchegados. (E3)

2.9. Perspetivas de Crianças e idosos

Neste tópico iremos analisar as entrevistas realizadas às crianças e idosos intervenientes no processo de investigação. Como referido anteriormente, optámos por ter como critério a idade cronológica das mesmas. Assim sendo, estamos perante um grupo de 28 crianças de 6 anos, maioritariamente do sexo masculino. Relativamente aos idosos, este grupo é composto por 7 entrevistados na sua maioria do sexo feminino.

Mais uma vez, tivemos o cuidado de adotar o princípio de confidencialidade e identificámos as crianças entrevistadas com as sigla «C1,C2,C3,C4...» e os idosos com «I1,I2,I3...»

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas em locais calmos e de conveniência para ambas as partes.

A inferência das respostas deste grupo de intervenção, recaiu sobre um pequeno grupo de questões, que visavam apenas perceber de que forma este, tinha vivenciado as atividades realizadas.

Assim sendo apenas foi criada uma dimensão de análise que nos ajudou a obter as informações necessárias para o estudo em questão e que foi a seguinte: Perspetivas sobre o trabalho realizado.

Nesta dimensão foi nosso propósito perceber quais: Quais as atividades realizadas; Qual a perspetiva dos entrevistados sobre as atividades realizadas; Quais os valores e atitudes trabalhados nos encontros intergeracionais promovidos.

Em cada tópico serão analisadas as respostas das crianças e posteriormente as dos idosos para que seja mais fácil fazer o paralelismo das suas considerações.

2.9.1. Perspetivas sobre o trabalho realizado

Com as categorias apresentadas pretendemos aferir:

Atividades realizadas- nesta categoria pretende-se que os entrevistados identifiquem as atividades que realizaram nos encontros intergeracionais dinamizados;

Perspetiva sobre as atividades realizadas- refere-se as considerações sobre as atividades realizadas no Centro de Dia;

Valores e atitudes trabalhados nos encontros intergeracionais promovidos- esta categoria remete-nos para as concepções dos entrevistados sobre as atividades intergeracionais, as aprendizagens de valores e atitudes realizadas durante esses encontros e a importância dada a estas relações enquanto motor dessas e de outras aprendizagens significativas.

2.9.1.1. Atividades realizadas

Nesta categoria, todas as crianças referiram quais as atividades que haviam realizado, mesmo as crianças do jardim-de-infância, embora já tenham vivenciado estas experiências há algum tempo, referiram vários acontecimentos relativos à questão colocada.

Fomos dar bolos, fomos fazer um teatro e eles (os idosos) deram-nos uma boneca. (C1)

Fizemos um teatro, eles cantaram umas canções e depois fomos ver a quinta e as alfaces e os frutos. (C10)

Eles (idosos) cantaram-nos músicas, e nós também fomos ver os idosos que não podiam andar. (C25)

No que se refere aos idosos, estes também mencionaram alguns dos momentos que vivenciaram durante as atividades.

Lembro-me do teatro e nós cantámos. (I3)

Um teatro muito bonito. (I5)

Lembro perfeitamente, foi uma coisa inédita que pouco se faz. Foi espetacular. (I7)

Consideramos pertinente referir que os idosos, talvez pela dificuldade de memorização decorrente da idade, tiveram mais dificuldade em recordar-se das atividades realizadas pelas crianças de jardim-de-infância. Esta situação deve-se ao facto de terem acontecido há algum tempo.

2.9.1.2.Perspetiva sobre as atividades realizadas

Neste campo de análise permitimo-nos agregar algumas questões que constam no guião de entrevista. Pretende-se assim, obter respostas que nos indiquem qual o grau de satisfação, tanto das crianças como dos idosos, relativamente às atividades realizadas.

As crianças referem que gostaram muito das atividades e explicam o porquê.

Gostei muito...porque gostei de dar bolachas aos idosos. (C3)

Foi muito divertido. (C6)

Porque os velhotes não conseguem fazer algumas coisas e nós podemos ajudar.(C9)

Muito boa... Porque há muitos velhotes que precisam da nossa ajuda para muitas coisas. Uns são de cadeira de rodas, outros andam em pé, outros tem muitas dificuldades, então nós precisamos ajudá-los... (a olhar para

a investigadora) devias fazer mais e mais até que eles ficassem orgulhosos. (C10)

Gostei muito, porque faz lembrar o que eles faziam antes. (C14)

Foi giro...é como se os avós que estavam lá fossem os nossos avós. (C13)

Os idosos demonstraram também muito interesse pelas atividades realizadas referindo o porquê de terem gostado muito.

Porque as crianças para mim é tudo. Tudo o que as crianças fazem, para mim tem muito valor...lembrei-me das minhas filhas e dos meus netos quando eram pequeninos. (I1)

Porque estava muito bonito. Estava bem ensaiado...olha, comoveu-me muito. (I3)

Acho importante para eles aprenderem a conviver com a idade, com as pessoas idosas, com os avós. (I5)

Porque é uma coisa que se aprende para o futuro e para aquilo que eles querem ser. (I7)

Tanto as crianças como os idosos foram ainda convidados a exprimir numa palavra o que sentiram a quando das atividades. As respostas a esta questão estão descritas no quadro seguinte:

Quadro 9: Percentagem de respostas das crianças e idosos à questão "Qual a palavra que exprime o que sentiram durante as atividades?"

Respostas	Pré-escolar (9)	%	1ºCEB (19)	%	Idosos (7)	%	% Total (35)
Carinho	1	11.11%	2	10.53%	0	0%	8,57%
Adorei	3	33.33%	6	31,58%	2	28.56%	31.43%
Gostei	1	11.11%	2	10.53%	1	14.29%	11.43%
Muito bom	0	0%	2	10.53%	1	14.29%	8.57%
Feliz	4	44.45%	7	36.83%	3	42.86%	40%

Para três elementos desta amostra, foi difícil utilizar uma só palavra por isso a expressão «muito bom» foi apontada por estes, no entanto as palavras que sobressaíram com uma expressividade significativa, foram «Feliz» e «Adorei».

2.9.1.3. Valores e atitudes trabalhados nos encontros intergeracionais promovidos

Nesta categoria de questões, a maior parte das crianças, demonstrou não ter ideia da conceção de valores e atitudes e como tal aduzimos esses conceitos no decorrer da entrevista. Após essa explicação, todas as crianças afirmaram que tinham aprendido muito sobre esta temática, referindo alguns dos valores adquiridos tais como saber partilhar, respeitar os outros, saber ouvir, perceber que se deve ajudar os que mais necessitam etc., e que consideravam estes encontros com os idosos, muito importantes.

Sim, aprendi a partilhar... (C2)

A conversar, a saber ouvir...porque eles aprenderam uns com os outros e nós merecemos aprender com eles. (C4)

Nós somos crianças e devemos saber o que é certo e errado. Eles (idosos) já são velhinhos e podem-nos ensinar muitas coisas dos velhos tempos. (C1)

Analisando as perspetivas dos idosos, percebemos que estes, também consideram os encontros entre gerações muito benéficos e referem alguns exemplos de aprendizagens no que se refere à temática abordada.

Eu acho que sim...talvez sentirem o amor dos idosos, sentirem respeito... (I1)

Há o carinho de uns para os outros e os idosos ensinam-lhes certas coisas e também aprendem com as crianças. (I2)

Sim senhora...olhe menina, o tempo que a gente viveu, os nossos tempos...as nossas tradições, as nossas coisas que não é nada como é agora e acho que eles gostam de ouvir. (I3)

Sim, sim... a amizade, a brincadeira, as histórias, o convívio uns com os outros, fazer coisinhas que eles gostem. E ao contrário também. (15)

São imensos (os valores). São valores muito altos, muito bons. É o contato da criança com o mundo, é a abertura de uma criança sem medos, sem vergonhas a enfrentar o mundo. (17)

Depois de tecidas todas as considerações e no final das entrevistas, foi nossa prática colocar os entrevistados à vontade para acrescentar algo que não tivesse sido esclarecido no decorrer do inquérito em questão. Neste contexto, duas das idosas estenderam o seu discurso e referiram que as famílias estão demasiado ocupadas nos seus empregos e nos seus afazeres que não tem tempo para os filhos e que é importante que alguém os ensine.

Mencionam ainda que os adultos também precisam de aprender já que hoje em dia vivemos numa crise de valores e os pais acabam por se demitir das suas funções.

A educação tem de vir dos pais, mas quando os pais, e quando os senhores professores veem que eles (as crianças) não tem educação em casa, então a escola instrui e educa. (16)

A entrevistada refere ainda, que as parcerias realizadas com as entidades exteriores, nomeadamente, os centros de dia são muito saudáveis pois, se existir transmissão de valores e atitudes desde pequeninos, as crianças acabam por ter respeito por toda a gente.

Em jeito e conclusão a entrevistada refere ainda que

as gerações anteriores aprendiam mais, mas temos que continuar a tentar. (16)

2.10. Triangulação dos dados obtidos

Ao iniciarmos esta investigação pretendemos compreender qual o contributo que as relações intergeracionais tem na aprendizagem de valores e atitudes.

Com a realização das entrevistas tentámos identificar os aspetos convergentes e divergentes das perspetivas dos intervenientes diretos na ação, cruzá-las com as observações realizadas e também com as fontes bibliográficas consultadas.

No seguimento deste trabalho, analisaremos os dados recolhidos, de modo que possam emergir os aspetos relevantes que nos permitam responder à questão colocada inicialmente.

Procederemos de seguida à descrição global de cada dimensão abordada nas entrevistas.

2.10.1. Concepções, perspetivas, funções, desempenho e alterações na sociedade

No início da entrevista tentamos aferir junto das entrevistadas algumas concepções importantes que nos levariam, numa fase posterior ao núcleo da questão de partida. Assim sendo começámos por tentar perceber quais eram as suas perspetivas sobre infância. As respostas não foram todas convergentes pois apenas duas das entrevistadas referiram que esta era uma fase de aprendizagem e crescimento enquanto que a outra, apenas considera que a fase infantil depende de cada criança.

Ainda no campo das concepções, concluímos que as entrevistadas consideram que os valores são ideias nas quais acreditamos e que se refletem nas ações/atitudes que tomamos e esta é uma ideia partilhada por Curwin e Curwin (1993) que “define o conceito de valor como um conjunto interiorizado de princípios derivados de experiências passadas que foram analisadas em função da sua «moralidade». Estes princípios permitem ao indivíduo atuar...com plena consciencia da consequencia dos seus atos”(p.10).

No que se refere à mudança de valores e consequentemente atitudes, as entrevistadas afirmam categoricamente que esta situação se verificou e apontam alguns fatores responsáveis por esta alteração. A pouca disponibilidade dos pais, foi a principal indicação feita pelas entrevistadas para a falta de acompanhamento e consequente transmissão de valores às crianças. na

perspetiva as novas tecnologias e o acesso a demasiada informação, nem sempre positiva, condiciona comportamentos e atitudes.

Estas considerações vão de encontro à afirmação de Tedesco (1999) quando o autor refere que “a família está a passar por transformações que provocam o enfraquecimento... da sua capacidade socializadora...e uma das queixas mais frequentes, é a de que as crianças chegam à escola com um núcleo básico de socialização insuficiente” (p.90).

Na conclusão desta dimensão, quisemos ainda perceber, na perspetiva das entrevistadas, quais as alterações que poderiam ser feitas para que se conseguissem modificar comportamentos e atitudes, e estas mais uma vez referiram que o acompanhamento das crianças pelas famílias seria um ponto fulcral de mudança. Todavia os dados recolhidos em duas das entrevistas indicam-nos que as suas autoras consideram que a educação deverá passar pela escola para que assim se consiga cada vez mais precocemente, educar as gerações mais jovens.

A última questão remete-nos para quem tem o papel principal na transmissão de valores às crianças e aqui as respostas não foram consensuais, pois duas das entrevistadas consideram que a responsabilidade é primeiramente da família mas que a escola também deve assumir esse papel, enquanto que a terceira refere perentoriamente, que esse é um papel exclusivo da família.

Neste sentido e segundo Morissete e Gingras (1999) “na perspetiva da missão geral da formação reservada à escola ... é claro que a escola pode agir, mas a sua influência nem é a única nem, sem dúvida, a mais importante”(p.37) pois é fundamental “que os pais procurem envolver-se de forma intencional e refletida na construção do percurso escolar e profissional dos filhos, aproveitando as situações do quotidiano para “fazer acontecer”. Os pais contam muito!” (Direção Geral da Educação, s.a, p. 5).

2.10.2.Importância da escola, das atividades educativas, identificação de comportamentos, atitudes adotadas

Seguindo a linha de questões colocadas na dimensão anterior, quisemos perceber se as entrevistadas consideravam que a escola tinha um papel importante na transmissão de valores e atitudes às crianças. Duas das entrevistadas responderam afirmativamente e referiram inclusive que deveria haver uma ligação entre a família e a escola para facilitar as aprendizagens das crianças, por sua vez a outra entrevistada afirmou categoricamente que embora a escola acabe por exercer essas funções, esse é um dever exclusivamente dos pais.

Marques (2001) assevera que

Não restam dúvidas de que os pais são os primeiros educadores da criança e ao longo da sua escolaridade, continuam a ser os principais responsáveis pela sua educação e bem-estar [no entanto] os professores são parceiros, devem unir esforços, partilhar objetivos e reconhecer a existência de um bem comum para os alunos. (p.12)

Neste âmbito Costa (2015) defende que o trabalho dos docentes pode tornar-se mais satisfatório se existir cooperação com as famílias e que por seu lado os pais também terão atitudes mais favoráveis em relação as professores se essa cooperação for feita de uma forma positiva.

Assim sendo podemos constatar que a família é o núcleo mais importante, mas a escola também deverá ter responsabilidades neste processo. De acordo com Beltrão e Nascimento (2001) “as escolas... não podem limitar-se a cumprir à risca os currículos, na consciência do dever cumprido” (p.46). O ideal é haver um trabalho conjunto para que as crianças possam crescer, adquirindo as competências necessárias a todos os níveis.

Segundo as considerações das entrevistadas, todas as atividades educativas são benéficas enquanto promotoras de aprendizagem de valores e atitudes. Na opinião de (E3) se estas atividades tiverem um carácter lúdico, as crianças terão mais facilidade de absorver os conteúdos trabalhados.

Estas opiniões vão de encontro às afirmações de Sousa (2003) pois este refere que “ a criança tem necessidade de desenvolvimento da sua inteligência e esta desenvolve-se, não através do estudo e memorização de matérias escolares ... mas através da atividade lúdica”. Neste contexto o mesmo autor defende ainda que “a atividade lúdica parece ser mesmo a única metodologia para se poder proporcionar à criança qualquer atividade educativa no âmbito dos afetos-emoções-sentimentos.”. (p. 166)

Cumpre-nos referir que as ultimas questões desta dimensão apenas foram colocadas às duas docentes, uma vez que era pretendido que tecessem considerações avaliando comportamentos dos seus grupos de trabalho.

Ambas verificaram comportamentos desajustados nos seus grupos de trabalho e devemos referir que nesta investigação consideramos comportamentos desajustados as atitudes que não se enquadrem dentro do respeito, partilha, cooperação e outros valores de cidadania de igual importância.

Para contrariar esses comportamentos, revelaram que adotam diferentes estratégias, nomeadamente através do diálogo do reforço positivo e da reflexão sobre situações correntes que permitam às crianças perceber qual a melhor forma de agir. De acordo com as reflexões da investigadora

Já há alguns dias que estamos a trabalhar com o grupo da sala de jardim-de-infância e todas as manhãs nos reunimos no tapete para conversar. Esta prática é também frequente no início das tardes. Tivemos oportunidade de perceber que as crianças não respeitam os pares, pois interrompem-se frequentemente e algumas mantem conversas paralelas enquanto decorrem as atividades de grupo. (Notas de campo, Diário de Bordo dia 24 de outubro de 2016)

A situação observada e relatada pela investigadora retrata a realidade da sala de educação pré-escolar onde desenvolveu o seu estudo. Durante as observações observou-se também, que a docente responsável pela sala, tentou por diversas vezes, através do diálogo, que as crianças alterassem a sua postura, para que as atividades pudessem fluir de uma forma mais positiva. Foram ainda criadas estratégias para atenuar estes comportamentos e com o

passar do tempo conseguimos perceber que embora não se tenham erradicado por completo estas atitudes, alguns comportamentos melhoraram significativamente. A investigadora afirma que

a partir do momento que foi implementado o uso do microfone (que as crianças construíram) para que cada criança tivesse o seu tempo de antena, percebeu-se que as reuniões de grupo eram muito mais calmas. Ainda havia algumas interpelações mas as crianças começaram a perceber que para se fazerem ouvir tinham que respeitar a sua vez de falar. (Notas de campo, Diário de Bordo dia 4 de novembro de 2016)

As entrevistadas consideram que nem sempre estas estratégias tem os efeitos desejados. Nas suas perspetivas, as crianças nem sempre estão predispostas para a mudança e muitas vezes as parcerias com as famílias não existem o que dificulta este processo e por muito que os encarregados de educação sejam instigados a estabelecer uma relação com a escola, ou não aparecem ou apenas fazem queixas das atitudes das outras crianças para com os seus educandos, sem nunca tentar perceber de que lado está a razão.

Durante as observações realizadas pela investigadora constatou-se que de facto nem sempre as crianças estão predispostas à mudança pois embora se implementem estratégias diversificadas, os comportamentos não se alteram. Segundo esta,

As relações, na sala de aula do 1º ciclo do ensino básico são geralmente cordiais, no entanto quando as crianças regressam do recreio há sempre queixas e quase sempre das mesmas crianças... a professora tentou contactar telefonicamente os familiares, para que em conjunto, pudessem perceber se havia algo que estivesse a provocar esses comportamentos. Infelizmente e apesar de ter feito várias tentativas, não conseguiu ter sucesso com todos os pais, pois estes nem responderam às suas solicitações. (Notas de campo, Diário de Bordo 20 de março de 2017)

Acreditamos que tal como nos diz Zenhas (2004, citado por Costa, 2015) “os adultos tendem a ter menos tempo para estar com os filhos, com as mães empregadas e o tempo gasto em deslocações de e para os locais de trabalho”

(p.23) no entanto, e embora não existam certezas, se na situação descrita os pais caminhassem de mãos dadas com a professora, talvez fosse possível contrariar os comportamentos da criança em questão.

Partilhando a mesma opinião Alves e Leite (2005) concluem então que “a cooperação escola–família–escola exige vontade, tempo, perseverança ...[mas] é uma das condições essenciais para que os processos de ensino aprendizagem sejam mais ricos ... para que sejam melhores os resultados dos alunos”(p.9).

2.10.3. Concepções; Perspetivas sobre trabalho realizado

Uma vez que, com o nosso estudo, pretendemos avaliar qual o contributo que as relações intergeracionais podem ter na aprendizagem das crianças, sentimos a necessidade de criar uma dimensão que nos permitisse avaliar a pertinência das atividades realizadas neste âmbito.

Para que as questões relacionadas com as atividades intergeracionais fossem respondidas com coerência, primeiramente sentimos a necessidade de auscultar as entrevistadas sobre os conceitos de envelhecimento e envelhecimento ativo.

As interlocutoras afirmam que o envelhecimento por si só é fisiológico e que implica a perda de capacidades físicas, mas que observando a parte positiva, é uma fase em que existem muitos saberes e conhecimentos acumulados.

Já o conceito de envelhecimento ativo não foi consensual. (E2) referiu que apesar não ter uma ideia muito definida, talvez pudesse ser uma fase em que os sujeitos se sentem mesmo envelhecidos enquanto as outras duas entrevistadas contrapõem esta consideração afirmando que um envelhecimento ativo implica que os cidadãos contrariem o envelhecimento físico e psicológico participando ativamente na sociedade através da partilha das vivências e aprendizagens realizadas ao longo da vida.

Sequeira (2010) afirma que o envelhecimento varia de sujeito para sujeito mas que está intrinsecamente associado a um conjunto de alterações biológicas, psicológicas e sociais que evoluem durante o ciclo de vida. Tomando como válida esta definição podemos encarar o envelhecimento como um processo natural e irreversível que se constitui como a última etapa da vida dos indivíduos.

Todavia nem sempre esta fase tem que ser encarada como o fim, pois as pessoas com mais idade tem muito para nos dar. O envelhecimento não é uma doença e embora se possa verificar uma redução de capacidades isso não é motivo para categorizar os idosos como inativos e improdutivos. É por isso fundamental mudar os paradigmas sociais e perceber que envelhecimento ativo “significa ter ainda objectivos de vida e permanecer interessado... nas questões sociais, no estreitar de relações e em cuidar da saúde física e mental” (Jacob, 2007, p. 21).

Os saberes e vivências das pessoas mais velhas são haveres valiosos que devem ser aproveitados na formação e humanização das nossas sociedades e para tal os nossos idosos devem, ainda segundo o autor supracitado ter “ainda objectivos de vida e permanecer interessados na vida, nas questões sociais, no estreitar de relações e em cuidar da saúde física e mental” (Jacob, 2008 p.21). Segundo as notas de campo que a investigadora registou

a atividade com os idosos correu muito melhor do que podia esperar. As crianças cantaram as canções que haviam preparado e no final distribuíram as bolachinhas que tinham feito. Depois disso o grupo de cantares do Centro de Dia também cantou umas canções tradicionais de quando eram crianças e seguiu-se um convívio. As crianças demonstraram um interesse enorme e os idosos, mesmo os que apresentavam mais dificuldades de mobilidade, estiveram sempre ativos e a interagir com o grupo de crianças. (diário de bordo dia 2 de novembro de 2016)

Considerando o exposto e as observações realizadas pela investigadora, podemos concluir que este paradigma do envelhecimento ativo está bem presente no Centro de dia onde se realizaram as atividades intergeracionais, propostas no decorrer do estudo.

No seguimento da investigação, procuramos perceber quais as perspetivas das interlocutoras sobre o conceito de relações intergeracionais e todas referiram que são as ligações que acontecem entre as diferentes gerações. As suas afirmações vão de encontro ao que Lopes (2008) defende quando refere que "as

relações intergeracionais ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações, que interagem sem paternalismos ou proteccionismos” (p.26).

Lopes(2008) refere ainda que “o diálogo entre gerações contribui para uma nova consciência comunitária, na medida em que desenvolve as relações interpessoais, quando entram em contacto com novas vivências de diversos modos de pensar, agir e sentir. As relações intergeracionais renovam opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas” (p.26).

Os dados conferem que as entrevistadas partilham da opinião do autor uma vez que estas referem que as relações entre gerações diferentes são benéficas e que embora, possa por vezes, haver um choque de ideias é sempre saudável a partilha de vivências e de perspetivas, que acabam por acontecer nestes encontros.

As considerações das entrevistadas sobre as atividades realizadas surgem neste momento do trabalho. Os dados recolhidos levam-nos a constatar que as atividades realizadas foram muito profícuas para ambas as partes envolvidas pois se por um lado as crianças revelaram a capacidade de perceber que os idosos necessitam de cuidados específicos decorrentes das suas fragilidades, por outro lado os idosos demonstraram uma imensa felicidade por poderem partilhar estes momentos com as crianças uma vez que se sentiram mais acompanhados e “de coração cheio”.

Estas opiniões são também corroboradas pela investigadora, uma vez que durante as observações que realizou, constatou que

as crianças estavam muito entusiasmadas com a ida ao Centro de Dia. No dia antes estiveram a fazer um cartaz com a receita das bolachas e também as bolachas de limão que iam levar para partilhar com os idosos...quando lá chegaram apresentaram o que tinham preparado e no final começaram a distribuir as bolachas. Foi muito interessante observar a alegria dos idosos por se sentirem acarinhados pelas crianças. Alguns pediam beijinhos e as crianças acediam ao pedido... quando os idosos do grupo de cantares apresentaram as canções que tinham preparado com o professor de música, ficámos muito admiradas pois as crianças estavam

sideradas a olhar e a ouvir... as interações foram muito positivas. (Notas de campo, Diário de Bordo dia 2 de outubro de 2016)

Esta primeira atividade tinha como objetivo a partilha de algo. O grupo preparou algumas canções para apresentar e confeccionou umas bolachinhas de limão para poder distribuir pelos idosos (Anexo V- A). No final depois de ouvirem as canções o grupo foi presenteado com uma boneca de trapos a quem veio a chamar de Carlota (Anexo V-B).

Houve um investimento pessoal muito grande por parte dos pais, no que se refere à preparação dos trajes das crianças. Estas estavam excitadíssimas pois já não era a primeira vez que iam ver os «avós» e a experiência tinha sido muito satisfatória. Desta vez como estávamos na época natalícia as crianças levaram «sonhos» para distribuir pelos idosos. A interação das crianças com os idosos, a apresentação da dramatização a distribuição dos sonhos... foi tudo espetacular. Foi possível verificar que algumas crianças se sentiam mais à vontade para conversar com aqueles a quem chamam de «avozinhos» no entanto o grupo no geral estava bastante desperto para o diálogo e partilha de ideias. (Notas de Campo, Diário de Bordo dia 6 de janeiro de 2017)

Mais uma vez a investigadora pode observar que todos os pressupostos da atividade preparada foram largamente concretizados. O envolvimento dos pais foi muito importante pois só assim se conseguiu, em tão pouco tempo, preparar todos os adereços necessários para a concretização da dramatização (Anexo V- C). As crianças empenharam-se imenso e treinaram em casa junto com os pais, a postura da sua personagem.com esta atividade não só conseguimos constatar, a importância das relações intergeracionais, como também pudemos observar que o facto de haver um maior envolvimento das famílias com a escola pode facilitar a aprendizagem de valores e atitudes.

O entusiasmo do grupo de 1º ano para ver os idosos eram bastante visível, no entanto quando estávamos a chegar ao Centro de Dia, algumas das crianças acusaram alguns receios, talvez pelo peso da responsabilidade de representar a sua personagem na dramatização. Conversámos e concluímos que não havia razão para se sentirem

incomodadas pois apenas deveriam fazer o seu melhor e com certeza tudo correria bem... embora o grupo fosse diferente foi de facto muito bom perceber que mais uma vez contribuimos para os sorrisos dos idosos. Mais uma vez, os idosos partilharam atividades com o grupo e ainda lhes fizeram uma visita guiada à pequena quinta e horta que se encontra no espaço exterior e que é cuidada pelos utentes (Anexo V- D). Esta partilha foi muito benéfica para ambos, não só emocionalmente, mas também no que se refere aos conteúdos escolares pois as crianças puderam aprender mais sobre alguns temas abordados na sala de aula e os idosos tiveram a oportunidade de mostrar as suas experiências. (Notas de Campo, Diário de Bordo dia 16 de maio de 2017)

De acordo com as observações da investigadora, uns dias antes da atividade proposta, as crianças abordaram conteúdos relacionados com a vida dos animais e das plantas. Efetivamente nesta visita ao centro de dia, a partilha com os idosos foi também neste âmbito muito produtiva, uma vez que as crianças puderam ter contato direto com alguns dos animais e plantas e perceber na prática como se procede no tratamento dos animais e cultivo das plantas, tudo isto explicado pelos “avós” do Centro de Dia.

Apos a análise das inferências acima citadas podemos constatar que as atividades, realizadas no âmbito das relações intergeracionais, tiveram um impacto muito positivo que se traduziu na partilha de saberes e afetos.

A relação entre as crianças e os idosos pode constituir-se como a “pedra basilar” para a troca de experiências, de saberes e da entreajuda. Seguindo esta imagem Lopes (2008), afirma que as atividades que se desenvolvem entre as várias gerações se baseiam na partilha mútua de ideias, pensamentos, visões e aprendizagens que nos permitem construir conceções sociais acerca das pessoas e do mundo.

2.10.4. Atividades realizadas

As crianças e os idosos, participantes neste estudo, tiveram um papel fundamental no desenrolar das atividades propostas. Neste sentido consideramos importante aferir as suas perspetivas sobre todo o processo.

Nesta primeira categoria, e segundo os dados recolhidos nas entrevistas, pudemos constatar que, tanto as crianças como os idosos se recordavam das atividades realizadas em conjunto.

Segundo as nossas observações, nomeadamente no decorrer das entrevistas, pudemos constatar que, tanto os idosos como as crianças se lembravam de facto, das atividades realizadas. Algumas crianças foram pouco descritivas no entanto outras houve que descreveram estes momento pormenorizadamente, o que nos leva a crer que para si, estas vivências foram muito significativas.

2.10.5.Perspetivas sobre as atividades realizadas

Tanto as crianças como os idosos confirmaram a sua satisfação por terem realizado as atividades em parceria. Especificaram o que mais gostaram de fazer e também o porquê.

Das respostas analisadas emergiram considerações muito semelhantes. As crianças salientaram a partilha e o facto de terem podido fazer alguma companhia aos idosos, tornando o seu dia mais feliz. Por seu lado os idosos consideram que a companhia das crianças foi muito importante para eles uma vez que nem sempre podem conviver com os seus netos e bisnetos e esta foi uma forma de colmatar essa lacuna.

A investigadora pode confirmar as considerações expressadas, uma vez que teve oportunidade de observar as atividades realizadas e também as reações demonstradas tanto pelas crianças como pelos idosos no decorrer das mesmas e também durante as entrevistas em que demonstraram o seu entusiasmo quando se abordou esta questão.

Observou-se também nos dados recolhidos, que desta partilha emergiram novas aprendizagens. O convívio entre gerações não é linear e por isso não se resume apenas à passagem de conhecimentos dos idosos para as crianças. Estas, mesmo sem saber, também podem transmitir muito às gerações mais velhas. Tendo em conta o exposto podemos concluir que “o valor do contato das crianças com os idosos é irrefutável para o resgate de valores, para a noção de tempo, a transformação ao longo dos anos e da identidade parental. (França, (1997) citada em França, Silva, & Barreto, 2010, p. 521)

2.10.6. Valores e atitudes trabalhados nos encontros intergeracionais promovidos

Nesta dimensão questionamos os nossos interlocutores sobre a pertinência das atividades como motor de aprendizagem de atitudes e valores. Algumas crianças demonstraram, durante as entrevistas, que não sabiam o que significavam estes termos.

Tendo em conta que estávamos perante um guião de entrevista semiestruturado que nos permitia uma maior liberdade na colocação de questões, entendemos que deveríamos explicitar estes conceitos, uma vez que estas definições eram fundamentais para que as crianças pudessem responder às questões seguintes.

Aferimos posteriormente que as atividades realizadas, na ótica das crianças, foram muito proveitosas pois estas consideram que aprenderam muitas coisas. Referem ainda que enquanto crianças, podem aprender muito com os idosos e como tal estes encontros podem ser muito vantajosos.

Os idosos, por seu lado, também consideram que estas atividades promoveram a aquisição de valores essenciais para formar cidadãos conscientes e solidários, e que são de suma importância para o crescimento pessoal das crianças.

A investigadora teve oportunidade de ouvir as considerações finais de alguns idosos e constatou que estes consideram que existe uma lacuna na formação dos pais e que estes precisam de ser educados. Estes demitem-se das suas funções e não podem fazê-lo. Como complemento a escola deve assumir um papel mais ativo e de cooperação com as famílias.

Estabelecer relações intergeracionais onde a ética, a fraternidade e a solidariedade assumam a tônica necessária para estabelecer laços afetivos de qualidade, que nos permitam construir uma sociedade justa para todas as gerações, deverá ser uma prática cada vez mais frequente.

Parte III-Considerações finais

3.1. Conclusão

A escola dos meus sonhos une a seriedade de um executivo à alegria de um palhaço, a força da lógica à singeleza do amor. Na escola dos meus sonhos cada criança é uma joia única no teatro da existência, mais importante que todo o dinheiro do mundo. Nela, os professores e os alunos escrevem uma belíssima história, são jardineiros que fazem da sala de aula um canteiro de sonhos. (Cury, 2003, p. 155)

Todo o nosso percurso de formação teórica foi uma experiência única que nos deu bases para conseguirmos ultrapassar os diferentes obstáculos que podem surgir no futuro profissional. A prática pedagógica supervisionada é uma etapa fundamental para completar este processo de aprendizagem.

Com a componente da prática pedagógica supervisionada pretende-se que os estudantes aprimorem as suas competências, apliquem e reflitam sobre as práticas, tendo como base as teorias estudadas durante o seu percurso académico.

Estas considerações são partilhadas por Scalabrin e Molinari (2013) uma vez que as autoras referem que

O estágio supervisionado proporciona ao licenciado o domínio de instrumentos teóricos e práticos imprescindíveis à execução de suas funções e visa beneficiar a experiência e promover o desenvolvimento, no campo profissional, dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos durante o curso nas instituições de ensino superior, além de favorecer, por meio de diversos espaços educacionais, a ampliação do universo cultural dos futuros professores. (s.p.)

De acordo com as autoras, tomámos consciência do valor de «aprender a aprender» e conseguimos delinear o caminho a seguir para nos orientarmos quer a nível pessoal, quer a nível profissional, criando aptidões que facilitaram a definição de estratégias de carácter formativo, e que nos ajudaram a refletir sobre a construção dos saberes e das competências estruturantes para a nossa aprendizagem.

Para que seja possível construir reflexões coerentes, que reflitam sobre as práticas e que tenham “uma função simultaneamente estruturante, organizadora da coerência e uma função reveladora, desocultadora e estimulante nos processos de desenvolvimento pessoal e profissional” (Sá-Chaves I. , 2009, p. 16), salienta-se a importância do estágio supervisionado enquanto componente de formação, uma vez que o contacto direto com o contexto escolar promove o progresso do estagiário tanto a nível pessoal, como a nível profissional.

A postura diante de uma sala cheia de crianças permitiu-nos fazer uma avaliação de nós próprios e obrigou-nos a mobilizar todos os conceitos teóricos que abordámos e que estão incluídos no plano de estudos.

Reconhecendo a necessidade de nos tornarmos profissionais competentes, reflexivos e capazes de intervir, conceber e desenvolver projetos educativos num futuro profissional, valorizamos

a área de iniciação à prática profissional consagrando-a, em grande parte, à prática de ensino supervisionada, dado constituir o momento privilegiado, e insubstituível, de aprendizagem da mobilização dos conhecimentos, capacidades, competências e atitudes, adquiridas nas outras áreas, na produção, em contexto real, de práticas profissionais adequadas a situações concretas na sala de aula, na escola e na articulação desta com a comunidade.⁸

As inferências do nosso estágio e a nossa atitude reflexiva advieram das observações realizadas em contexto. Ao analisar as experiências que vivenciámos, os trabalhos das crianças, a observação da prática dos docentes cooperantes e também os diálogos que estabelecemos com este agente educativo, conseguimos refletir e perceber de que forma nos podemos transformar em profissionais competentes e capazes de aduzir estratégias variadas que possibilitem um melhor desempenho dos nossos alunos.

Este não foi o nosso primeiro contacto com a prática pedagógica, no entanto cada grupo tem as suas particularidades, tornando-o único. A prática pedagógica

⁸ Decreto –lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro, nº 38, série I, pág. 1321

supervisionada foi por isso um processo fundamental, uma vez que serviu de veículo através do qual pudemos mobilizar os nossos conhecimentos teóricos, comportamentais e afetivos e perceber como atuar nos diversos momentos.

Neste âmbito, os docentes cooperantes tiveram um papel preponderante, uma vez que nos ajudaram a adquirir competências e atitudes inerentes ao processo de ensino que farão de nós profissionais mais eficientes. A inserção na prática diária de sala foi essencial para a nossa formação uma vez que “a formação de professores não se pode fazer de modo desligado das escolas onde o futuro professor vai exercer as suas práticas. Sempre consideramos a Prática Pedagógica como o cerne do processo de formação” (Vasconcelos, 2009, p. 14).

Enquanto estagiários devemos assumir uma postura interventiva, e sermos capazes de refletir sobre as variadas situações que nos sejam apresentadas, mobilizando conceitos técnico-teóricos, construindo uma prática planeada e diversificando as estratégias de aprendizagem, tentando desta forma promover o sucesso de todas as crianças.

Segundo a definição de (Marques, 1998) “a escola pública típica dos nossos dias inclui uma população estudantil heterogénea ... constituindo um mosaico, que embora culturalmente enriquecedor, suscita novos problemas aos professores e exige uma maior criatividade e novas soluções” (p. 10).

É então crucial que os professores em formação se preparem para responder aos desafios com que se deparam, desempenhando “papéis cada vez mais numerosos, complexos e exigentes ... que não se esgotam na sala de aula, mas se estendem a toda a escola e à comunidade” (Esteves, Estrela, & Rodrigues, 2002, p. 5).

Espera-se que as instituições formadoras facilitem a participação dos seus formandos na ação e lhes permitam integrar-se na equipa de modo a construir uma prática que se pressupõe profissionalizante.

Segundo (Zabalza, 2004) "é necessário insistir exaustivamente que a formação deve servir para qualificar as pessoas, isto é, não é suficiente equipá-las com um perfil profissional padrão ou com uma determinada bagagem de conhecimento" (p. 25).

Seguindo a linha de pensamento atrás referida, durante a nossa prática, tentámos agarrar todas as oportunidades que nos foram facultadas e procurámos responder a todas as dúvidas e incertezas que nos foram surgindo, assimilando e absorvendo aprendizagens para procurar construir um caminho firmado em bases estruturadas que nos permitam ser melhores pessoas e como consequência melhores profissionais capazes de enfrentar as adversidades com que nos possamos deparar.

Por tudo o exposto, parece-nos correto referir que o estágio profissional é de uma importância fulcral para a formação dos futuros professores.

Ainda nesta linha de raciocínio e focando a nossa experiência pessoal os estágios de mestrado, foram a alavanca necessária para por em prática o estudo que deu mote a este relatório final. Em ambos sentimos que crescemos enquanto profissionais e também enquanto pessoas.

O relatório final permitiu-nos rever todo o nosso percurso enquanto estagiários e refletir acerca dos vários aspetos que foram postos em prática. Para a construção deste instrumento, necessitámos de investigar de uma forma exaustiva, selecionando informação relevante decorrente da prática profissional que nos permitiu fazer uma posterior análise de dados e construir reflexões coerentes e fidedignas da temática proposta. Todo este percurso foi de grande valia, pois conseguimos adquirir um conhecimento mais vasto sobre uma temática que esteve e provavelmente estará presente no nosso dia-a-dia enquanto profissionais.

Inicialmente não tínhamos definido como iríamos intervir junto dos grupos. No decorrer do primeiro estágio, na sala de jardim-de-infância, foram surgindo algumas questões pertinentes no que se refere aos valores de cidadania. Sentimos então a necessidade de implementar um projeto em que através de dinâmicas ativas, pudéssemos apelar aos valores morais e fazer emergir atitudes que possibilitassem a integração das crianças na vida da sociedade.

Foram então propostas diferentes atividades neste âmbito, sendo uma delas um encontro intergeracional. Pretendíamos organizar momentos de partilha entre as crianças e o grupo de idosos do Centro de Dia local, uma vez que considerava-

mos que estes momentos poderiam ser muito benéficos para todos os intervenientes. Estávamos expetantes, pois não sabíamos qual iria ser a reação das crianças, uma vez que nunca tinham vivenciado algo neste género, mas as nossas expetativas foram largamente ultrapassadas, pois tudo correu melhor do que o esperado.

Devemos referir, que não foi neste momento que decidimos o objeto do nosso estudo.

Ainda estávamos a estudar diferentes possibilidades de investigação, quando fomos convidados pelos idosos para mais um encontro de partilha entre gerações. Embora limitados pela falta de tempo para a preparação da atividade proposta, que consistia na apresentação de um teatro aos idosos no Dia de Reis, de imediato aceitámos o desafio e foi no final deste, depois de verificarmos o entusiasmo das crianças, que decidimos aprofundar o nosso conhecimento, realizando uma investigação para perceber se as relações intergeracionais podem contribuir para a aprendizagem de valores e atitudes de cidadania.

Uma vez que o segundo estágio, no primeiro ano do primeiro ciclo do ensino básico, se concretizou no mesmo equipamento de ensino e considerámos que seria muito interessante conhecer as perspetivas das crianças deste grupo, decidimos estender a nossa investigação também a esta valência. Para tal empreendemos no contato com o Centro de Dia, e a nossa proposta foi de imediato e com muito agrado, aceite. Propusemos então realizar mais uma dramatização e partilha de momentos de convívio.

Intentámos então pesquisa de referencial bibliográfico que pudesse suportar as nossas dúvidas iniciais e posteriormente demos início à construção de instrumentos de análise que nos permitiram responder à questão inicialmente colocada.

A construção dos instrumentos de recolha de dados, nomeadamente das entrevistas, foi feita de uma forma rigorosa tentando que não houvesse perceções dúbias e pudéssemos obter resultados fidedignos.

Por sua vez, a abordagem dos conceitos apresentados com base teórica na bibliografia foi uma mais-valia e deu-nos a oportunidade de aprofundar os nossos

conhecimentos no que se refere à temática abordada e às técnicas e métodos de investigação. Não podemos deixar de mencionar que a disponibilidade dos intervenientes no estudo, foi um ponto decisivo para conseguir dar resposta a este estudo.

Urge referir que existiram alguns constrangimentos na consecução deste trabalho, nomeadamente no que se refere ao tempo disponível, uma vez que existiam outras atividades planificadas e esta situação comprometeu a prática de algumas dinâmicas previstas. No que se refere à pesquisa bibliográfica, esta limitação também foi sentida, pois as bibliotecas municipais não dispõem de fundamentação teórica diversificada neste âmbito, situação esta que nos obrigou a enveredar por outros caminhos que nos permitissem sustentar as teorias e conceitos abordados.

Todavia, no cômputo geral apesar das dificuldades sentidas, consideramos que este trabalho foi gratificante na medida que conseguimos articular todos os conceitos para obter uma resposta concreta relativa ao objeto de estudo.

No caso concreto deste relatório, e como sumariamente foi acima referido, a pesquisa realizada permitiu-nos aprofundar o conhecimento sobre as relações intergeracionais e os seus contributos para a aprendizagem de valores e atitudes na infância. Os conceitos fundamentados, aliados às inferências retiradas das entrevistas e às observações realizadas pela investigadora permitiram-nos constatar que as relações entre gerações poderão ser uma grande mais-valia.

Consideramos que este tipo de relação, não é apenas um trespasse de informação dos mais velhos para os mais jovens. É uma troca recíproca em que são repassados os interesses de cada geração, decorrentes das suas vontades, influências socioculturais, etc..

Observando as nossas aferições, e uma vez que a nossa questão inicial se direcionava para a aprendizagem de valores e atitudes, consideramos que a frequência de partilha entre gerações promove um desenvolvimento equilibrado das crianças, pois permite que estas observem, aprendam e coloquem em prática tudo o que aprenderam para se tornarem cidadãos responsáveis e conscientes do mundo em seu redor.

Constatámos também que as interações sociais, nomeadamente as trocas intergeracionais, influenciam a evolução do ser humano enquanto pessoa. O envelhecimento não pode nunca ser encarado como uma etapa final, e sim como um processo contínuo do ciclo vital dos indivíduos. A promoção desta imagem e a convivência entre as duas gerações investigadas foram muito positivas e veículo de aprendizagem de crianças e idosos.

Verificámos que as docentes e animadora sociocultural do Centro de Dia atentam que existe uma falta de empenho e descuido por parte das famílias, na educação das crianças, mas que a escola deve hoje em dia adotar um papel de parceria para colmatar esta situação. Consideraram as atividades realizadas de grande utilidade e gostariam de continuar a promover este tipo de dinâmicas pois estas acarretam uma série de benefícios.

Também os idosos e crianças se manifestaram de uma forma muito positiva. As crianças porque perceberam que os idosos precisam de uma atenção diferente e estes por sua vez porque conseguiram lembrar a sua infância e também os seus descendentes, com quem infelizmente não tem o contato desejado.

Para nós enquanto investigadores, este trabalho foi muito gratificante pois a questão dos valores e atitudes é um tema muito atual e que merece a nossa reflexão. Consideramos que deverá haver um investimento nesta área que promova a aprendizagem destes conceitos, pois só assim conseguiremos viver numa sociedade mais justa. As relações intergeracionais poderão ser um veículo impulsor de construção de comunidades mais solidárias e mais bem formadas no que se refere às atitudes tomadas decorrentes dos valores apreendidos.

Embora saibamos que não está nas nossas mãos mudar a sociedade, será nosso propósito enquanto futuros profissionais, investir nesta temática e fomentar nas crianças o interesse pela partilha entre gerações. Enquanto investigadores diretos na ação também para nós foi muito gratificante conviver com os diferentes intervenientes na ação. Aprendemos muito e percebemos as fragilidades que cada grupo tem por isso será importante que tentemos futuramente colmatá-las.

Seria importante que houvesse um maior investimento nesta área. Seria importante realizar seminários e palestras que pudessem demonstrar a necessidade de realizar atividades entre gerações pois estas iriam contribuir para as aprendizagens de valores, atitudes e também outros conteúdos que embora não tenham sido investigados neste estudo, serão com certeza de suma importância.

Os agrupamentos de escolas e também os Centros de Dia e Lares deveriam ser sensibilizados para a necessidade de envolver as crianças com os idosos e assim dinamizar atividades intergeracionais com uma frequência mais regular. Os pais por sua vez também deveriam ser chamados à razão e participar nestes encontros pois assim iriam conseguir perceber e aprender, como é importante que as suas crianças sejam educadas numa base em que os valores e atitudes lhes permitam tornar-se cidadãos responsáveis e conscientes, de que viver em sociedade nem sempre é fácil e que existem regras para que se consiga conviver decentemente com os outros cidadãos.

Citando Cury (2003)

Educar é acreditar na vida, mesmo que derramemos lágrimas. Educar é ter esperança no futuro, mesmo que os jovens nos decepcionem no presente. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência. Educar é ser um garimpeiro que procura os tesouros do coração. (p. 9)

Permitimo-nos terminar a nossa reflexão tendo em consideração as palavras do autor uma vez que nos identificamos claramente com elas. Educar é para nós uma paixão e no decorrer deste estudo mais uma vez percebemos que esta é a missão que queremos seguir para o resto da vida.

A investigação realizada foi uma mais-valia para as nossas aprendizagens, não só pelos conceitos teóricos apreendidos, decorrentes da pesquisa exaustiva efetuada, mas principalmente pelas práticas realizadas, que nos deram a perspetiva real de como podemos alterar comportamentos, colocando em prática ações que sensibilizem a comunidade para o contributo das relações intergeracionais na aprendizagem de atitudes e valores, nomeadamente em crianças dos 3 aos 10 anos.

Bibliografia

- Afonso, A. (1999). *Educação básica, democracia e cidadania. Dilemas e Perspectivas*. Porto: Edições Afrontamento.
- Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Alarcão, c. I., & Miguéns, d. M. (2008). Desenvolvimento e aprendizagem na infância. *Seminário "A Educação das Crianças dos 0 aos 12 anos"* (pp. 33-67). Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Alves, J. M., & Leite, M. J. (2005). *Sucesso na escola: um guia para os pais*. Porto: Edições asa.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Alfragide: McGraw-Hill.
- Arenilla, L., Gossot, B., Rolland, M.-C., & Roussel, M.-P. (2013). *Dicionário da pedagogia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Barañano, A. M. (2004). *Métodos e técnicas de investigação em gestão*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação: Um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. Lisboa: Gradiva.
- Beltrão, L., & Nascimento, H. (2000). *O desafio da cidadania na escola*. Lisboa: Editorial Presença.
- Bertrand, Y. (2001). *Teorias contemporâneas da educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Bogdan, R., & Bilken, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bolívar, A., Pinto, F. C., Caride, J. A., Rubal, X., Trillo, F., & Zabalza, M. (2000). *Atitudes e Valores no Ensino*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Cabral, M. V., Ferreira, P. M., Silva, P. A., Jerónimo, P., & Marques, T. (2013). *Processos de envelhecimento em Portugal: usos do tempo, redes sociais e condições de vida*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Canário, R. (1992). *Inovação e projecto educativo de escola*. Lisboa: Educa.
- Cerqueira, M. d. (2010). *Imagens do Envelhecimento e da Velhice: Um estudo na população portuguesa. Dissertação de Doutoramento*. . . Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Costa, H. M. (2015). *Relação família-escola: Um olhar de ecologia humana entre o ensino público e o privado*. Santo Tirso: De Facto Editores.
- Curwin, R., & Curwin, G. (1993). *Como fomentar os valores individuais*. Venda Nova: Plátano edições técnicas.
- Cury, A. (2003). *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Editora Sextante.
- Deshaies, B. (1992). *Metodologia da investigação em ciências humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Direção Geral da Educação, M. d. (s.a). *O papel dos pais no processo de orientação*. Lisboa: Direção Geral da Educação, Ministério da Educação e Ciência.
- Esteves, M., Estrela, M. T., & Rodrigues, Â. (2002). *Estrela, M. T., Esteves, M., & Rodrigues, A. (2002). Síntese da investigação sobre a formação inicial de professores em Portugal (1990-2000)*. Porto: Porto Editora/INAFOP. Porto: Porto Editora.
- Fernandes, P. (2000). *A Depressão no Idoso: Estudo da relação entre Fatores Pessoais e Situacionais e Manifestações da Depressão*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos de Investigação Científica*. Lisboa: Monitor-Projetos e Edições Lda.

- Fortin, M.-f. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Fosnot, C. (1996). *Construtivismo e Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- França, L. H., Silva, A. M., & Barreto, M. S. (2010). Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? *Artigos de Reflexão*, 519-531.
- Froebel, F. W. (2001). *A educação do homem*. Rio Grande do sul: Universidad de Passo Fundo.
- Hargreaves, A. (2003). *O Ensino na Sociedade do Conhecimento – A educação na era da insegurança*. . Porto: Porto Editora .
- INE. (2002). O Envelhecimento em Portugal: situação demográfica e sócio-económica recente das pessoas idosas. *Revista de estudos demográficos*, 185-208.
- Jacob, L. (2007). *Animação de idosos*. Porto: Âmbar.
- Lopes, E. S. (2008). *Encontros intergeracionais e a representação social: o que as crianças pensam dos velhos e a velhice*. Holambra- S.P.: Setembro Editora.
- Marques, R. (1998). *A Arte de Ensinar: dos Clássicos aos modelos pedagógicos*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.
- Marques, R. (1999). *Modelos Pedagógicos Atuais*. Braga: Plátano Edições Técnicas.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Medeiros, E. O. (2010). *A educação como Projeto: Desafios de Cidadania*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Morissette, D., & Gingras, M. (1999). *Como ensinar atitudes: planificar, intervir, avaliar*. Porto: Porto Editora.

- Oliveira-Formosinho, J. (2013). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância: Construindo uma práxis de participação. Coleção Infância (4ª Edição ed.)*. Porto: Porto Editora.
- Orientações Curriculares para a Educação Pré -Escolar*. (1997). Lisboa: Ministério da Educação.
- Osório, A. R., & Pinto, F. C. (2007). *As Pessoas Idosas: Contexto Social e Intervenção Educativa*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Projeto Educativo. (2014-2017). *Agrupamento de escolas Dr. António Augusto Louro*.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- organiSá-Chaves, I. (2009). *Portfolios reflexivos estratégia de formação e supervisão*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Santos, L. F. (2000). *O ensino da História e a Educação para a Cidadania: Concepções e práticas de professores*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Santos, M. E. (2005a). *Que cidadania?* Lisboa: Santos-Edu.
- Santos, M. E. (2005b). *Que educação?* Lisboa: Santos-Edu.
- Scalabrin, I. C., & Molinari, A. M. (2013). A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. *Revista Científica UNAR*, s.p.
- Sequeira, C. (2010). *Cuidar de idosos com dependência física e mental*. Lisboa: Lidel-Edições Técnicas.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares da educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Smith, P. K., Cowie, H., & Blades, M. (2001). *Compreender o desenvolvimento da criança*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação: bases psicopedagógicas* (Vol. 1º volume). Lisboa: Instituto Piaget.
- Stake, R. E. (2009). *A arte da investigação com estudos de caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tedesco, J. C. (1999). *O novo pacto educativo*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leites.
- Unesco. (1994). *Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Unicef. (1990). *Convenção dos Direitos da Criança*.
- Vasconcelos, T. (2009). *Prática Pedagógica Sustentada. Cruzamento de saberes e de competências*. Lisboa: Colibri.
- Zabalza, M. (2004). *O ensino superior universitário: seu cenário e seus protagonistas*. Porto Alegre: Artmed.

Webgrafia

<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/inter-> in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. Consultado em 23 de maio de 2017 às 16.45h.

<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/geracional-> in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. Consultado em 23 de maio de 2017 às 17.00h.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/inf%C3%A2ncia> consultado em 20-09-2017 às 19.15h

Legislação consultada

Decreto-Lei n.º 46/86 D.R. nº 237, Série I. Lei de Bases do Sistema Educativo
Lisboa: Imprensa Nacional.

Decreto-Lei n.º 139/2012 D.R. nº 129, Série I. Princípios orientadores da
organização e da gestão dos currículos dos ensinos básico e secundário. Lisboa:
Imprensa Nacional.

Decreto-lei nº 43/2007 D.R. nº3, série I. Regime jurídico da habilitação
profissional para a docência na educação pré-escolar e nos ensinos básico e
secundário. Lisboa: Imprensa Nacional

Anexos

ANEXO I
LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA – REPOSITÓRIO
COMUM



Instituto
PIAGET

ANEXO I
LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA – REPOSITÓRIO
COMUM

Ao depositar no Repositório Comum, os autores devem concordar com a seguinte licença de utilização: LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

Ao depositar um documento no Repositório Comum, o/a Sr./Sra.:

Mafalda Maria da Silva Ferreira Meireles

a) Concede à FCCN o direito não-exclusivo de reproduzir, converter (como definido em baixo), disponibilizar, comunicar e/ou distribuir o documento entregue (incluindo o resumo/abstract) em formato digital, no quadro e para os fins e objetivos do projeto RCAAP.

b) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder à FCCN os direitos referidos na alínea anterior ou que obteve do respetivo titular as necessárias permissões para essa concessão.

c) Declara que a concessão à FCCN dos direitos referidos na alínea a), não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade e que o conteúdo do documento disponibilizado não viola direitos de terceiros.

d) Declara acautelar que os documentos por si disponibilizados não contêm informações sigilosas ou confidenciais relativas à sua atividade educativa ou profissional, nomeadamente em termos de marcas, patentes ou segredos industriais ainda não registados ou atribuídos pelas entidades competentes.

e) Declara que os documentos contêm todas as referências bibliográficas, editoriais, e a referência aos respetivos programas financiadores e apoios institucionais (se aplicável).

A FCCN identificará claramente o(s) autor(es) do documento entregue, e não fará qualquer alteração, para além das permitidas por esta licença.

O autor pode solicitar que o seu documento seja retirado do Repositório Comum.

Data: 23/10/2017

Assinatura:

Mafalda Maria da Silva Ferreira Meireles

ANEXO II

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE DEPÓSITO NO REPOSITÓRIO COMUM



Instituto
PIAGET

ANEXO II

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE DEPÓSITO NO REPOSITÓRIO COMUM

Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto

Considerando que a legislação em vigor referente ao depósito legal de dissertações e teses - artigo 50.º, do Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto, obriga ao depósito de uma cópia digital das teses e outros trabalhos de doutoramento e das dissertações de mestrado num repositório integrante da rede RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal, Mafalda Maria da Silva Ferreira Meireles

Portador do Cartão de Cidadão n.º 11104392,

Autor do Trabalho de Projeto / Relatório Final / Dissertação de Mestrado

Intitulado/a: Qual o contributo das relações intergeracionais para a aprendizagem de valores e atitudes em crianças dos 3 aos 10 anos- um estudo de caso,

Concluído/a em 23/10/2017,

Declaro, sob compromisso de honra, que:

1. O Trabalho de Projeto / Relatório final / Dissertação entregue e que conduziu à atribuição do grau é um trabalho original e detenho todos os direitos de autor;
2. Concedo ao Instituto Piaget, entidade instituidora da Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada, uma licença não-exclusiva para a/o arquivar e tornar acessível em formato digital no Repositório Comum, ou em qualquer outro repositório que a Instituição venha a utilizar, com o seguinte estatuto:

Acesso aberto

Acesso restrito

Acesso fechado

Acesso Embargado¹ até ___/___/___

Email: libelula48@hotmail.com

Contacto tlf: 966473427

Data: 23/10/2017

Assinatura: Mafalda Maria da Silva Ferreira Meireles

¹Após a data indicada, o documento fica disponível em Acesso Aberto.

Anexo III: Guiões de Entrevista

A. Guião de entrevista da Educadora de Infância e Professora de 1º Ciclo do Ensino Básico

	Temas	Objetivos	Tópicos	Questões
A	Informação dos objetivos da entrevista no âmbito da investigação em curso; Autorização para realizar e gravar entrevista; Anonimato e confidencialidade;	Informar sobre os objetivos desta entrevista no âmbito da investigação em curso, referindo o caráter de uma recolha de dados ao nível das perceções e opiniões do entrevistado, não existindo respostas certas ou erradas; Solicitar autorização para gravar a entrevista; Garantir o anonimato e confidencialidade;		
B	Dados identificativos do entrevistado		- Idade - Habilitações	- Qual é a sua idade? - Qual é a sua formação?
C	Conceções: Perspetivas, funções e desempenho; Alterações na sociedade.	Saber qual a conceção de infância do entrevistado; Saber qual a conceção de valores do entrevistado; Saber a conceção de atitudes do entrevistado; Saber, na perspetiva do entrevistado, se considera que houve alteração das atitudes e valores das crianças ao longo dos tempos;	Conceção de infância, de valores e de atitudes na perspetiva do entrevistado; Perspetiva do entrevistado no que se refere à mudança de atitudes e valores ao longo do tempo. Perspetiva do entrevistado sobre os fatores que provocaram alterações na mudança de atitudes e valores.	-O que entende por infância? -Qual a diferença entre valores e atitudes? -Considera que os valores e as atitudes do ser humano e nomeadamente as crianças sofreram alterações ao longo dos tempos? -Se sim, quais as alterações na sociedade que provocaram essa mudança?

		<p>Saber quais foram as alterações, na sociedade, que interferiram com as atitudes e valores das crianças de hoje;</p> <p>Saber quem é responsável por transmitir valores às crianças;</p> <p>Que alterações deveriam haver na sociedade para que as atitudes das crianças pudessem ser alteradas.</p>	<p>Perspetiva do entrevistado sobre quem deve ser transmissor de atitudes e valores às crianças.</p> <p>Perspetiva do entrevistado sobre as alterações na sociedade que possam alterar atitudes e valores na atualidade.</p>	<p>- O que poderíamos fazer para alterar a sociedade e conseqüentemente mudar mentalidades?</p> <p>-Quem considera ser responsável por transmitir valores às crianças que lhes permitam crescer de uma forma consciente com espírito cívico e democrático?</p>
D	<p>Importância da escola, das atividades educativas.</p> <p>Identificação de comportamentos;</p> <p>Atitudes adotadas.</p>	<p>Perceber qual a importância da Escola para a aprendizagem de valores;</p> <p>Saber se a promoção de atividades educativas podem promover a aquisição de atitudes e valores;</p> <p>Saber se no seu grupo de trabalho existem comportamentos e atitudes desajustados;</p> <p>Saber que atitudes adota perante estas atitudes;</p> <p>Saber que atividades promove para potenciar a aprendizagem de atitudes e valores e seu contributo.</p>	<p>Perspetiva do entrevistado sobre a importância da escola.</p> <p>Escola enquanto promotora de aquisição atitudes e valores.</p> <p>Identificar no grupo comportamentos desajustados;</p> <p>Atitudes adotadas;</p> <p>Contributo das atividades que são promovidas no contexto escolar.</p>	<p>-Considera que a escola tem o dever de transmitir os valores necessários para que as atitudes das crianças se alterem?</p> <p>-A promoção de atividades educativas pode ser um recurso eficaz para a aquisição de valores que potenciem atitudes conscientes e cívicas?</p> <p>-No seu grupo, verifica comportamentos desajustados e com atitudes desadequadas?</p> <p>-Que atitude adota perante estes comportamentos?</p> <p>-Que atividades promove que potenciem a aprendizagem de valores e atitudes?</p>

				-Que alterações verifica no comportamento das crianças após a realização dessas atividades?
E	Concepções, perspectivas sobre trabalho realizado.	Saber qual a concepção sobre envelhecimento na perspectiva do entrevistado; Saber qual a perspectiva de envelhecimento ativo do entrevistado; Saber qual a concepção de relações intergeracionais do entrevistado; Saber qual o contributo que as relações intergeracionais podem ter na aprendizagem de atitudes e valores; Saber o que pensa das atividades realizadas com o grupo; Saber que alterações verificou e que reações as crianças demonstraram.	Perspetivas de envelhecimento e envelhecimento ativo; Concepção de relações intergeracionais; Perspetiva sobre as relações intergeracionais, Perspetiva sobre atividades intergeracionais; Avaliação das atividades realizadas; Avaliação das reações das crianças.	-O que entende por envelhecimento? -Qual a diferença entre envelhecimento e envelhecimento ativo? -O que são relações intergeracionais? -Que contributo podem ter as relações intergeracionais para a aprendizagem de valores de cidadania, por parte das crianças? -Considera que as atividades realizadas, no âmbito de estágio, envolvendo os idosos e as crianças foram benéficas? -Que alterações verificou no comportamento das crianças? -Quais as reações que estas descreveram?
F	Agradecimento	Perguntar se têm alguma coisa a acrescentar ou se gostariam de salientar algum aspeto que não foi contemplado nas questões; Agradecer a disponibilidade.		

B. Guião de entrevista da animadora sociocultural do Centro de dia

	Temas	Objetivos	Tópicos	Questões
A	<p>Informação dos objetivos da entrevista no âmbito da investigação em curso; Autorização para realizar e gravar entrevista; Anonimato e confidencialidade;</p>	<p>Informar sobre os objetivos desta entrevista no âmbito da investigação em curso, referindo o caráter de uma recolha de dados ao nível das perceções e opiniões do entrevistado, não existindo respostas certas ou erradas;</p> <p>Solicitar autorização para gravar a entrevista;</p> <p>Garantir o anonimato e confidencialidade.</p>		
B	Dados identificativos do entrevistado.		<p>- Idade;</p> <p>- Habilitações.</p>	<p>- Qual é a sua idade?</p> <p>- Qual é a sua formação?</p>
C	<p>Conceções;</p> <p>Perspetivas, funções e desempenho;</p> <p>Alterações na sociedade.</p>	<p>Saber qual a conceção de infância do entrevistado;</p> <p>Saber qual a conceção de valores do entrevistado;</p> <p>Saber a conceção de atitudes do entrevistado;</p> <p>Saber, na perspetiva do entrevistado, se considera que houve alteração das</p>	<p>Conceção de infância, de valores e de atitudes na perspetiva do entrevistado;</p> <p>Perspetiva do entrevistado no que se refere à mudança de atitudes e valores ao longo do tempo;</p>	<p>-O que entende por infância?</p> <p>-Qual a diferença entre valores e atitudes?</p> <p>-Considera que os valores e as atitudes do ser humano e nomeadamente as crianças sofreram alterações ao longo dos tempos?</p> <p>-Se sim, quais as alterações na sociedade que provocaram essa mudança?</p>

		<p>atitudes e valores das crianças ao longo dos tempos;</p> <p>Saber quais foram as alterações, na sociedade, que interferiram com as atitudes e valores das crianças de hoje;</p> <p>Saber quem é responsável por transmitir valores às crianças;</p> <p>Que alterações deveriam haver na sociedade para que as atitudes das crianças pudessem ser alteradas.</p>	<p>Perspetiva do entrevistado sobre os fatores que provocaram alterações na mudança de atitudes e valores;</p> <p>Perspetiva do entrevistado sobre quem deve ser transmissor de atitudes e valores às crianças;</p> <p>Perspetiva do entrevistado sobre as alterações na sociedade que possam alterar atitudes e valores na atualidade.</p>	<p>- O que poderíamos fazer para alterar a sociedade e conseqüentemente mudar mentalidades?</p> <p>-Quem considera ser responsável por transmitir valores às crianças que lhes permitam crescer de uma forma consciente com espírito cívico e democrático?</p>
D	<p>Importância da escola, das atividades educativas;</p> <p>Identificação de comportamentos;</p> <p>Atitudes adotadas.</p>	<p>Perceber qual a importância da Escola para a aprendizagem de valores;</p>	<p>Perspetiva do entrevistado sobre a importância da escola.</p> <p>Escola enquanto promotora de aquisição atitudes e valores.</p>	<p>-Considera que a escola tem o dever de transmitir os valores necessários para que as atitudes das crianças se alterem?</p> <p>-A promoção de atividades educativas pode ser um recurso eficaz para a aquisição de valores que potenciem atitudes conscientes e cívicas?</p>
E	<p>Conceções, perspetivas sobre trabalho realizado.</p>	<p>Saber qual a conceção sobre envelhecimento na perspetiva do entrevistado;</p>	<p>Perspetivas de envelhecimento e envelhecimento ativo;</p>	<p>-O que entende por envelhecimento?</p> <p>-Qual a diferença entre envelhecimento e envelhecimento ativo?</p>

	<p>Saber qual a perspectiva de envelhecimento ativo do entrevistado;</p> <p>Saber qual a concepção de relações intergeracionais do entrevistado;</p> <p>Saber qual o contributo que as relações intergeracionais podem ter na aprendizagem de atitudes e valores;</p> <p>Saber o que pensa das atividades realizadas com o grupo;</p> <p>Saber que alterações verificou e que reações as crianças demonstraram.</p>	<p>Concepção de relações intergeracionais;</p> <p>Perspetiva sobre as relações intergeracionais,</p> <p>Perspetiva sobre atividades intergeracionais;</p> <p>Avaliação das atividades realizadas;</p> <p>Avaliação das reações das crianças.</p>	<p>-O que são relações intergeracionais?</p> <p>-Que contributo podem ter as relações intergeracionais para a aprendizagem de valores de cidadania, por parte das crianças?</p> <p>-Considera que as atividades realizadas, no âmbito de estágio, envolvendo os idosos e as crianças foram benéficas?</p> <p>-Que alterações verificou no comportamento das crianças?</p> <p>-Quais as reações que estas descreveram?</p>
Agradecimento	<p>Perguntar se têm alguma coisa a acrescentar ou se gostariam de salientar algum aspeto que não foi contemplado nas questões;</p> <p>Agradecer a disponibilidade.</p>		

C. Guião de entrevista das crianças

	Temas	Objetivos	Tópicos	Questões
A	Informação dos objetivos da entrevista no âmbito da investigação em curso; Autorização para realizar e gravar entrevista; Anonimato e confidencialidade;	Informar sobre os objetivos desta entrevista no âmbito da investigação em curso, referindo o caráter de uma recolha de dados ao nível das perceções e opiniões do entrevistado, não existindo respostas certas ou erradas; Solicitar autorização para gravar a entrevista; Garantir o anonimato e confidencialidade;		
B	Dados identificativos do entrevistado		- Idade	- Qual é a tua idade?
C	Perspetivas. Perspetivas sobre trabalho realizado.	Saber qual a atividade realizada. Saber qual a perspetiva das crianças sobre as atividades realizadas.	Perspetiva do entrevistado sobre as atividades realizadas; Considerações sobre as atividades realizadas; Descrição, em palavras, dos sentimentos aquando das atividades; Perspetiva do entrevistado sobre a importância das atividades;	-Lembras-te da atividade que realizámos com os idosos? O que fizemos? -O que achaste dessa atividade? -Gostaste de ir ao centro de dia? Porquê? -O que gostaste mais de fazer quando fomos ao Centro de dia e estivemos reunidos com os idosos? -Se tivesses que dizer numa palavra o que sentiste quando fizemos a visita aos idosos qual seria?

			<p>Perspetiva do entrevistado sobre valores e atitudes aprendidos durante as atividades;</p> <p>Perspetiva do entrevistado sobre a importância dos encontros intergeracionais para a transmissão de atitudes e valores.</p>	<p>-Achas importante fazer atividades com e para os idosos? Porquê?</p> <p>-Aprendeste alguma coisa com os idosos sobre os valores e as atitudes que deves ter?</p> <p>-Achas que é importante que as pessoas mais velhas te ensinem algumas das suas aprendizagens?</p>
D	Agradecimento	<p>Perguntar se têm alguma coisa a acrescentar ou se gostariam de salientar algum aspeto que não foi contemplado nas questões.</p> <p>Agradecer a disponibilidade</p>		

D. Guião de entrevista dos idosos

	Temas	Objetivos	Tópicos	Questões
A	Informação dos objetivos da entrevista no âmbito da investigação em curso; Autorização para realizar e gravar entrevista; Anonimato e confidencialidade;	Informar sobre os objetivos desta entrevista no âmbito da investigação em curso, referindo o caráter de uma recolha de dados ao nível das perceções e opiniões do entrevistado, não existindo respostas certas ou erradas; Solicitar autorização para gravar a entrevista; Garantir o anonimato e confidencialidade;		
B	Dados identificativos do entrevistado	Conhecer o entrevistado/a;	- Idade.	- Qual é a Sua idade?
C	Perspetivas. Perspetivas sobre trabalho realizado. Perspetiva dos entrevistados	Saber qual a atividade realizada; Saber qual a perspetiva do entrevistado sobre as atividades realizadas. Saber quais os valores e atitudes trabalhados nos encontros intergeracionais.	Perspetiva do entrevistado sobre as atividades realizadas; Considerações sobre as atividades realizadas; Descrição, em palavras, dos sentimentos aquando das atividades; Perspetiva do entrevistado sobre a importância das atividades;	Lembra-se da atividade que realizámos com as crianças? O que fizemos? -O que achou dessa atividade? -Gostou de fazer a atividade com e para as crianças? Porquê? -Se tivesse que dizer numa palavra o que sentiu aquando da visita das crianças qual seria essa palavra?

			<p>Perspetiva do entrevistado sobre a importância dos encontros intergeracionais para a transmissão de atitudes e valores;</p> <p>Perspetiva do entrevistado sobre os valores e atitudes trabalhados nas atividades intergeracionais.</p>	<p>-Acha importante fazer atividades com e para as crianças? Porquê?</p> <p>-Acha que são benéficos estes encontros com crianças com o objetivo de lhes ensinarem valores e atitudes tão importantes para que saibam viver em sociedade?</p> <p>-Os encontros com as pessoas idosas são importantes para que haja uma transmissão de atitudes e valores aos mais jovens?</p> <p>-Quais os valores e atitudes que podem ser trabalhados nestes encontros entre as crianças e os idosos?</p>
D	Agradecimento	<p>Perguntar se têm alguma coisa a acrescentar ou se gostariam de salientar algum aspeto que não foi contemplado nas questões.</p> <p>Agradecer a disponibilidade</p>		

Anexo IV: Quadro síntese de análise de conteúdo das entrevistas

A. Quadro síntese de análise de conteúdo da entrevista da professora cooperante do 1º ciclo

1. Dados identificativos	
Perfil da entrevistada	46 Anos, licenciada no curso de professores de 1º ciclo do ensino básico
Local da entrevista:	Na escola, na sala de professores.
Atitude da entrevistada:	A disponibilidade da entrevistada foi evidente em todo o processo. Esta demonstrou bastante receptividade no que se refere à partilha de ideias e conceções sobre a temática abordada.
Comentários ao texto transcrito	O texto transcrito pela investigadora foi revisto posteriormente pela entrevistada com vista ao esclarecimento de qualquer dúvida que tenha surgido no decorrer do mesmo.

2. Conceções. Perspetivas, funções e desempenho. Alterações na sociedade.	
Conceção de infância	A entrevistada refere que é a idade entre ser bebé e adolescente. Esta menciona ainda que é uma idade de aprendizagem e de crescimento.
Conceção da diferença entre valores e atitudes	Na sua conceção, as atitudes são tudo o que fazemos e os valores são o que temos e que se refletem nas atitudes que tomamos. Refere ainda que os valores são a base ou o conceito e a atitude é a ação.
Perspetiva sobre a mudança de atitudes e valores ao longo do tempo.	Respondeu afirmativamente à questão colocada. Refere ainda que os valores e as atitudes que considera importantes nem sempre estão presentes e muitos pais tendem a desvalorizá-los
Perspetiva sobre os fatores que provocaram alterações na mudança de atitudes e valores.	De acordo com a entrevistada as pessoas de hoje tem acesso a demasiadas coisas e tudo lhes é permitido. Não tem noção de limites e também perderam a noção do que é importante tal como a noção de família, de respeito e de regras. Refere ainda que todas estas perdas influenciam os relacionamentos com os pares e também o trabalho realizado na escola.
Perspetiva do entrevistado sobre as alterações na sociedade que possam alterar atitudes e valores na atualidade.	Considera que na escola se aprende e se ensina. Esta última enquanto instituição deverá passar também pela educação, que deveria ser dada em casa primeiramente e sucessivamente ao longo da vida a quando da passagem pelas outras valências de ensino. Refere no entanto que muitas famílias não tem determinados valores e por essa razão não os passam às crianças. Outra questão que referiu foi a falta de tempo dos pais e conseqüente dificuldade de transmissão de valores. Em sua opinião, na escola devem ser verificados os valores globais do grupo e partindo de situações do dia-a-dia que sejam significativas para as crianças, trabalhar as lacunas verificadas. Desta forma acredita que as mentalidades possam alterar-se gradualmente. Defende ainda que a escola deve ter um papel ativo junto dos pais para os consciencializar de atitudes menos positivas que possam ter junto dos seus educandos e que conseqüentemente dificultam o seu trabalho o seu crescimento e a sua aprendizagem.
Perspetiva sobre quem deve ser transmissor de	Refere que será a família primeiramente em cooperação com os restantes agentes educativos que fazem parte da vida das crianças. Defende ainda que embora as famílias se demitam deste papel por não

atitudes e valores às crianças.	terem valores de cidadania que sejam passíveis de transmissão ou por não terem tempo de os transmitir, a escola deve assumir esse papel pois existem valores essenciais para se viver em sociedade.
---------------------------------	---

3. Importância da escola, das atividades educativas. Identificação de comportamentos; Atitudes adotadas.	
Perspetiva do entrevistado sobre a importância da escola.	Considera que deve haver uma parceria com a família para que se consiga obter maiores e melhores resultados no que se refere à aprendizagem de valores e atitudes. Defende ainda que a relação família escola é essencial para que os pais tomem conhecimento das aprendizagens dos filhos das quais por vezes não se conseguem aperceber. Refere que <i>“o ideal é a educação ser dada em casa e ser reforçada depois nas outras partes onde estão: no Jardim-de-infância e na escola”</i> sempre privilegiando a colaboração dos pais que tem influência nas crianças.
Escola enquanto promotora de atividades que potenciem a aquisição atitudes e valores.	Concorda que as atividades dinamizadas pela escola com determinado propósito refletem sempre atitudes e valores que podem levar à mudança de atitudes.
Identificar no grupo comportamentos desajustados	Afirma que que algumas crianças não reconhecem autoridade no adulto, tem falta de limites e de reconhecerem a palavra “não”. Refere que por serem demasiado egocêntricas, as crianças <i>“começam muitas vezes as frases pelo «eu,eu,eu» ...e numa turma somos um «nós» e portanto essas questões tem que ser alteradas.”</i>
Atitudes adotadas;	A entrevistada refere que quando verifica algum comportamento menos próprio chama à atenção e exemplifica através de alguma situação a forma como devem proceder. Reforça ainda o comportamento correto utilizando estratégias diferentes tais como leitura de histórias, ou visualização de pequenos vídeos para tentar que as crianças reflitam sobre as situações se revejam de modo a que percebam que não estão a agir da melhor forma.
Atividades que são promovidas	Refere que tem o cuidado de dinamizar atividades em sala que visam promover atitudes corretas, no âmbito dos valores para a cidadania. Para além da leitura de histórias e apresentação de vídeos também tem o cuidado de receber especialistas da área da psicologia e da área de apoio à família que possam trabalhar estes conceitos com as crianças. Afirma ainda que recorre também às famílias que tem formação nesta área.
Contributo das atividades que são promovidas no contexto escolar	Relativamente a este aspeto refere que <i>“era bom que os ensinamentos atingissem todas as crianças, mas isso não acontece.”</i> Afirma ainda que esta situação se deve ao facto das crianças voltarem novamente as suas realidades em casa onde os valores não são valorizados nem reforçados. Outras das situações que refere é a da própria criança não estar predisposta à mudança, no entanto <i>“se ficar lá qualquer coisa, um dia mais tarde ou pelo menos em algumas situações, eles poderão pensar 2 vezes em vez de terem aquela atitude incorreta.”</i>

4. Concepções; Perspetivas sobre trabalho realizado.	
Perspetivas sobre envelhecimento	<p>Considera que existe o envelhecimento físico que é <i>“inevitável”</i> e o envelhecimento psicológico que se reflete nas atitudes.</p> <p>Refere que contra o físico podemos tentar lutar mas que com o tempo perdemos a batalha mas que o envelhecimento psicológico tem a ver com a personalidade das pessoas e com o meio onde estão envolvidas. Defende a ideia de haver instituições onde existam crianças e idosos em parceria de modo a conseguir que o retardamento do envelhecimento psicológico uma vez que a convivência com os mais novos os fará recordar bons momentos da sua infância e também os seus entes queridos mais pequeninos. Desta forma conseguirão sentir-se mais úteis e ativos.</p>
Diferença entre envelhecimento e envelhecimento ativo	<p>Considera que envelhecimento é quando <i>“as pessoas envelhecem fisicamente e psicologicamente”</i> e que o envelhecimento ativo é quando <i>“as pessoas realmente aceitam que o seu físico vai envelhecendo, mas em termos psicológicos em termos de atitudes tentam estar ativos e tentam participar, e fazer, e estar um bocadinho a contrariar o envelhecimento que naturalmente acontece.”</i></p>
Concepção de relações intergeracionais	<p>Refere que são relações que existem entre várias gerações como por exemplo entre os idosos do Centro de Dia e as crianças. Considera que há sempre um choque entre gerações mas que não terá sempre que ser visto negativamente. Poderá ser uma partilha de vivências entre as gerações intervenientes para demonstrar perspetivas de tempos passados e presentes.</p>
Perspetiva sobre as aprendizagens realizadas com as atividades intergeracionais	<p>Em relação à questão colocada acredita que as crianças poderão aprender valores como o respeito pelos idosos passando a vê-lo como <i>“uma referência e um foco de aprendizagem.”</i></p> <p>Refere também que acabam por saber respeitar o processo de envelhecimento que condiciona comportamentos e capacidades dos mais idosos.</p> <p>Considera ainda que os idosos aprendem a reviver a sua infância, com as crianças e que estas se sentem úteis a que contribuíram para a felicidade dos idosos ao demonstrar gestos de carinho, acabando por mudar atitudes em ambas as gerações.</p>
Avaliação das atividades realizadas	<p>Considera que as atividades realizadas foram muito benéficas.</p> <p><i>“Todo o processo desde a preparação do fatos, à encenação, depois a própria apresentação e depois o convívio e no fundo também o miminho que os idosos tinham preparado com as canções.”</i></p>
Avaliação da alteração das reações das crianças.	<p>Refere que as crianças se lembram com carinho dos idosos quando se faz o balanço das atividades realizadas e que estes se referem aos idosos denotando outro cuidado, valorizando a que aprenderam e o contato com estes. Menciona ainda, que perceberam a importância que tiveram para estes idosos e que se sentiram felizes, emocionados e que se sentiram úteis por terem levado alegria, pois descreveram reações muito positivas.</p>

B. Quadro síntese de análise de conteúdo da entrevista da educadora do grupo de pré-escolar

1. Dados identificativos	
Perfil da entrevistada	54 Anos, bacharel do curso de educadores de infância
Local da entrevista:	Na escola, na sala de professores.
Atitude da entrevistada:	A disponibilidade da entrevistada foi evidente em todo o processo. Esta demonstrou bastante receptividade no que se refere à partilha de ideias e conceções sobre a temática abordada.
Comentários ao texto transcrito	O texto transcrito pela investigadora foi revisto posteriormente pela entrevistada com vista ao esclarecimento de qualquer dúvida que tenha surgido no decorrer do mesmo.

2. Conceções. Perspetivas, funções e desempenho. Alterações na sociedade.	
Conceção de infância	A entrevistada descreve o conceito de infância como sendo um estado que depende das crianças. Refere ainda que é uma fase da vida que acaba dependendo da criança em si.
Conceção da diferença entre valores e atitudes	Na sua conceção, os valores são o que é transmitido e as atitudes são o que as pessoas fazem na realidade.
Perspetiva sobre a mudança de atitudes e valores ao longo do tempo.	Respondeu afirmativamente à questão colocada.
Perspetiva sobre os fatores que provocaram alterações na mudança de atitudes e valores.	De acordo com a entrevistada as novas tecnologias a televisão e o facto de os pais não poderem estar tão presentes devido aos seus empregos colocando as crianças cada vez mais cedo nos centros de apoio à família e jardins-de-infância, são fatores que influenciaram significativamente estas alterações. Refere ainda que as famílias de hoje perderam muitos dos valores e dessa forma não os podem transmitir às crianças. A preocupação de hoje em dia é darem-lhes “ <i>tudo menos o que é importante: atenção.</i> ”
Perspetiva do entrevistado sobre as alterações na sociedade que possam alterar atitudes e valores na atualidade.	Considera que é tudo uma questão de educação. Era necessário conseguir educar inculcando de tal maneira os valores necessários para que as novas gerações conseguissem mudar mentalidades. Afirma que a curto prazo não se consegue terão mesmo que ser as novas gerações a mudar.
Perspetiva sobre quem deve ser transmissor de atitudes e valores às crianças.	Afirma que “ <i>neste momento só a escola.</i> ” Quando questionada “mas acha que é a função da escola?” responde negativamente. Refere que esta é função dos pais mas que estes na sua maioria se demite e entregam esta incumbência à escola.

3. Importância da escola, das atividades educativas. Identificação de comportamentos; Atitudes adotadas.	
Perspetiva do entrevistado sobre	Relativamente à questão colocada considera que a escola acaba por ter essa função mas não é esse o seu dever.

a importância da escola.	
Escola enquanto promotora de atividades que potenciem a aquisição atitudes e valores.	Responde afirmativamente.
Identificar no grupo comportamentos desajustados	Afirma que verifica muitos comportamentos desajustados no seu grupo.
Atitudes adotadas;	Refere que que tenta alterar estes comportamentos conversando e tentando fazer ver que não são as atitudes que tiveram não são corretas.
Atividades que são promovidas	Refere que a partilha é uma constante nas atividades que dinamiza nomeadamente através das conversas em grande grupo que permitem às crianças partilhar as suas ideias e experiências. A leitura de histórias é também uma constante tentando com esta estratégia dar ênfase às atitudes corretas.
Contributo das atividades que são promovidas no contexto escolar	Relativamente a este aspeto refere que embora estas atividades produzam algum efeito não são <i>“aqueles que deveria produzir porque cai em saco roto porque depois de chegar a casa nada disso funciona.”</i>

4. Concepções; Perspetivas sobre trabalho realizado.	
Perspetivas sobre envelhecimento	Considera que o envelhecimento é mais fisiológico e físico. Refere também que não sente envelhecimento talvez por conviver com as crianças.
Diferença entre envelhecimento e envelhecimento ativo	Inicialmente refere que não sabe a diferença mas depois de pensar um pouco afirma que o envelhecimento ativo é quando as pessoas se sentem mesmo velhas. Volta a referir que embora tenha a idade de muitos dos avós dos seus meninos não se sente velha.
Concepção de relações intergeracionais	Refere que considera ter este tipo de relação com as crianças do seu grupo uma vez que tem idade para ser avó destas crianças, tentando assim transmitir valores e ensinamentos que considera importantes.
Perspetiva sobre as aprendizagens realizadas com as atividades intergeracionais	Considera que foram muito positivas.
Avaliação das atividades realizadas	Refere que foram muito positivas para ambas as partes.
Avaliação da alteração das reações das crianças.	Menciona que as crianças consideram os idosos como avozinhos e que estas revelam perceberam as fragilidades e a falta de capacidades destas pessoas. Considera por isso que estas atividades foram muito positivas uma vez que as crianças demonstraram ter aprendido alguma coisa sobre atitudes e valores.

C. Quadro síntese de análise de conteúdo da entrevista à Animadora sociocultural do Centro de Dia

1. Dados identificativos	
Perfil da entrevistada	42 Anos, Psicóloga
Local da entrevista:	Na biblioteca do Centro de Dia
Atitude da entrevistada:	A disponibilidade da entrevistada foi evidente em todo o processo. Esta demonstrou bastante receptividade no que se refere à partilha de ideias e conceções sobre a temática abordada e mostrou-se disponível para qualquer atividade ou esclarecimento futuro.
Comentários ao texto transcrito	O texto transcrito pela investigadora foi revisto posteriormente pela entrevistada com vista ao esclarecimento de qualquer dúvida que tenha surgido no decorrer do mesmo.

2. Conceções. Perspetivas, funções e desempenho. Alterações na sociedade.	
Conceção de infância	Sorrindo, a entrevistada refere que esta é uma fase de aprendizagem e <i>"de partilha de muita coisa"</i> .
Conceção da diferença entre valores e atitudes	Na sua conceção, os valores são as coisas que as crianças aprendem com os pais enquanto educadores e também com os professores. As atitudes por seu lado tem a ver com aquilo que as crianças fazem dependendo dos valores adquiridos. Refere ainda que as atitudes são as <i>"nossas ações em relação aquilo que nós aprendemos"</i> .
Perspetiva sobre a mudança de atitudes e valores ao longo do tempo.	Considera que as atitudes e valores tem sofrido alterações ao longo dos anos pois existem valores que já não são passados.
Perspetiva sobre os fatores que provocaram alterações na mudança de atitudes e valores.	De acordo com a entrevistada a falta de tempo e o stress em que os pais vivem não permite fazer um acompanhamento tão próximo das crianças e esta situação é agravada pelo facto dos avós muitas das vezes não estarem presentes.
Perspetiva do entrevistado sobre as alterações na sociedade que possam alterar atitudes e valores na atualidade.	A entrevistada refere a importância de uma maior partilha entre os idosos e as crianças promovendo ações e atividades intergeracionais. Considera que os idosos tem muitas experiências e vivências que poderiam ser partilhadas favorecendo assim as aprendizagens das crianças. Refere ainda que os pais deveriam ter mais tempo disponível para os filhos.
Perspetiva sobre quem deve ser transmissor de atitudes e valores às crianças.	Afirma que, primeiramente, os pais são os responsáveis por esta tarefa, no entanto os professores também tem um papel fundamental uma vez que as crianças passam maior parte do tempo do seu dia na escola. No final reitera que esta transmissão deve partir de casa.

3. Importância da escola e das atividades educativas.	
Perspetiva do entrevistado sobre a importância da escola.	Refere que a escola tem um papel fundamental uma vez que as crianças aí passam a maior parte do seu dia. Considera no entanto que deve haver uma parceria e um trabalho entre as famílias e a escola nem

	que para isso seja necessário os pais voltarem à escola pois só assim se consegue alcançar resultados positivos.
Escola enquanto promotora de atividades que potenciem a aquisição atitudes e valores.	A entrevistada responde afirmativamente à questão colocada e refere que atividades promovidas dentro deste tema são fundamentais pois sendo uma atividade com caráter lúdico possibilita uma aprendizagem mais rápida e eficaz, dos conceitos que se pretende transmitir.

4. Conceções; Perspetivas sobre trabalho realizado.	
Perspetivas sobre envelhecimento	Considera que “existe não só a perda de muitas capacidades mas também é um acumular de conhecimentos.
Diferença entre envelhecimento e envelhecimento ativo	Refere que envelhecimento é a perda de capacidades e de saber aproveitar aquilo que a vida nos ensinou. Por sua vez o envelhecimento ativo é utilizar as capacidades que os restam e partilhar todos os conhecimentos adquiridos ao longo da vida.
Conceção de relações intergeracionais	Afirma categoricamente que era o que gostava que houvesse mais. A sorrir refere que “ <i>é a partilha entre as nossas crianças, os nossos jovens e os nossos idosos</i> ”.
Perspetiva sobre as aprendizagens realizadas com as atividades intergeracionais	Refere que este tipo de atividades são fundamentais e lamenta que hoje em dia as crianças passem cada vez menos tempo com os seus avós que em tempos áureos tinham um papel tão importante na vida dos netos. Considera que os avós não conseguem transmitir os seus conhecimentos aos “ <i>nossos meninos e que se calhar muitos deles iam ser mais respeitadores</i> ”.
Avaliação das atividades realizadas	Refere que foram muito positivas para ambas as partes uma vez que os idosos sentem que estão a dar alguma coisa de si e as crianças ao verem os idosos felizes também se sentem úteis.
Avaliação da alteração das reações dos idosos.	Afirma que no decorrer das atividades e nos dias seguintes se sentem muito felizes e falam imenso dos meninos comentando as habilidades destes. Refere que os idosos gostam de atenção e as crianças dão-lhes essa atenção o que lhes enche o coração e os aconchega.

D. Exemplo de quadro síntese da entrevista a um dos idosos

1. Dados identificativos	
Perfil do/a entrevistado/a	79 Anos, sexo feminino
Local da entrevista:	Na biblioteca do Centro de Dia
Atitude do/a entrevistado/a:	O Interesse da entrevistada foi evidente em todo o processo. Esta demonstrou bastante receptividade no que se refere à partilha de ideias e conceções sobre as atividades realizadas.

2. Perspetivas do/a entrevistado/a sobre as atividades e importância dos encontros intergeracionais.	
Perspetiva do/a entrevistado/a sobre as atividades realizadas	A entrevistada refere que se recorda perfeitamente das atividades realizadas.
Considerações sobre as atividades realizadas	Considera que <i>“foi uma coisa inédita e que pouco se faz. Foi espetacular.”</i>
Descrição, em palavras, dos sentimentos aquando das atividades;	A entrevistada utiliza a palavra “adorei” para descrever como se sentiu durante as atividades com as crianças.
Perspetiva do/a entrevistado/a sobre a importância das atividades;	Afirma que estas atividades são muito boas para as crianças pois ensina-as a saber estar na vida e a enfrentar o mundo.
Perspetiva do/a entrevistado/a sobre a importância dos encontros intergeracionais para a transmissão de atitudes e valores.	Considera que estas atividades são muito importantes na medida em que as crianças aprendem a viver dentro de uma sociedade que nem sempre tem as atitudes mais corretas.
Perspetiva do/a entrevistado/a sobre os valores e atitudes trabalhados nas atividades intergeracionais.	A entrevistada considera que as crianças aprenderam imensas coisas principalmente a ter contato com o mundo exterior que precisa de ser enfrentado sem medos e sem vergonhas. Na sua perspetiva este confronto deve ser feito desde cedo. A entrevistada refere que o contato com os avós nem sempre é possível e que os pais nem sempre tem tempo para os filhos e que nesta atividade as crianças aprendem a conviver com a sociedade e prepara-as para este mundo “que é um tanto ao quanto complicado”.

E. Exemplo de quadro síntese da entrevista a uma das crianças

1. Dados identificativos	
Perfil do/a entrevistado/a	6 Anos, sexo feminino, 1ºciclo
Local da entrevista:	Na sala de apoio.
Atitude do/a entrevistado/a:	O interesse da entrevistada foi evidente em todo o processo. Este demonstrou bastante recetividade no que se refere à partilha de ideias e conceções sobre as atividades realizadas.

2. Perspetivas do/a entrevistado/a sobre as atividades e importância dos encontros intergeracionais.	
Perspetiva do/a entrevistado/a sobre as atividades realizadas	O entrevistado afirma que se lembra das atividades realizadas dizendo que <i>“fizemos um teatro, eles cantaram umas canções e depois fomos ver a quinta as alfaces, os frutos e os animais”</i> .
Considerações sobre as atividades realizadas	Refere que gostou <i>“de tudo e mais alguma coisa”</i> porque os velhotes precisam da ajuda das crianças para muitas coisas. Afirma ainda que devido às suas limitações físicas precisam de mais ajuda.
Descrição, em palavras, dos sentimentos aquando das atividades;	Afirma que gostou muito de fazer as atividades nomeadamente a dramatização. Não consegue descrever numa só palavra o que sentiu quando realizou as atividades mas refere que foi <i>“muito bom”</i> .
Perspetiva do/a entrevistado/a sobre a importância das atividades;	Respondeu afirmativamente quando questionada sobre a importância destas atividades e refere que deveriam ser feitas mais vezes para que os idosos se sintam orgulhosos.
Perspetiva do/a entrevistado/a sobre valores e atitudes aprendidos durante as atividades	Considera que aprendeu muitas coisas.
Perspetiva do/a entrevistado/a sobre a importância dos encontros intergeracionais para a transmissão de atitudes e valores.	Afirma que estes encontros são muito importantes pois as crianças devem saber o que é certo e errado e como os idosos sabem muitas coisas <i>“dos velhos tempos”</i> podem ensinar às crianças.

Anexo V: Registos fotográficos das atividades intergeracionais

A. Preparativos da primeira visita das crianças do pré-escolar, aos idosos



Figura 1. Preparação do cartaz com a receita de bolachas de limão para oferecer aos idosos, feito pelas crianças do pré-escolar

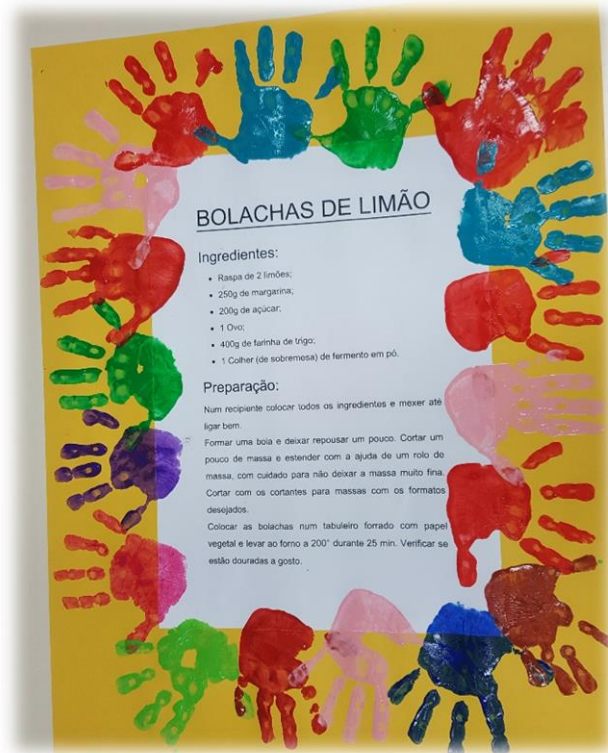


Figura 2: Cartaz com a receita das bolachas de limão



Figuras 3 e 4: Confeção das bolachas de limão para levar aos idosos



B. Primeira visita das crianças do pré-escolar aos idosos do Centro Dia



Figura 5: Convívio com os idosos e distribuição das bolachas de limão pelos idosos



Figura 6: Grupo de cantares a atuar para as crianças do pré-escolar



Figura 7: Oferta da boneca de trapos construída pelos idosos, às crianças do pré-escolar



Figura 8: Visita das crianças do pré-escolar, aos animais da quinta, no Centro de Dia



Figura 9: Visita das crianças do pré-escolar, à horta do Centro de dia

C. Segunda visita das crianças de pré-escolar aos idosos do Centro de Dia



Figura 10: Preparação das crianças do pré-escolar para a dramatização da história "Os três Reis Magos"



Figura 11: Preparação das crianças do pré-escolar para a dramatização da história " Os três Reis Magos"



Figura 12: Dramatização da história "Os Três Reis Magos" com as crianças do pré-escolar e os idosos



Figura 13: Dramatização da história "Os Três Reis Magos" com as crianças do pré-escolar e os idosos



Figura 14: Dramatização da história "Os Três Reis Magos" com as crianças do pré-escolar e os idosos

D. Visita das crianças do 1º ciclo do ensino básico aos idosos do Centro de Dia



Figura 15: Dramatização da História "O nabo gigante" para os idosos, apresentada pelas crianças do 1º ciclo do ensino básico



Figura 16: Apresentação das personagens interpretadas pelas crianças do 1º ciclo do ensino básico e convívio com os idosos



Figura 17: Atuação do grupo de cantares do Centro de Dia, para as crianças do 1º ciclo do ensino básico



Figura 18: Visita das crianças do 1º ciclo do ensino básico, à horta do Centro de Dia



Figura 19: Visita das crianças do 1º ciclo do ensino básico aos animais da quinta do Centro de Dia

